



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Gustavo Pereira

Diferença e evolucionismo: questões bergsonianas

Rio de Janeiro

2016

Gustavo Pereira

Diferença e evolucionismo: questões bergsonianas



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Ivair Coelho Lisboa R. de N. Itagiba Filho

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCS/A

B499d Pereira, Gustavo.
Diferença e evolucionismo: questões bergsonianas /Gustavo
Pereira. – 2016.
86 f.

Orientador: Ivair Coelho Lisboa R. de N. Itagiba Filho.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Bergson, Henrique Louis, 1859-1941. 2. Filosofia
francesa - Teses. I. Lisboa, Ivair Coelho. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

CDU 1(44)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

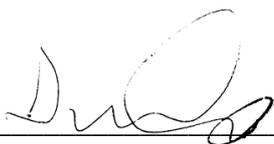
Gustavo Pereira

Diferença e evolucionismo: questões bergsonianas

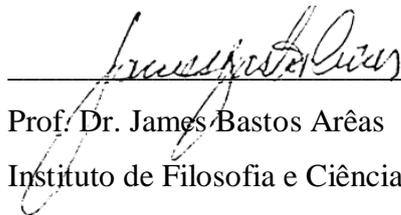
Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Aprovada em 30 de Setembro de 2016.

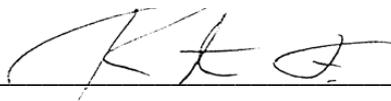
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Ivair Coelho Lisboa R. de N. Itagiba Filho (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ



Prof. Dr. James Bastos Arêas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ



Prof. Dr. Rogério Estevam Farias
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Rio de Janeiro

2016

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, estes agradecimentos vão à minha família, a qual se esforça para reunir, incondicionalmente e desde os primeiros dias da minha vida, as condições necessárias e suficientes para meu bem-estar, para meu crescimento (e eterno crescimento), para minha construção, minha formação e para minha felicidade, e que tem me conduzido, sempre, pelo caminho do amor; família sem a qual não seria possível dizer que a criança que há pouco eu era, certamente estaria orgulhosa do que sou, hoje. À minha família, meu obrigado.

Ao *élan* chamado Ivair, pulso singular do espetáculo que é viver e ímpeto do pensamento, pelo contágio que espalhou sobre mim, colorindo ainda mais o meu maravilhamento pela vida.

Aos professores James Arêas, pela leitura atenta deste trabalho, pelas críticas realizadas, pelas sugestões de material bibliográfico e, principalmente, pelo rigor conceitual estimulado, o que, sem dúvida, contribuiu para que este texto adquirisse consistência e precisão, permitindo tornar-me orgulhoso frente ao empenho realizado; e Rogério Farias, pela sensibilidade com que pôde identificar e transpor as nuances biológicas deste estudo, relacionando-as com as incursões filosóficas de forma cativante. Mas, sobretudo, pela prontidão com que aceitaram compor comigo algum esforço para que meus estudos pudessem render flores e frutos.

A propósito, à todos os meus professores, figuras que marcaram minha trajetória, não apenas nos caminhos acadêmicos, mas por cada sutil detalhe que ecoava de seus ensinamentos, detalhes estes que, sem dúvida, agora compõem minha identidade, se confundem com minha própria pessoa e, assim, de alguma forma, fazem parte deste texto. Este é um obrigado a todos os meus professores, especialmente aos do PPGFil da Uerj, com os quais fui iniciado à Filosofia; e aos professores do curso de Ciências Biológicas da Unirio, todos estes protagonistas da transformação do meu flerte com o tema do evolucionismo numa verdadeira sedução apaixonante pelas mais distintas nuances da evolução da vida.

Aos meus amigos e amigas, cujos laços estabelecidos foram muito mais que importantes para a mútua construção de nossas pessoas, ao longo desses anos. Muito, muito mais que isso, nossas alianças afetivas foram mesmo decisivas para que eu sempre estivesse convicto da minha satisfação em compartilhar com vocês as alegrias e frustrações dos meus dias.

Ao PPGFil da Uerj, sua coordenação, seu corpo docente, como um todo e, nomeadamente, aos secretários Daniel e Andreia, pela pronta atenção e disponibilidade em facilitar as transações burocráticas.

RESUMO

PEREIRA, Gustavo. **Diferença e evolucionismo:** questões bergsonianas. 2016. 86 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A filosofia da diferença pensada por Bergson, em composição com os conceitos de diferenciação e de impulso vital, abre espaço para uma potencialização fundamental acerca da vida e para um alargamento do horizonte do evolucionismo. A diferenciação é a manifestação da força interna à própria vida. Pela diferenciação, qualquer virtualidade potencial pode vir a instanciar-se real e materialmente, reservando e anunciando de forma efetiva sua concretude em existência, sob a forma dos organismos vivos. Paralelamente, Bergson marca o impulso vital como o autor do processo de diferenciação, a possibilidade da expressão da diferença. Portanto, testemunhada pelas distintas formas vivas que prestigiam a existência, é a biologia que melhor nos mostra o processo da diferenciação operando-se, via acontecimento da evolução. Neste sentido, a biologia evolutiva contemporânea estabelece suas bases conceituais para além das ideias de estrutura e de organicidade. É em associação a essas entranhas metafísicas da biologia que as considerações aqui propostas ganham relevância de estudo. Pensada a partir de Bergson, a evolução da vida se situa precisamente entre a diferenciação e o impulso vital, privilegiando certo vitalismo em detrimento de um mero aspecto orgânico. Assim, o plano da diferenciação é exatamente o que se entende por evolução. Evoluir é transformar-se, atualizar-se; é, num panorama geral, instaurar novas composições, assumir novidades vitais. O desdobramento da diferença, tomado enquanto processo, conduz, então, a um incessante movimento de atualização da potência da vida, sob as mais diversas formas e linhagens biológicas, ao longo do tempo, isto é, conduz à sua evolução. Por conseguinte, as linhagens evolutivas passam a ser, verdadeiramente, uma trama imbricada de potências afirmativas do impulso da vida, perdendo, com isso, seu caráter linear ilusório, sua concepção enquanto progressão em melhoramentos. O evolucionismo, enfim, deixa de se estabelecer em termos estruturais, restando-o apenas a conveniência da consistência no âmbito das tendências vitais. Através de tal desdobramento, a concepção da diferença bergsoniana situada como marca do evolucionismo protagoniza o processo biológico inesgotável de criação do inédito viável, ou seja, a natureza da diferença pura se encaminha, em última instância, à produção infinita de sistemas vivos exclusivos e originais. Como resultado dessa interpretação da natureza da diferença em Bergson, a noção de evolução torna a ideia de vida mais versátil, bela e aprazível. A vida, nesta concepção, é uma expressão do tempo, e se faz como acidente à diferença, ao passo que o evolucionismo é sua perspectiva panorâmica, ao exibir possíveis das manifestações e composições materiais do vivo, sob a dinâmica da natureza. Sob este viés, uma nova interpretação da vida foi alcançada, ao estabelecer apenas uma relação com a viabilidade para o vivo. Adicionando-se a ideia de diferença como referência de fundamento à evolução da vida, torna-se possível estender o fundo da evolução biológica: ao lado da adaptabilidade dos organismos vivos às circunstâncias ambientais objetivas, está a potência inerente da diferença interna à própria vida, seu *élan* vital, estruturando novos planos de possibilidades para a eterna criação de composições do vivo. Este olhar sobre a diferença é a novidade na filosofia de Bergson. Este é o triunfo da concepção da diferença bergsoniana.

Palavras-chave: Bergson. Diferença. Diferenciação. Evolução. Vida.

RÉSUMÉ

PEREIRA, Gustavo. **Différence et évolutionnisme**: questions bergsoniennes. 2016. 86 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

La philosophie de la différence pensée par Bergson, conjointement avec des concepts de différenciation et d'élan vital, laisse l'espace à une optimisation fondamentale de la vie et à une extension de l'horizon de l'évolutionnisme. La différenciation est la manifestation de la force interne à la vie elle-même. Selon la différenciation, quelque virtualité potentielle peut venir instancier réellement et matériellement, en réservant et en annonçant effectivement sa concrétude dans l'existence sous la forme d'organismes vivants. En même temps, Bergson marque l'élan vital comme l'auteur du processus de différenciation, la possibilité de l'expression de la différence. Ainsi est la biologie qui nous révèle mieux le processus de différenciation en cours d'évolution, témoignant par diverses formes de vie qui privilégient l'existence. En ce sens, la biologie de l'évolution contemporaine établit ses bases conceptuelles au-delà des idées de structure et de organicité. En association avec ces entrailles métaphysiques de la biologie, les considérations proposées ici deviennent une étude pertinente. Conçue à partir de Bergson, l'évolution de la vie se situe justement entre la différenciation et l'élan vital, en favorisant certain vitalisme plutôt qu'un simple aspect organique. De cette façon, le plan de la différenciation est précisément ce que l'on entend par évolution. Évoluer consiste en se transformer, en s'actualiser ; d'une manière générale, est établir de nouvelles compositions, est admettre de nouvelles vitales. Le déploiement de la différence, pris comme un processus, conduit à un constant mouvement de mettre à jour de la puissance de la vie, sous les formes les plus diverses et les lignages biologiques au fil du temps, c'est-à-dire, il conduit à son évolution. En conséquence, les lignées évolutives deviennent vraiment une trame entrelacée des puissances affirmatives d'élan de vie, en perdant, donc, son caractère linéaire illusoire, sa conception pendant qu'améliorations dans la progression. L'évolutionnisme, finalement, quitte des termes structurels, ne lui laissant que la commodité de la consistance en rapport des tendances vitales. Le concept de différence de Bergson situé comme une marque de l'évolutionnisme réalise le processus biologique inépuisable de création de l'inédit viable, c'est-à-dire, la nature de la pure différence se dirige, en définitive, vers une production infinie des systèmes vifs exclusifs et originiaux. À la suite de cette interprétation de la nature de la différence de Bergson, le concept d'évolution rend la vie une caractéristique plus polyvalente, belle et agréable. La vie, dans cette conception, est une expression du temps, et se passe comme un accident à la différence, tandis que l'évolutionnisme est sa perspective panoramique, qui confirme de possibles manifestations et des compositions matériaux du vif, sous la dynamique de la nature. Par ce biais, une nouvelle interprétation de la vie a été atteinte, à n'établir qu'un rapport de convenance à la faisabilité de la vie. En ajoutant la notion de différence comme une référence du fondement à l'évolution de la vie, il est possible d'étendre la base de l'évolution biologique: à côté de la capacité d'adaptation des organismes vivants aux circonstances objectives de l'environnement, on trouve la puissance inhérente de la différence interne à la vie elle-même, son élan vital, qui établit de nouveaux plans de possibilités pour la création éternelle des compositions du vif. Ce regard sur la différence est la nouvelle en philosophie de Bergson. Ceci est le triomphe de la conception de différence de Bergson.

Mots-clés: Bergson. Différence. Différenciation. Évolution. Vie.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	A VIDA E SUA EXPRESSÃO DO TEMPO.....	21
1.1	Vida e Mudança.....	23
1.2	Diferença nas Linhas do Tempo ou o Problema Bergsoniano.....	28
2	A CONCEPÇÃO DA DIFERENÇA BERGSONIANA.....	31
2.1	Élan Vital e Atualização da Vida.....	34
2.2	Diferença Interna.....	38
2.3	Diferenciação.....	44
3	O EVOLUCIONISMO.....	49
3.1	A Concepção Biológica de Evolução.....	52
3.2	Pendências Filosóficas.....	59
4	UMA REINAUGURAÇÃO DA EVOLUÇÃO.....	65
4.1	A Vida como Acidente à Diferença.....	67
4.2	A Trama de Linhagens Evolutivas ou o Misto de Tendências.....	74
4.3	Inauguração de Novidades.....	79
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	85

INTRODUÇÃO

Este início de texto procura traçar um panorama geral do estudo aqui desenvolvido, esclarecendo, antes de todo o corpo teórico que se segue, alguns aspectos circunstanciais envolvidos com esta dissertação.

Neste sentido, faz parte desta seção introdutória, primeiro, um breve registro da trajetória acadêmica do autor, a partir da qual se espera que fiquem esclarecidas, em consequência, a origem e a motivação para a transformação do assunto aqui proposto em um problema de pesquisa relevante; segue-se a isto, oportunamente, uma espécie de apresentação ampla, geral, da temática em torno da qual foi realizado este trabalho; então são apresentados os objetivos pretendidos com este estudo, sua filiação teórica e suas hipóteses mais fundamentais, além de serem postas algumas questões que, eventualmente, orientam e guiam o curso da pesquisa efetuada; finalmente, é posta, em seguida, o que viria a ser uma justificativa para este estudo, procurando dar destaque à sua possível contribuição filosófica. Portanto, esta apresentação funciona como uma prévia para as demais seções seguintes, esboçando e projetando o caminho que será, então, gradualmente trilhado.

Como mencionado, a primeira investida, nesse sentido, está em disparar uma espécie de recuperação dos momentos e acontecimentos mais emblemáticos de minha trajetória acadêmico-profissional, cujo início se deu em 2007, ano em que me tornei discente da Escola de Ciências Biológicas¹ da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pelo título de Licenciatura Plena.

A escolha pelo curso de Biologia e, mais especificamente, pela modalidade Licenciatura, tem uma justificativa toda própria, remontando às minhas indagações e aos meus questionamentos recorrentes na época, isso tudo associado à futura possibilidade de atuação que vislumbrei na figura do professor: sempre tive em mente a indiscutível capacidade de transformação real (pessoal, política e afetiva) que tal figura apresenta. Desta forma, a escolha da modalidade Licenciatura esteve, desde então, solidamente definida.

Após ter iniciado o curso, em pouco tempo pude perceber que as questões mais fundamentais sobre a vida, justamente aquelas que haviam despertado minha curiosidade e me conduzido a estudar Ciências Biológicas eram, senão negligenciadas, efetivamente pouco consideradas no âmbito das disciplinas que compunham tal graduação. Provavelmente como

¹ À época, Escola de Ciências Biológicas (ECB). A partir do ano de 2009, a Escola de Ciências Biológicas da UNIRIO passa a ser chamada de Instituto de Biociências (IBIO).

resultado dessa frustração, percebi, em mim, o afloramento de um interesse por mais um curso de graduação, cujo ângulo de estudo fosse tal que apresentasse um caráter menos técnico e descritivo que o das Ciências Biológicas, e se dispusesse a um viés mais humano ou filosófico. Assim, em 2008, adicionalmente à Biologia, dei início à graduação em Filosofia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), também pelo título de Licenciatura.

No ano seguinte, me senti à vontade para ingressar em alguma atividade de cunho acadêmico-profissional. Foi a partir deste momento, em 2009, que comecei a atuar como bolsista Monitor no Museu Espaço Ciência Viva (ECV), uma organização de Divulgação Científica sem fins lucrativos.

A atividade mais comum do museu se prestava, em linhas gerais, a atender escolas da rede pública e privada, dos diversos segmentos de ensino, com o intuito de desconstruir as eventuais dificuldades teóricas e/ou práticas comumente envolvidas no ensino das ciências naturais, no trabalho com estas chamadas “ciências duras”, servindo-se, para isso, de simples experimentos e outras práticas emblematicamente didáticas sobre os mais diversos assuntos trabalhados por essas referidas áreas.

Além disso, simultaneamente às suas exposições científicas fixas e provisórias, o ECV buscava associar e promover questões de caráter social, mediante problematizações e esclarecimentos quanto à importância de algumas relações entre ciência e sociedade, por meio de projetos majoritariamente associados às Ciências Biomédicas.

No tempo em que estive no ECV, me foi oportunizada uma infinidade de tarefas de mediação com o público escolar e com o público “leigo” em geral, fazendo com que tal trabalho no Museu tenha contribuído inegavelmente e significativamente para meu desenvolvimento em termos de prática docente.

As mediações que desenvolvia nestas atividades de monitoria se assemelhavam a um encontro informal, descontraído, gostoso, mas sempre interessado e comprometido, gerando um ambiente a partir do qual se fazia possível explorar diversos conceitos e fenômenos das ciências biológicas, destacando-se sua relevância social, tecnológica e ambiental. Pode-se considerar que tais mediações eram um sucesso, sob a perspectiva didática, pedagógica ou educacional, como um todo.

No ECV, pude compreender como a curiosidade, o lúdico, o prazeroso e o significativo são aspectos necessários (ainda que tampouco suficientes) ao tratamento da ciência, e como estes aspectos constituem parâmetros no mínimo interessantes para a maneira de se lançar a seu ensino.

As atividades no Museu Espaço Ciência Viva adquiriram proporções maiores que meu cotidiano podia suportar, e isto agravado pelo estudo regular demandado pelos dois cursos de graduação. Ao perceber tal condição, hesitei em abandonar o projeto que desenvolvia na instituição, pois embora as dificuldades práticas de se dedicar ao ECV fossem bastante claras, as atividades lá desenvolvidas eram, ao mesmo tempo, absolutamente satisfatórias, tanto afetiva quanto academicamente. Enfim, em meio a uma turbulência de tarefas, a difícil decisão por deixar o Museu Espaço Ciência Viva foi tomada: no final do ano de 2009, afastei-me do cargo de monitor que exercia. Mesmo após a minha saída oficial da instituição, continuei participando, como voluntário, de algumas atividades promovidas pelo Museu, conforme era possível. Prossegui nesta condição até o início do ano seguinte.

Em 2010, por créditos das disciplinas de Estágio Supervisionado em Ciências e Estágio Supervisionado em Biologia, tornei-me estagiário do Colégio Pedro II, onde permaneci por dois semestres, como previsto. Nesta oportunidade, tive o privilégio de conhecer um pouco mais sobre a organização, planejamento e execução de atividades pedagógicas, numa perspectiva formal e profissional.

Além do contato com a estrutura e a dinâmica escolar propriamente dita, este um ano de estágio no Colégio Pedro II foi decisivo para um amadurecimento docente mais incisivo. Durante minha passagem pelo colégio, organizei grupos de estudos em Biologia (especificamente para as turmas de ensino médio, no contra turno dos estudantes), visando um maior aprofundamento de alguns temas/assuntos da disciplina, que eram trabalhados superficialmente nas aulas regulares; visando também o esclarecimento de dúvidas que muitos dos estudantes apresentavam; a realização coletiva de exercícios de fixação e revisão, etc.

Para surpresa, os grupos de estudos tomaram maiores proporções e permaneceram ativos até o fim do período de estágio. Com essa iniciativa, pude experimentar um contato cotidiano com a ministração de aulas, ainda que extraclasse, em turmas das três séries do ensino médio, o que se configurou uma experiência docente bastante significativa para minha formação enquanto professor de biologia.

Também em 2010, durante o curso de uma disciplina² obrigatória pela Licenciatura em Ciências Biológicas da Unirio, tive a feliz oportunidade de perceber a real e profunda contundência das discussões no campo da Educação. A significação pessoal deste momento foi tamanha que, como resultado desta etapa, tornei-me Monitor bolsista da disciplina de

² Refiro-me à disciplina de Didática, do Departamento de Didática (DID) da Escola de Educação (EE) do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH) da UNIRIO, ministrada, na ocasião, pelo professor Dr. Celso Sánchez Pereira.

Didática (para Biologia), em 2011, função que, com pesar, exerci apenas por um e no último semestre da graduação.

A monitoria em Didática se consolidou, para além de muitas outras experiências, como minha primeira oportunidade efetiva de atuação docente na graduação (neste caso particular, na Licenciatura em Ciências Biológicas). As atividades que pude desenvolver como monitor contaram com a participação na leitura e discussão de textos com as turmas, com a organização de palestras de visitantes, com a elaboração e aplicação de instrumentos para avaliação dos estudantes, etc.

Meu envolvimento como monitor de Didática para Biologia foi tamanho que, por conta da necessidade de elaboração de um relatório de atividades referente a esta monitoria, idealizei, junto do professor orientador, um estudo sobre as diversas e legítimas concepções dos licenciandos acerca das Ciências Biológicas. O enfoque se dava na intenção de explorar e evidenciar a pluralidade de interpretações acerca da Biologia e de seu ensino, as diversas formas que este processo assumia e as particularidades de cada caso.

A necessidade de interromper este estudo, por conta da integralização da graduação, em associação com os promissores e relevantes resultados que a pesquisa vinha sinalizando, configurou-se algo lamentável. Oportunamente, surgiu a possibilidade de transformá-lo num projeto de dissertação de mestrado, e o Programa de Pós-Graduação em Educação da Unirio (PPGEdu), por sua vez, foi uma chance de se dar prosseguimento a alguns determinados aspectos desta mesma pesquisa. Integrei, como aluno de mestrado, o Programa de Pós-Graduação em Educação da Unirio durante os anos de 2012 e 2013, e toda esta investida rendeu-me, felizmente, após 2 anos de estudos, o título de Mestre em Educação.

Minha dissertação, que teve como título *As Ímpares e Plurais Diferenças Individuais no Processo de Formação do Educador*, procurou discutir a importância que a noção de diferença apresenta no processo de formação de professores, pela licenciatura, mais especificamente, propondo a inserção desta ideia como um fundamento para este processo formativo.

Mais especificamente, o estudo se baseou no pensamento freireano sobre formação do professor e, recorrendo à interpretação filosófica do conceito de diferença, propôs a composição desta ideia com tal processo educacional. Numa palavra, a questão da formação docente, mais especificamente a formação do professor de biologia, ao lado da reflexão sobre a importância da noção de diferença para esse processo de formação, foi a temática central em torno da qual girou a dissertação.

À parte a produção do texto dissertativo propriamente dito, a passagem pelo PPGEduc da Unirio me oportunizou um contato mais próximo com o trabalho de pesquisa, o que, inegavelmente, representa um enorme aprendizado. Nesta trajetória, fiz parte, durante os anos de 2012 e 2013, do grupo de pesquisa *Ciência Tecnologia Sociedade e Ambiente*, liderado pelas professoras Dr.^a Guaracira Gouvêa de Sousa e Dr.^a Carmen Irene Correia de Oliveira.

Paralelo a estes estudos, integrei também o *Grupo de Estudos em Educação Ambiental Crítica Desde el Sur* (GEASur), liderado pelo professor Dr. Celso Sánchez Pereira.

Ao longo da pós-graduação na Unirio, a maior fonte de aprendizado no âmbito da prática docente foi a experiência do Estágio Docente. Nessa iniciativa, pude atuar e, assim, vivenciar com clareza a condução das disciplinas de Didática, ministrada no 1º semestre de 2013 ao curso de Ciências Biológicas – Licenciatura; e Ciências Naturais na Educação II, ministrada no 2º semestre de 2013 ao curso de Pedagogia – Licenciatura.

Nos dois semestres de estágio, além da rotina de ministração de aulas, pude ter, efetivamente, alguma participação na concepção, organização e planejamento das referidas disciplinas, atuando diretamente na escolha dos referências teóricos que balizaram a condução dos cursos; na montagem de seus respectivos calendários; liderando a discussão de textos; elaborando instrumentos de avaliação; organizando e realizando saídas de campo; etc. Além destas tarefas de cunho mais prático, pude atuar na orientação dos estudantes a respeito de seus temas para redação do trabalho final de curso, bem como na orientação dos estudantes de forma que fosse possível concretizarmos uma compilação impressa, que reuniu os trabalhos finais das turmas.

Portanto, não é exagerado afirmar que este período de estágio docente representou, ao lado da pesquisa para a dissertação, o componente mais significativo, enquanto prática docente, pelo qual passei durante o mestrado em Educação.

Toda esta alegria e energia investidas na trajetória pela Unirio encontram um duplo igualmente comprometido ao longo da minha passagem pela Uerj, tanto na graduação, quanto na pós-graduação.

Durante todos estes anos, muitas foram as participações em eventos de distintas naturezas, muitas foram as oportunidades de aprendizado, em aulas, palestras, conversas, etc. A atividade que talvez mereça um destaque um pouco mais detido, nessa ocasião, é a minha participação, durante 1 ano, como bolsista PIBID. É que nos trâmites deste percurso, pude ter a oportunidade de atuar, como bolsista de Iniciação à Docência, do projeto *Filmes e Jogos Filosóficos: Filosofando no CAP-Uerj*. O projeto visava a elaboração de material didático

inovador (filmes e jogos), que pudesse ser efetivamente aplicado enquanto recurso didático nas aulas de filosofia do ensino médio.

De qualquer forma, o que se coloca como mais interessante nesta recuperação de trajetória é destacar o benefício do paralelo entre o curso de Filosofia e o curso de Biologia. Esta combinação de perspectivas (uma mais descritiva, objetiva, estruturalista, etc; outra mais fundamental, subjetiva, enfim, filosófica) contribuiu, sem dúvidas, para a construção de uma concepção acerca destes campos de conhecimento que se mostra, afinal, muito mais rica, menos ingênua. Assim, as lições da Filosofia iluminavam e incrementavam as questões da Biologia, ao mesmo tempo em que os assuntos biológicos ressignificavam muitas das perspectivas filosóficas.

Considerando-se tudo isto, é possível afirmar que, à época, minha inserção nestes campos era algo mais ou menos definido. Os assuntos com os quais criava relações e os quais me despertavam interesse eram algo que se situava em algum lugar entre a biologia e a filosofia.

Em verdade, faltava uma espécie de amadurecimento filosófico a partir do qual pudesse ser encontrado algum pensador ou alguma temática que, inicialmente, desse asas às ideias embrionárias por mim pensadas e que, adiante, pudesse sustentar e potencializar o que fora até então esboçado.

Foi por conta de uma disciplina³ da graduação em Filosofia que, em 2008, estive presente na aula do Ivair. Quase que instantaneamente, diante daquela aula ímpar, fui tomado por uma explosão de vontade e de maravilhamento pela filosofia. A partir daquele momento, tornava-se cada vez maior a convicção de avançar com as ideias que aliavam, de um lado, o campo da biologia geral e, de outro, a filosofia. Através da parceria firmada com muita satisfação com Ivair, os estudos tematizando estas questões se tornaram mais sistemáticos, organizados, coesos e mais bem definidos.

Meu caminho nas Ciências Biológicas, aliado a alguma experiência que adquiri nesses anos de estudo de Filosofia, me permitiu um alinhamento e um casamento teórico entre a questão evolutiva, oriunda da Biologia, lida sob uma interpretação propriamente filosófica. É nesta perspectiva, neste entrelaçamento, que nasce o tema de pesquisa que culmina no texto de monografia de fim de curso da graduação em Filosofia, na Uerj.

³ Refiro-me à disciplina Filosofia Geral - Problemas Metafísicos I, do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UERJ, até hoje ministrada pelo professor Dr. Ivair Coelho Lisboa à graduação em Filosofia.

Ainda de certa forma embrionário, o Bergsonismo em relação com a questão da Vida é o assunto em torno do qual se desenvolveu tal estudo, cuja posterior releitura, mais aprofundada, associada a uma intensificação e complexificação da maquinaria conceitual que dá luz a tal proposta, rendeu, atualmente, esta dissertação de mestrado.

A propósito, seguindo-se a esta retrospectiva de trajetória, é oportuno realizar, como também anunciado acima, uma apresentação bastante geral da temática deste texto de dissertação, cujo cerne gira em torno da questão evolutiva, tipicamente biológica, mas concebida, lida ou tomada, nesta ocasião, sob um viés filosófico contemporâneo.

De uma forma geral, este texto trata da contribuição mútua entre a noção metafísica de Diferença, sob a perspectiva de Bergson, e a ideia de Evolucionismo, essa postura científica e filosófica, por assim dizer, de se pensar a vida e a dinâmica de suas manifestações, ao longo do tempo.

A noção de tempo, por sua vez, é a noção basal, no interior da filosofia de Bergson, a partir da qual toda essa investida se constitui como problema filosófico relevante. Descolada da ideia de tempo concebida por Bergson, todo esse investimento soa desvitalizado. O tempo, portanto, é a noção inaugural do movimento aqui pretendido, no qual a mudança da vida, isto é, sua transformação a partir do impulso interno à própria diferença, adquire consistência, realçando a beleza de sua expressividade.

A tentativa subjacente a este movimento está em destacar a legitimidade e a revolução que se mostram possíveis pela composição entre a filosofia da diferença, a partir da contribuição do bergsonismo, e o evolucionismo, isto é, propor uma nova interpretação à noção de evolução, adicionando-se como fundamento para esta a filosofia da diferença concebida por Henri-Louis Bergson.

Neste panorama, a filosofia da diferença de Bergson abre espaço para uma potencialização fundamental acerca da vida e sua evolução, na medida em que encontra na noção pura de diferença o condicionante marcante da consumação do ímpeto vital de virtual em atual. Com isso, Bergson nos informa que a natureza da diferença pura se encaminha, em última instância, a um processo inesgotável de criação.

Ao lado desta dimensão metafísica, a própria expressão da diferença pode ser encontrada nas mais belas e maravilhosas formas de vida que evoluíram e estão a evoluir⁴. (DARWIN, 1859, tradução nossa) Portanto, testemunhada pelas distintas formas vivas que

⁴ Adaptação do trecho final de DARWIN, C. *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. London: John Murray, 1859.

prestigiam a existência, é a biologia, em verdade, que melhor nos mostra o processo disso que se anunciará como sendo a diferenciação, via acontecimento da evolução.

Fugindo às amarras de uma apresentação mais formal, sistemática, mais detida, e se permitindo, agora, a uma fala mais livre, mais direta, vale dizer que é Bergson quem reúne os elementos conceituais requeridos para essa interpretação do evolucionismo. Contando com a versatilidade daquilo que o bergsonismo pensou acerca da vida, destacando sua potência interna, seu ímpeto inerente, isto é, o próprio impulso vital, é possível sobrepor essa camada filosófica ao pensamento evolucionista. E tal composição de camadas enche a evolução da vida de um certo vitalismo, que lhe é urgente, conferindo uma beleza, uma sutilidade ao seu conceito e, ao mesmo tempo, uma contundência ao plano do vivo e à dinâmica das transformações da vida ao longo do tempo.

Numa palavra, para sistematizar o objetivo que se tem em vista, este estudo procura investigar, propor e discutir relações entre o conceito bergsoniano de diferença e a noção de evolução, em sentido amplo, evidenciando em que medida a concepção da diferença em Bergson contribui para uma novidade radical na ideia de evolucionismo, assim como em que sentido a própria noção de evolução lança uma luz sobre sua filosofia da diferença.

O tema agora apresentado e esses objetivos traçados ensejam, de certa maneira, a filosofia de Bergson que se deita, primeiro, sobre sua concepção de tempo, e que se estende, paralelamente, à concepção de diferença que pode ser identificada no pensamento bergsoniano. Essa ideia singular de diferença, que adiante será desdobrada em mais outros elementos conceituais, é essencial para nossa perspectiva de estudo do evolucionismo, porque vitaliza tal conceito, trazendo à tona as minúcias filosóficas que conferem alguma sustentação a essa postura, despertando alguns de seus fundamentos. Isso permite, enfim, a construção coesa da leitura aqui pretendida, realçando uma nova interpretação da vida e sua evolução, precisamente a partir das bases do evolucionismo.

Mais que isso, essa base bergsoniana, que enxerga na ideia de diferença uma potência para uma leitura nova, singular, da evolução da vida, também estende ecos em aspectos da filosofia pensada por Deleuze. Ou, melhor, Gilles Deleuze se faz presente, no âmbito desta pesquisa, como uma espécie de fonte inspiradora e vitalizadora, que discerne com maestria certa concepção ímpar da noção de diferença no interior da filosofia de Bergson e, com isso, eleva, intensifica e aviva tal legado.

O que fica marcado, então, nesse momento, é que a base teórico-metodológica desse estudo, se filia, por um lado, à filosofia de Henri Bergson, e toma como correlato de

inspiração o esforço deleuzeano em fortificar e desenvolver as instâncias mais sutis dessa noção de diferença, que Deleuze pôde reconhecer no pensamento bergsoniano.

O que parece claro, a esta altura, é que a diferença atua como um elemento metafísico nesse diagrama esboçado, ao passo que o evolucionismo problematiza as inserções da vida, isto é, da Biologia, enquanto um pensamento sobre a natureza. Este texto opera, constantemente, na interseção entre estas duas instâncias.

Então, além do exposto acima, este trabalho, por outro lado, flerta mais com uma Filosofia da Natureza que com uma Filosofia da Biologia, propriamente dita, na medida em que não se pretende a uma análise, por assim dizer, de mecanismos, teorias ou instrumentos que embasam os métodos e, com isso, se aplicam às Ciências Biológicas, enquanto campo de fazer científico, mas porque se apropria de uma questão oriunda do pensamento sobre a Natureza, do modo como elaborado pelas Ciências Biológicas. É por isso que o pressuposto teórico aqui presente assume que o problema em questão advém da reflexão sobre o conhecimento da natureza que se faz pelo diálogo com as ciências, com a Biologia, mais especificamente, situando-o, finalmente, na zona de estudo da Filosofia da Natureza.

É em associação a essas entranhas metafísicas da biologia que as considerações aqui propostas ganham relevância de estudo.

Naturalmente, a perspectiva de estudo que será desenvolvida a seguir, nos capítulos que se seguem, não nasce de uma mera suposição forçada, artificial, de que o bergsonismo pode se compor com o evolucionismo. Pelo contrário, antes de uma constatação dessa natureza, há algumas hipóteses, por assim dizer, que se fazem presentes nos momentos de idealização desse trabalho, que acabam por conferir algum direcionamento ao que será construído, orientando seu desenvolvimento, e que servem, principalmente, como pontos de partida às nuances do que se pretende compor.

Uma primeira posição fundamental diante da questão tomada é a centralidade da noção de tempo para os processos evolutivos. Não é razoável conceber a evolução da vida esvaziada da dinâmica, da imprevisibilidade e do grau de incerteza trazidos no bojo da ideia de tempo. Numa palavra, o evolucionismo considerado apartado do tempo perde seu caráter criativo, inovador e, assim, retira do ímpeto da vida a fonte para a criação. Não é possível, portanto, pensar a ideia de diferença em Bergson e o evolucionismo reservados, desassociados do tempo bergsoniano. Caso contrário, uma suposição dessas esterilizaria qualquer possibilidade para a empreitada anunciada.

Essa tal postura, essa posição frente ao problema colocado é central no âmbito desse estudo, e está de acordo com o que vem sendo produzido no campo da biologia evolucionista, desde as últimas décadas.

Outro ponto pressuposto a partir da reunião dos componentes conceituais que se articulam neste texto é o espaço (mais ou menos aberto) na teoria evolutiva em que poderia ser localizada a fonte para a diversidade da vida, de uma maneira geral, a fonte da diversidade dos organismos vivos, desde um aspecto morfológico, fisiológico, indo até um nível genético, bioquímico, passando também por um aspecto comportamental e mesmo se estendendo a um nível populacional, da diversidade notada na biosfera, como um todo.

O conjunto do pensamento biológico evolucionista não ignora a existência da diversidade, da multiplicidade inerente à vida, mas, por outro lado, também não se espanta e não se maravilha de forma suficientemente engajada com tal ideia, a ponto deste pormenor continuar sendo um detalhe periférico. Em outras palavras, a evolução reconhece tal diversidade, mas não se lança a tomá-la enquanto problema de fundamento em suas teorias. É acertado e estratégico mencionar, dessa maneira, que os mecanismos evolutivos propostos por Darwin continham uma lacuna: a explicação para a origem da diversidade⁵.

Estes dois pontos fundamentais, que são extremamente relevantes e minuciosos para o problema considerado, tomados em conjunto, formam a unidade do que fica pressuposto neste início de pesquisa, constituindo certas hipóteses de estudo. Em síntese, ao lado dos mecanismos evolutivos previstos pela atual biologia evolucionista, a concepção da diferença como referência de fundamento para o evolucionismo reivindica tanto a noção do tempo bergsoniano, elemento instaurador de possibilidades para a criação, quanto o maravilhamento pela multiplicidade da vida em suas mais distintas expressões, sob a turbulência de sua diversidade.

O diagrama que acaba de ser esquematizado constitui um ponto de inflexão que situa nosso pensamento sobre tal questão numa posição especial, privilegiada, justo porque se instala no próprio problema, isto é, no movimento que opera a diferença interna à vida. Bergson não concebia outro modo de se lançar às questões que não pela via daquilo que

⁵ Mais especificamente, para se evitar algum mal entendido, as teorias evolutivas atuais discernem, até com bastante precisão e mérito, entre fatores que tendem a aumentar a variabilidade genética de uma dada população (como é o caso da mutação e da permutação) e outra categoria de fatores que atuam sobre a variabilidade genética nesse caso já estabelecida numa certa população (como os processos de migração, de deriva genética e a própria seleção natural, de forma estrita). O que se mostra como problema e o que passa pelo evolucionismo sem causar maiores incômodos não é tanto a ocorrência de variações genotípicas ou fenotípicas numa dada população, mas algo mais basal, mais original: a presença da própria diversidade, ela mesma.

chamou de intuição. É neste sentido, imbuído desse espírito, que a ideia de diferença como ponto de partida para o evolucionismo, neste estudo, se aproxima de um movimento enamorado à intuição bergsoniana, não traindo o princípio de sua motivação.

Também se mostra propício, nesta seção inicial, deixar postas algumas questões que são, simultaneamente, inspiradoras ao que vem a ser desenvolvido acerca do tema apresentado, e também orientadoras dos meandros que se fazem presentes no caminho percorrido pelo estudo.

Estas questões se mostram como indagações bem gerais, como interrogações bastante abertas, e embora sejam anteriores à produção filosófica propriamente dita, que aqui se pretende, todo esse sopro de perguntas, justamente por serem mais soltas, por serem uma inquietação desapegada, consideravelmente isenta de estruturas formais e enrijecidas, favorecem uma concepção mais clara do problema, produzindo uma situação em que se esteja mais à vontade para problematizar a questão central, o que se mostra filosoficamente produtivo.

Uma primeira grande situação intrigante é aquela que se refere à suposta infinidade da diversidade de formas orgânicas, à imensidão de possibilidades surpreendentes para a criação de seres vivos. Essa multiplicidade praticamente infinita que recai sobre a expressão da vida guarda raízes numa interminável gama de possibilidades de combinações de forças vitais, de composições do vivo, cada qual destas criando espécies sempre únicas, singulares.

Este cenário, se deslocado de uma perspectiva do indivíduo para uma perspectiva mais ampla, é exatamente o panorama da evolução das linhagens de organismos. A incrível diversidade que se percebe nestas linhas, nas séries evolutivas, advém da tendência de diferenciação do ímpeto do vivo, como Bergson coloca.

O que soa igualmente incrível é a maneira como essa base de evolução, a diferença, pode produzir, por outro lado, semelhanças tão surpreendentes entre séries evolutivas distintas e até mesmo divergentes. A questão que permanece, então, está em compreender, como bem destaca Bergson (2001, p. 54), *que chance haveria para que duas evoluções totalmente diferentes culminassem em resultados similares através de duas séries inteiramente diferentes de acidentes que se adicionam?*

Uma outra remessa de interrogações se deita sobre as questões que giram em torno da imprevisibilidade e do que se pode considerar como a criatividade⁶ que ficam marcadas em

⁶ Em Bergson, o conceito que se faz presente nesta ambiência é a ideia de criação, mais propriamente, mais que a criatividade. Bergson prefere a caracterização da noção de evolução como criadora [*créatrice*], em detrimento de criativa [*créative*], embora tal escolha não furte o evolucionismo de uma criatividade ímpar e

relevo nos processos evolutivos. Estes dois aspectos são expressivos na evolução biológica: a imprevisibilidade não é coisa tão complexa que seu reconhecimento não possa ser feito em nível empírico, através dos próprios seres existentes; ela é testemunhada pela surpresa e encantamento com que as formas vivas, as mais espetaculares, são recebidas e prestigiadas pela natureza; ao mesmo tempo, no ímpeto do curso evolutivo, a criatividade se impõe de maneira radical, e a força característica de sua expressividade produz os maiores espetáculos da vida, na fluidez da transformação das espécies.

É neste sentido que a pergunta adquire sentido: qual a potência da inegável imprevisibilidade dos organismos vivos, destas formas vivas materiais que se atualizam, que se fazem presentes na natureza? Todo o ímpeto de criatividade da evolução no fluxo do tempo parece se desenrolar como fruto de um processo não voluntário, aleatório, não consciente, mas também não arbitrário.

Antes de se passar à elaboração do estudo propriamente dito, isto é, antes de se lançar ao desenvolvimento do problema que envolve a questão da diferença bergsoniana em composição com o evolucionismo, parece conveniente destacar apenas mais um aspecto preliminar desta pesquisa, precisamente sua relevância de estudo, indicando em quais aspectos este trabalho pode, eventualmente, oferecer alguma contribuição ao desenvolvimento do pensamento filosófico.

Através de sua filosofia da diferença, em composição com os conceitos de diferenciação e impulso vital, parece ser possível operar um alargamento do horizonte do evolucionismo, justo porque a composição destes conceitos tal como aqui proposta faz com que fique a cargo da força vital inerente à diferenciação a expressão da multiplicidade da vida, sob a forma dos mais distintos organismos vivos, que se manifestam ao longo do tempo.

É por isso que se pode dizer, com alguma empolgação, que o exame das autênticas afinidades entre as noções de diferença e evolução, sentido amplo, justifica sua contribuição no sentido de vitalizar tanto o pensamento de Henri Bergson, quanto o tom da interpretação dada, hoje, ao evolucionismo.

Em suma, essa tentativa de leitura, esse tal vislumbre filosófico acerca da questão evolutiva, que se apoia na ideia de diferença, reconhecida em Bergson e potencializada por uma espécie de inspiração deleuzeana, enfim, essa iniciativa se aproxima de uma leitura sensível, mas não menos rigorosa, daquilo que conhecemos e pensamos acerca da evolução da vida.

Tendo, só agora, recapitulado a trajetória acadêmica que marca a autoria deste trabalho, tendo também explicitado, de forma geral, a temática deste estudo, tendo um objeto precisamente definido, um referencial teórico-metodológico delimitado, certas ideias pressupostas e um caminho possível adotado, que acaba por gerar algumas questões, há pouco colocadas, tudo isso seguido, finalmente, de uma justificativa de estudo no âmbito da filosofia, passamos, então, ao desenvolvimento mesmo desta pesquisa, que conta com diferentes momentos e uma certa disponibilidade para um maravilhamento frente ao problema discernido. O desenrolar desse tal estudo se encontra em mais 5 seções, como apresentado a seguir, sob a seguinte organização:

Capítulo I – A Vida e sua Expressão do Tempo, seção em que se procura delimitar a ambiência na qual o problema tematizado adquire seus contornos, interseções e configurações. A ideia aqui presente é mostrar como o comportamento próprio da dinâmica da vida ao longo do tempo recai na concepção da diferença em Bergson, e em que sentido esse escopo mantém relações com o evolucionismo.

Capítulo II – A Concepção da Diferença Bergsoniana, parte central desta dissertação, do ponto de vista filosófico, justo porque além de apresentar a ideia de diferença, no bergsonismo, e desenvolver outros componentes requeridos para um engendramento mais profundo do problema posto, também já ensaia uma inserção dessa noção bergsoniana no campo da evolução da vida.

Capítulo III – O Evolucionismo, em que o foco se volta para as problematizações biológicas mais fundamentais acerca desse campo, ressaltando peculiaridades do que a biologia, atualmente, entende pela evolução da vida, e mostrando em que medida pode haver uma conjugação deste olhar biológico do evolucionismo com a filosofia da diferença de Bergson.

Capítulo IV – Uma Reinauguração da Evolução, seção que realiza a síntese entre o que fora preparado e desenvolvido, a partir do aspecto metafísico da ideia de diferença e o âmbito biológico, ou natural, da vida e sua evolução. Neste capítulo, há uma proposta de leitura mais fundamental, mais sensível e mais alargada do horizonte do evolucionismo, interpretação esta que se faz possível a partir da noção bergsoniana de diferença.

As Considerações Finais realizam uma certa reconstituição geral da trajetória percorrida na pesquisa, e encerram o estudo aqui apresentado, procurando sistematizar e sintetizar o que se pôde construir a partir da reflexão desferida em todos os momentos precedentes.

1 A VIDA E SUA EXPRESSÃO DO TEMPO

O grande ponto que inaugura toda a discussão esperada para o âmbito deste trabalho se situa, no fundo, no pensamento sobre a vida. Não se trata, porém, de tomar a vida como sendo o simples período de existência de um sujeito, ou de qualquer organismo. Nem se trata de uma reflexão sobre esta, de uma espécie de análise sobre a vida. Igualmente, não se trata de abstrair de elementos outros, que participam e se compõem com a ideia de vida para, somente então, tomá-la isoladamente, em seu estado essencial, por assim dizer, ou qualquer outra iniciativa deste tipo.

Pelo contrário, o tom aqui empregado reside em muito menos que tudo isso; está numa camada mais basal do pensamento sobre a questão da vida, em sentido amplo. Trata-se de entender a vida como problema, em sua relação fundamental com a natureza; trata-se de celebrar a beleza que se mostra possível quando se apreende a vida em sua dinâmica natural, isto é, quando entendida naturalmente anexada ao tempo.

Portanto, são 2 os elementos que atuam como deflagradores da discussão que envolve a filosofia de Bergson em interseção com a temática da evolução: a vida e o tempo.

Considerando o primeiro elemento desta dupla conceitual inaugural, é preciso esclarecer que a ideia de vida, em pauta, deve ser capaz de abranger toda a gama de manifestações do vivo, mas, ao mesmo tempo, não pode se ater a nenhuma destas. Neste sentido, a vida, da forma como trazida neste escopo, está evocada sob a noção ampla de vida, sob seu conceito geral e, portanto, não se reduz à vida do homem, ou à vida de uma ou outra espécie, ou de qualquer organismo.

Também é importante frisar que este discernimento, essa precisão efetuada sobre o conceito de vida, tal como aqui empregado, não se constitui uma pretensão com traços de arrogância. Ao invés disso, é possível afirmar, sem engano, que tal olhar holístico acerca do vivo se mostra como uma condição parcial para a tomada da questão da transformação da vida ao longo do tempo, o que conduzirá, por sua vez, ao conceito de evolução.

É cabido dizer, além disso, que esta maneira de se relacionar com a temática da vida está de acordo com o modo pelo qual a própria biologia se lança a seu conceito. O conjunto das ciências biológicas penetra o tema da vida no intuito de dar conta de sua totalidade, em termos de processos biológicos, ou seja, desde um nível molecular (como representado pela Biologia Molecular e Celular, pela Genética, etc.), passando pelo nível do organismo, sua constituição, forma e seu funcionamento (a cargo da Morfologia, Fisiologia, etc.), até um

nível mais geral, que remete às interações entre indivíduos e populações, e até mesmo da biota com o ambiente que forma o entorno de um dado contexto (papel da Ecologia, da Biogeografia, etc.).

A vida, então, para ser considerada sob o pensamento bergsoniano, não pode ser meramente compreendida como o curso da vida, de um sujeito, ou um organismo. Muito mais que isso, para que se torne alvo da discussão apresentada, não é a passagem da vida o que importa; é o vivo, o fenômeno da natureza chamado vida; é, enfim, a vida mesma, enquanto problema.

Tal como agora referido, as ciências biológicas lidam com a vida sob perspectiva equivalente a esta última. É que a biologia, como uma ciência da natureza, não se deita sobre a vida dos indivíduos ou organismos, em específico. Ela toma a vida pela perspectiva do fenômeno vivo, como força da própria natureza. Desta forma, para a biologia, a vida é um problema, uma questão especial de estudo.

Isto significa dizer que, por ser tomada não como experiência individual, mas enquanto problema da natureza, a vida é coisa indefinida, mas determinável. É indefinida porque não apresenta, de antemão, solução ou determinação prévia alguma. Ela não apresenta extensão ou forma estabelecidas, mas apenas a possibilidade de determinação. Assim, ela é também determinável, porque pode vir a ser resolvida, pode vir a ser distinguida, pode se diferenciar em espécies de organismos.

Atribuir à vida o caráter de indefinida, mas determinável é entendê-la como coisa infinita e, a princípio, irresoluta⁷, mas exprimível por determinações. A sagacidade do pensamento biológico, no que diz respeito a esta questão, está justamente em situar na ideia de evolução o território de possibilidades para uma tal resolução.

Paralelamente a esta ideia de vida (entendida enquanto noção indefinida, mas determinável), o outro elemento que se impõe como condição parcial para uma boa formulação do problema da evolução, isto é, da mudança inerente à vida, reside na própria noção de tempo. Este, a propósito, é o segundo elemento do par conceitual já proposto, cujo estudo permitirá um maior desdobramento do movimento da natureza que dá título a este capítulo, ou seja, o movimento dinâmico que envolve a vida e sua expressão do tempo.

⁷ A questão da resolução da indeterminação da vida em atualidades vivas provisórias será mais bem desenvolvida quando da discussão acerca dos conceitos de virtual, de atual, de possível e de real, na seção 2.1 *Élan Vital e Atualização da Vida*, do Capítulo II – A Concepção da Diferença Bergsoniana.

É que o tempo, nesta perspectiva bergsoniana, atua como o pano de fundo sobre o qual se estende a vida, e no qual esta adquire uma duração⁸, comportando contrações e distensões dentro de si mesma. O tempo em Bergson, portanto, é a condição fundamental para que se tome a vida enquanto problema da natureza, enquanto acontecimento que se manifesta. A vida é acontecimento do tempo, que se arrasta no tempo e, arrastando-se, ao mesmo tempo se transforma.

Numa extensão de sentido, o tempo é o cenário da vida, é o panorama no qual a vida pode ser apreendida de maneira dinâmica, errante, enquanto acidente, enquanto modo da natureza, em sua pura expressão.

São 2, enfim, os momentos que, coadunados, permitem o pensamento que combina a concepção da diferença em Bergson e o evolucionismo: de um lado, a vida tomada como manifestação da natureza e, de outro, formando com esta última o entrelaçamento conceitual basal da questão, a noção bergsoniana de tempo, pensado enquanto panorama para a vida, como camada na qual o vivo se faz expressão da natureza.

1.1 Vida e Mudança

O primeiro movimento necessário, que funciona como preliminar à composição entre a diferença e o evolucionismo, está refletido no que até então fora exposto e no que será agora mais bem detalhado. Tal é a percepção da questão da vida inexoravelmente associada a uma certa mudança.

Como já sinalizado, para que possa ser admitida a incidência da mudança sobreposta à vida e, em resultado disso, para que haja uma contribuição contundente do bergsonismo ao evolucionismo, é preciso que a vida, enquanto movimento expressivo da natureza, seja posta anexada ao tempo⁹. Somente assim, somente quando compreendida nas linhas do tempo, o acontecimento da vida se filia a uma dinâmica de inesgotáveis transformações.

Resulta desta concepção de vida, quando associada a uma mudança que se mostra impreterível, mudança que se apresenta como constituinte da própria vivacidade intrínseca da história da vida na Terra, que o fenômeno do vivo, então, não pode ser considerado como sendo fruto de uma espécie de maquinaria, que opera uma repetição mecânica por meio da

⁸ [...] *a duração se diferencia em contração e distensão*. (DELEUZE, 2006a, p. 14)

⁹ Este aspecto será mais bem detalhado na subseção seguinte, que trata especificamente da Diferença nas Linhas do Tempo ou o Problema Bergsoniano.

qual fabrica sempre as mesmas espécies, as mesmas formas vivas, organizadas dos mesmos modos, que se arranjam sempre da mesma maneira, que são sempre conduzidas a um fim previsível, e mais uma série de coisas dessa natureza. Cada organismo vivo, cada ser de uma mesma espécie, cada espécie formando suas distintas populações, o conjunto das populações entre si, as comunidades ecológicas, enfim, a biota, a camada da vida, não é sempre um “mais do mesmo”. A produção da vida não pode ser uma fábrica de repetições de séries de seres, de organismos e sujeitos, de lotes de vida.

É na história natural que mais drasticamente a mudança se anuncia. É no curso da dinâmica do mundo, ou seja, na natureza, que a transformação se faz presente de forma tão expressiva. As ciências da natureza contemplam as metamorfoses do espaço, exatamente como a Geologia se encanta com as ações errantes da Terra, a Oceanografia com as dinâmicas dos oceanos, a Física com a interação entre a matéria e a energia, a Astronomia e a Cosmologia com os fenômenos que até extrapolam o âmbito terrestre, a Química com a matéria, em escala subatômica, atômica e molecular, etc.

E, dentro da própria natureza, a Biologia descobre que é na expressão da vida, nas mais distintas linhagens de espécies, que a novidade se produz com realce, que o ímpeto da mudança exterioriza sua magnitude de forma tão espetacular e privilegiada. Diante de tudo isso, então, muito pelo contrário à fixidez do vivo perante o mundo, a vida é o ambiente da transformação, o palco principal da mudança.

No fluxo da vida, enquanto manifestação da natureza, como uma potência para o viver, isto é, estendendo-se a história da vida sobre o plano do tempo, torna-se possível reconhecer, ao longo de milhões de anos, as mais variadas espécies já existentes e, igualmente, presumir outras tantas que virão a existir; é possível enaltecer os mais distintos seres que coabitaram a Terra, as combinações mais espetaculares que nasceram do interior da própria vida, de uma espécie de disponibilidade para o vivo, um pulsar para a vida.

Numa palavra, a vida, durante todo seu trajeto de expressividade, que se apoia em sua força própria, interna, produz séries de organismos, linhagens biológicas, que compartilham ancestrais comuns, e que divergem em bifurcações acidentais¹⁰. Desta maneira, o que sobressai com certo destaque neste esquema traçado é a noção de mudança, um certo anseio

¹⁰ Neste momento, não é intenção um desenvolvimento mais detalhado e minucioso dos pormenores envolvidos com os conceitos requeridos nas teorias evolutivas. Todo este cenário que se deita mais especificamente sobre o evolucionismo será desenvolvido mais adiante, oportunamente no Capítulo III – O Evolucionismo. Para o momento, apenas fica colocado que, via evolução, são produzidas mudanças no curso da vida na Terra.

da força da vida pela constante transformação, por uma dinâmica perene de revoluções sobre o vivo e a partir do vivo.

Um dos grandes desafios teóricos da biologia evolucionista, nestes últimos tempos, tem sido aliar a complexidade dos processos evolutivos que levam às mudanças nas linhagens de organismos com a simplicidade de uma proposição que dê conta de explicar tal significatividade de transformações.

Ocorre que distintas correntes da biologia evolucionista propõem diferentes teorias para explicar o surgimento e manutenção de novas espécies, aquilo a que chamam de mecanismo de especiação.

Numa simplificação bastante bruta, há 2 principais maneiras de se encarar tais processos evolutivos¹¹: de um lado, há evolucionistas que compreendem que os mecanismos evolutivos imprimem mudanças de forma lenta e gradual; de outro, há biólogos que conferem às transformações das linhagens de espécies um caráter mais pontual e abrupto, incisivo.

O primeiro destes 2 casos é a hipótese talvez mais central, ou pelo menos a hipótese primária acerca dessa temática, é a que Darwin discute em *A origem das espécies* (1859), e que caminhou com grande aceitação até o início dos anos 1970. Sua proposta ficou conhecida como a teoria do Gradualismo¹², e entende que as mudanças no curso evolutivo dos grupos de organismos se dão a partir do acúmulo de pequenas modificações ao longo de sequências de gerações. Para o gradualismo, a mudança da vida é, portanto, um evento lento e gradual: lento porque implica a passagem de um número consideravelmente elevado de gerações de um determinado grupo ou espécie, o que adentra, por sua vez, naturalmente, numa escala de tempo geológico; e gradual na medida em que é um processo condicionado pela transferência hereditária de mudanças na morfologia, fisiologia e comportamento dos indivíduos e populações, mudanças estas absolutamente sutis umas em relação às outras.

Dentro da teoria evolutiva darwiniana, a mudança da vida, então, se apresenta como um *continuum*, regida pelo gradualismo filético.

Já no ano de 1972, uma outra interpretação dos processos de especiação (o que, no fundo, recai na noção de mudança no âmbito do fenômeno da vida) foi proposta por Gould e

¹¹ Mais uma vez, o intuito em apresentar estas linhas de pensamento, nesta seção, especificamente, não reside precisamente em discutir com algum rigor tais teorias sobre mecanismos evolutivos de especiação. O intuito subjacente a esta breve apresentação de correntes teóricas está em mostrar que, a despeito de suas distinções conceituais, elas ainda assim se deitam sobre a noção da mudança que se mostra efetiva no curso das espécies vivas.

¹² Também denominada Gradualismo Filético, em referência ao seu componente filogenético. A Filogenia (ou Filogênese) é um ramo das Ciências Biológicas que estuda as relações evolutivas entre grupos de organismos, suas proximidades ancestrais, a partir de parâmetros moleculares e morfológicos.

Eldredge¹³. Esta formulação é conhecida como a teoria do Equilíbrio Pontuado¹⁴, e assume a ideia de que a mudança nas espécies não ocorre de forma constante (como propunha Darwin), mas de maneira alternada, com períodos de escassas mudanças e outros momentos contendo súbitos saltos, que geram alterações estruturais ou orgânicas significativas.

Assim, o equilíbrio pontuado pode ser encarado como uma alternativa ao gradualismo. Enquanto o darwinismo vê as mudanças como graduais, o equilíbrio pontuado entende que estas acontecem aos trancos, com sequências alternadas de períodos de estase e de períodos repentinos e drásticos de mudanças contundentes.

Para os teóricos do equilíbrio pontuado, este tipo de mudança brusca pode vir a ocorrer em consequência do fenômeno das mutações, especialmente daquelas que se processam em genes reguladores do desenvolvimento embrionário, gerando alguma mudança repentina e súbita na prole.

Essa hipótese do saltacionismo apresenta grande força teórica, justo porque conta com a evidência da descontinuidade do registro fóssil: a escassez de casos em que ocorre a constatação de mudanças graduais a partir da observação dos registros nas rochas. A paleontologia, enfim, contribui para esta interpretação sob a alegação de que, por muitas vezes, os estudos de registros fósseis não mostram transições evolutivas suaves, mas um padrão sob o qual espécies aparecem subitamente, permanecem por um período e, repentinamente, se extinguem.

Para os evolucionistas defensores da perspectiva do pontualismo, as noções vigentes e centrais para os processos que imprimem mudança na vida das linhagens são a ideia de pontual, de singular, como um processo cataclísmico e episódico, por assim dizer.

Numa síntese, o gradualismo darwiniano ortodoxo e o saltacionismo recente competem entre si, mas não se contradizem, fundamentalmente. Suas formulações engendram ideias que se mostram como extremos de dimensões contínuas, o que torna admissível a coexistência de ambas as perspectivas. De fato, tanto o gradualismo quanto o saltacionismo parecem ser eventos reais da evolução, e ajudam a pensar a questão da vida em sua dinâmica orgânica de mudança. É esta lição parcial que pode ser identificada a partir da discussão

¹³ Stephen Jay Gould (*10 de Setembro de 1941 – †20 de Maio de 2002), paleontólogo e biólogo evolucionista estadunidense; e Niles Eldredge (*25 de Agosto de 1943), paleontólogo estadunidense.

¹⁴ Também denominada Saltacionismo, Pontualismo ou Teoria dos Equilíbrios Intermitentes. Cf. ELDREDGE, N. & GOULD, S. J. **Punctuated equilibria: an alternative to phyletic gradualism**. In: SCHOPF, T. J. M., ed., *Models in Paleobiology*. San Francisco: Freeman Cooper, 1972, pp. 82-115. Reprinted in N. Eldredge *Time frames*. Princeton: Princeton Univ. Press, 1985.

trazida: a constante mudança que se faz presente no mundo vivo reverbera como um modo natural de expressão da natureza. A mudança da vida é, enfim, um evento orgânico.

Em resumo e independente de se filiar a um ou outro desses caminhos para os mecanismos evolutivos, fica em relevo que é sobretudo na biologia, no plano da vida, portanto, que este traço da mudança se mostra mais marcante, pois, em termos bergsonianos, a manifestação da diferença encontra-se justamente nessa organicidade natural com que a vida lida.

Para Bergson, a propósito, esse bojo conceitual que parte da ideia de diferença e se coloca como elemento basal para se alargar o horizonte do evolucionismo está mais afeito à perspectiva do vitalismo, na medida em que se constitui como uma iniciativa filosófica que celebra a vida em toda a sua magnitude, abarcando todos os seus desdobramentos. E o vitalismo, no entanto (e cabe lembrar), se preocupa mais com a potência da vida, com seu ímpeto criador e radical, do que com sua mera organicidade.

Bergson também nos alerta para a noção de que, no plano da vida, sob a perspectiva do vitalismo, a fixidez das formas orgânicas, a repetição imutável de organismos, as eternas réplicas de indivíduos e espécies cedem lugar a algo absolutamente inovador. No interior deste pensamento de inspiração bergsoniana, não há monotonias e homogeneidades; não há algo estrutural e que se preserve constante no impulso para a vida. Pelo contrário, se há algo de constante que acompanha a história da vida na Terra, este algo é a mudança, inerente à vida, ou seja, perene e com ela coexistente, fazendo-se presente e fortemente atuante desde o momento em que o episódio do vivo tornou-se possível, cujo único desdobramento é a produção infinita de transformações.

Isso até então posto constrói condições suficientes para que um passo a mais seja dado. Parece ser estratégico afirmar, a esta altura, que, pensada como indissociável da mudança, a vida não apenas se afasta de uma determinação, como ela é precisamente o contrário disso: o vitalismo bergsoniano situa o episódio da vida na própria indeterminação. A possibilidade do vivo é o estabelecimento da condição casual e errante a partir da qual, necessariamente, a diferença atinge a vida e, assim, instaura a mudança, as transformações infinitas das manifestações do vivo, isto é, sua evolução mesma.

Resta, agora, procurar entender como tal mudança ocorre, como se dá a transformação da vida ao longo do tempo ou, melhor, através de quais ferramentas conceituais Bergson abre espaço para se pensar, no plano da natureza, o acontecimento da eterna mudança da vida.

1.2 Diferença nas Linhas do Tempo ou o Problema Bergsoniano

Para uma discussão esperançosa acerca da vida e sua transformação e, em resultado disso, para uma posterior apropriação encorpada da noção de diferença, presente em Bergson, em composição com o evolucionismo, parece devidamente sinalizada a exigência de que o vivo deva ser pensado sob sua associação imprescindível com a noção de tempo. A vida e sua mudança requerem um plano temporal¹⁵, tipicamente bergsoniano, em que venham a ocorrer contrações e distensões, movimentos estes que procuram, incessantemente, pela diferença. Assim, a transformação se anuncia como uma expressão orgânica da vida, através de variados mecanismos evolutivos.

Chegado a este ponto, o que merece ser tratado, nesta ocasião, passa a ser a maneira pela qual a filosofia da diferença reconhecida em Bergson, e potencializada por Deleuze, inaugura conceitos que desabrocham e estimulam uma interpretação do evolucionismo que se faça, ao mesmo tempo, mais fundamental e mais sensível. Em outras palavras, a progressão deste estudo depende de, neste momento, esclarecer a articulação entre a ideia de diferença e a noção de tempo, mostrando em que medida tal combinação prepara o campo do problema da vida e sua evolução, em Bergson.

A primeira noção que se faz requerida, neste sentido, é a concepção metafísica de diferença. Talvez seja possível arriscar-se a afirmar, sem receio de grande equívoco, que há uma relação recíproca entre a filosofia de Bergson e a noção de diferença. Tal relação revela-se como um envolvimento mais ou menos dependente entre estas duas, como uma parceria mutuamente produtora. O estudo da filosofia da diferença aliado ao estudo do bergsonismo leva a uma conclusão possível: ao mesmo tempo em que o conceito de diferença ilumina a filosofia bergsoniana, também a filosofia de Bergson surpreende a concepção de diferença.

A surpresa trazida pelo pensamento de Bergson e que se espalha como um efeito revigorante à ideia filosófica de diferença foi muito bem identificada por Deleuze, quando sustenta sua crítica aos pensadores que, até então, haviam produzido uma filosofia da diferença. A referida crítica deleuziana reside, em suma, numa aparente incapacidade de tantos filósofos terem visto as verdadeiras diferenças de natureza, a incapacidade de terem alcançado as nuances de uma tal noção de diferença. Com a contribuição advinda da filosofia

¹⁵ Deleuze (2006a, p. 22) é cirúrgico em notar esta condição na filosofia bergsoniana, mostrando que *o próprio da diferença temporal é fazer do conceito uma coisa concreta, porque as coisas aí são nuances ou graus que se apresentam no seio do conceito. É nesse sentido que o bergsonismo pôs no tempo a diferença [...]*.

bergsoniana da diferença, contudo, Deleuze (2006a, p. 2) apoia a seguinte precisão: onde antes *havia diferenças de natureza foram retidas apenas diferenças de grau*¹⁶.

A repercussão deste golpe executado por Bergson se encontra no transporte da ideia de diferença para um setor mais basal do pensamento filosófico, atribuindo-lhe um caráter mais fundamental, mais puro, tornando-a diferença pura, e não relacional. Com isso, a noção de diferença passa a se constituir como um aspecto singular da filosofia bergsoniana, influenciando os demais âmbitos de suas obras e, paralelamente, também o pensamento de Bergson renova tudo aquilo já produzido sob a denominação de filosofia da diferença.

Este ambiente metafísico renovado e fresco é estimulado pela força conceitual da diferença, o conceito central, fundamental, desta iniciativa, de onde partem outros conceitos a ela adjacentes. É precisamente a partir da ideia bergsoniana de diferença que deriva uma série de outros¹⁷ de seus elementos apendiculares, proveitosos ao desenvolvimento filosófico da questão da evolução da vida. A diferença se mostra, portanto, como o cerne desta discussão, como uma espécie de eixo central, do qual se irradiam conceitos secundários, sendo estes últimos as unidades funcionais da filosofia da diferença no âmbito do bergsonismo.

O problema engendrado pela composição entre a filosofia bergsoniana da diferença e o evolucionismo é, única e exclusivamente, resultado de um desdobramento do problema metafísico maior de Bergson, a saber, o tempo. Num maior grau de detalhamento, pode-se dizer que a questão do tempo em Bergson se revela sob três aspectos: a duração, a memória e o impulso vital. A propósito, é fundamentalmente sobre este último conceito que as relações entre diferença e evolução podem ser pensadas.

É que no plano do bergsonismo, sob aquilo que se poderia chamar de sua filosofia da diferença, a ideia de vida e a concepção de natureza no seio da qual esta última nasce vêm amarradas à potência vital e ao efeito do tempo sobre a diferença.

Bergson confere ao tempo certa autonomia em relação ao espaço. O tempo se constitui como o pano de fundo para o acontecimento dinâmico da vida, que se arrasta¹⁸ ao longo

¹⁶ Apesar disso, Deleuze (2006a, p. 2) mesmo assume que é preciso admitir, algumas vezes, que a proposta de Bergson sugere, igualmente, a censura inversa: *onde havia somente diferenças de grau foram postas diferenças de natureza*. De qualquer forma, para esse estudo, essa segunda crítica não apresenta o mesmo nível de relevância que a primeira.

¹⁷ A título de exemplo, os conceitos de *élan* vital, de diferença interna, de diferenciação, etc. Todos estes e mais alguns outros elementos estão postos e desenvolvidos em seguida, no Capítulo II – A Concepção da Diferença Bergsoniana.

¹⁸ Em *L'Évolution Créatrice* (2001, p. 201), Bergson esclarece: *dizer que o passado se conserva em si e que se prolonga no presente é dizer que o momento seguinte aparece sem que o precedente tenha desaparecido. Isso supõe uma contração, e é a contração que define a duração*.

desse. Ele, por sua vez, opera contrações e distensões, que também arrastam o curso das linhagens vivas, comprimindo-as e distendendo-as, isto é, causando transformações na história da vida, por rupturas e bifurcações, imprimindo mudanças no vivo por divergências entre séries evolutivas. Tal noção de tempo, para a tomada da questão da vida e sua evolução, vem, portanto, anexada à ideia de diferença. Seu conceito, mais que isso, é o fundo para a mudança que se opera no estudo do evolucionismo. Pode-se propor, enfim, a imagem de que, em certo sentido, em Bergson, o tempo se faz como a natureza da própria diferença.

Este, finalmente, é exatamente o diagrama que situa a diferença nas linhas do tempo. Este é o problema bergsoniano, o qual tenciona, num polo, a diferença como força impulsiva e interna à vida e, noutro, o tempo, como o panorama que se contrai e se distende, acarretando acidentes à diferença. Os acidentes temporais sobrepostos à força com que a diferença penetra a vida produzem, por sua vez, os organismos vivos, das mais variadas linhagens evolutivas e sob as mais belas composições organizadas da matéria.

A concepção da diferença em Bergson, ela própria se candidata, por assim dizer, a ser adotada como um norteador para a noção de evolução. Este conceito de diferença, tal como pensado pelo bergsonismo, se instala no íntimo do fenômeno do vivo, abastecendo sua força explosiva, que é interna à vida, e se explica como a origem do impulso criador desta, como fonte do ímpeto para sua perpetuação.

Até então, espera-se que tenha sido suficientemente apresentada a questão da vida e sua expressão do tempo, de uma maneira geral e, mais especificamente, primeiro a relação entre vida e mudança, em que se delinea o mútuo comprometimento entre o vivo e as transformações identificadas através de mecanismos evolutivos; e, em seguida, a síntese do problema que envolve diferença e tempo, no bergsonismo.

O próximo momento deste texto se dedica exata e exclusivamente a entender o que vem a ser, minuciosamente, essa noção de diferença no interior da filosofia de Bergson, além de procurar esclarecer como esta ideia central se articula com os demais instrumentos conceituais bergsonianos que, juntos, formam um arcabouço teórico possível a uma interpretação peculiar acerca do evolucionismo.

2 A CONCEPÇÃO DA DIFERENÇA BERGSONIANA

A concepção de diferença que a filosofia bergsoniana contempla, juntamente com a questão biológica do evolucionismo, da evolução da vida, são os dois componentes medulares que constituem a trama conceitual do estudo realizado. Esta seção se debruça especificamente sobre o primeiro destes conceitos, ou seja, se dedica exclusivamente à diferença, tal como elaborada por Bergson, na ambiência produzida pelas entrelinhas de suas obras, mas principalmente nos movimentos presentes em *L'Évolution Créatrice* (1907).

Também é cauteloso e proveitoso pontuar que, ao lado da construção bergsoniana de uma ideia singular de diferença, estão colocadas algumas implementações deleuzianas, que aprimoram, intensificam e potencializam ainda mais esse conceito, alargando o espectro de composições que a diferença pode vir a oferecer. Como resultado, é o evolucionismo que se vê alargado em termos de abrangência de seu horizonte conceitual, na medida em que, orientando-se a partir dessa tal diferença metafísica incrementada, se abre a uma maior gama de possibilidades de processos evolutivos, se lança a um princípio mais fundamental, mais basal, mais simples e, assim, se vê em condições de frutificar a inocência e a audácia da potência da vida, com as novidades que cria ao longo de seu curso evolutivo.

Uma precisão que, pode-se considerar, se coloca também como uma advertência preliminar e prudente frente à concepção bergsoniana, e que deve ser realizada o quanto antes, está em que, de forma consideravelmente distinta da tradição, a referida ideia de diferença não se impõe como sendo algo de relacional. Ao invés disso, a filosofia de Bergson se esforça para a construção de um conceito de diferença que rompe com a perspectiva mais ou menos clássica, na qual o diferente se aproxima daquilo que se entende pela ideia do desigual.

Sob essa última interpretação, tradicional, a diferença se situa exatamente como o contrário da igualdade, como o oposto da identidade. Ela, nesse sentido, deturpa a identidade, através de uma intervenção que corrompe o suposto perfeito arranjo entre as coisas postas sob a relação identitária, um suposto ajuste máximo entre essas coisas, que revela uma conciliação absoluta, homogênea, enfim, idêntica.

Muito pelo contrário, a diferença que aqui se vislumbra como referência de fundo para se pensar o evolucionismo não pode constituir-se sob as rédeas de tal conceito da tradição. Para essa investida, é preciso, antes de tudo, introduzir uma inovação nessa ideia de diferença, como brilhantemente realizado pelo bergsonismo, o que leva a uma singularidade original em sua concepção.

É nesse sentido que o pensamento de Gilles Deleuze se mostra como uma contribuição ímpar, vindo a reelaborar fundamentalmente o conceito de diferença, a partir de toda a potencialidade que enxerga em Bergson. Deleuze (2006a, p. 15) foi cirúrgico ao notar que a diferença *não pode dever o seu ser a uma causa, a um fim ou a um acaso, implicando, portanto, uma exterioridade subsistente*. Isso equivale a operar uma modificação significativa frente à sua noção, tornando-a capaz de requerer um *status* filosófico próprio, com uma presença mais bem definida e consolidada no interior da metafísica. Além disso, a investida deleuziana retira a diferença da trilha que seu conceito vinha percorrendo na história da filosofia, até então uma diferença enquanto mera antítese da identidade, como acima mencionado.

Pensada a partir do entusiasmo que o bergsonismo proporciona, fica claro que a diferença não exige (ou, mais que isso, não pode exigir) qualquer exterioridade em que subsista. Com isso, ela passa a ser dotada de uma certa autonomia, e se impõe como uma diferença que se sustenta por si mesma, como um conceito mais positivo. Essa diferença em Bergson deixa de ser despretensiosa, justo porque solicita um lugar próprio, um terreno em que possa intervir e exercer sua potência em ato, proporcionar diferenciações¹⁹.

Ao não implicar uma exterioridade subsistente, a diferença se vê livre de qualquer instância que a faça elemento acessório, secundário. A não exigência de um suporte exterior no qual venha a subsistir, enfim, significa dominar a sua existência conceitual, marcando sua autossuficiência essencial, de forma independente e prescindindo de outros conceitos com os quais, outrora, na perspectiva tradicional, estava em relação direta e indissociável.

Chega-se, com isso, ao desdobramento acarretado pela precisão conceitual que acaba de ser realizada: ao tornar-se uma diferença que não deve seu ser a uma causa ou a um fim, descartando uma exterioridade para subsistir, a diferença devém uma espécie de diferença pura. Sua essencialidade, na falta de expressão mais certa, se diz mais por sua tendência incessante em operar diferenças, em diferenciar-se, do que pelo alicerce de seu conceito.

Sendo, então, diferença pura, não pode, nunca, ser apreendida como uma diferença que se contenta em colocar elementos numa determinada situação comparativa para, somente diante do reconhecimento da ausência da identidade, simplesmente identificar distinções, apontar diferenças. Ao invés disso, a diferença revigorada em Bergson passa a ser

¹⁹ A diferenciação é exatamente o tema da penúltima subseção deste mesmo capítulo, e será melhor abordado na referida ocasião.

compreendida precisamente como uma diferença de si para consigo. (DELEUZE, 2006a, p. 12)

É frente à conquista deste ponto que o bergsonismo cria condições para um novo olhar sobre a evolução. Afinal, é com base nesse esforço conceitual que se faz possível entender que uma tal diferença, como agora reelaborada, potencializada, uma diferença sem exterioridade e de si para consigo mesma, não pode ser outra coisa senão que uma diferença interna²⁰. Constituir-se como uma diferença interna significa dizer: a diferença é aquilo que difere dela mesma. Isto equivale a afirmar, por conseguinte, que sua ideia se traduz como a pura tendência de um movimento que se faz diferenciante. E o movimento que se impulsiona para aquilo que difere dele mesmo transforma-se, passa a habitar outras zonas e territórios, tornando-se qualquer coisa outra, mas nunca se mantém como si mesmo.

Em outras palavras, a performance realizada por essa diferença coincide exatamente com a tendência para a mudança. Esta é a interseção fundamental que permitirá uma apreensão especial do evolucionismo, porque, a princípio, já parece bem assentada a relação íntima que se estabelece entre a vida pensada ao longo do tempo e a mudança inerente a ela, mudança que decorre justamente deste cenário traçado; ao mesmo tempo, anexando-se essa diferença como elemento conceitual imprescindível ao pensamento sobre a evolução da vida, tornando-o referência de fundo ao evolucionismo, parece ser cabido entender que a vida e sua evolução mesma são um acontecimento da natureza em seu suspiro pela criação do novo, como em um flerte eterno com a mudança, que se realiza em ato, isto é, que se atualiza, por sua diferença.

Embora esse *trailer* do quadro conceitual de trabalho dê uma visão parcial de como a filosofia de Bergson (em especial sua filosofia da diferença) pode vir a revitalizar o pensamento evolucionista, de qualquer forma, essa apresentação inicial ainda não dá conta de tratar das nuances minuciosas da concepção bergsoniana de diferença. Muito menos é possível, já neste ponto, estender tal discussão a alguns outros elementos que derivam dessa noção. O que fica claro é que a diferença se coloca como o componente central e crítico desta trama conceitual, e dela partem conceitos adjacentes. Toda esta articulação, por sua vez, merece um estudo mais detido, mais organizado e dedicado.

É neste intuito que as subseções seguintes tratam, oportunamente, de algumas importantíssimas noções que ao mesmo tempo nascem da e se compõem com a diferença

²⁰ Assim como será feito com a ideia de diferenciação, esta noção de diferença interna será melhor abordada adiante, em subseção propriamente dedicada a tal discussão.

bergsoniana. Tais conceitos derivados são o impulso vital (em resultado do qual será possível criar uma relação segura com a noção de atualização da vida), a diferença interna (cujo estudo mostra que, embora o conceito de diferença possa não ser propriamente biológico, sua potência de criação só se torna disponível ao ser compreendida como uma diferença vital) e a diferenciação (movimento da diferença num plano que se identifica de forma precisamente correlata ao plano da evolução, ela mesma).

Antes de avançar, vale esclarecer que o mergulho na concepção da diferença bergsoniana não se esgota neste momento, nessa breve consideração sobre aspectos gerais da diferença na filosofia de Bergson. A investida na apresentação desses diversos elementos que a compõem, exatamente ao contrário de cessar a discussão sobre tal noção, em verdade aprofunda ainda mais as nuances do conceito, já que, como dito, todo esse aparato que será mais bem esmiuçado em seguida deriva da ideia de diferença e, ao mesmo tempo, a compõe. A diferença, assim, não é anterior a estes demais conceitos, muito menos o contrário acontece: todo o aparelho conceitual aqui trazido só se torna possível à medida que essa concepção de diferença vai tomando corpo e, paralelamente, estas adjacências vão se articulando para dar um sustentáculo mais elaborado àquela.

Por isso, espera-se que a diferença, sob a luz de Bergson, adquira um brilho maior a cada uma das etapas subsequentes, preparando o terreno para o que será posto ainda mais adiante: a tentativa de aplicar essa diferença ao evolucionismo, na esperança de, com isso, colher possíveis novas interpretações sobre a evolução da vida.

2.1 *Élan Vital* e Atualização da Vida

A linha de pensamento traçada até então permite uma compreensão da diferença que a situa como um movimento afeito à mudança, na medida em que se constitui como uma pura tendência por diferenciar-se. É que uma tal diferença que, enquanto concebida sem exterioridade só pode ser diferença interna, se traduz como uma tendência diferenciante, cujo traço essencial reside em operar diferenças de si para consigo mesma, isto é, o ímpeto pela possibilidade do diferente. A inquietação típica que leva a diferença a processar essa diferenciação, por assim dizer, quando levada ao plano das espécies vivas, plano da biologia, conduz a uma perene transformação, à mudança da vida ao longo do tempo, ou seja, conduz propriamente à sua evolução.

A possibilidade de surgimento de novas composições biológicas e, com isso, leia-se, novas estruturas biológicas, novos órgãos, formas e espécies reinventadas, etc., tudo isto se deve, então, à diferença operando sua potência de diferenciar-se. Mas antes da existência material das espécies vivas, antes de sua presença atual na natureza, de acordo com a terminologia bergsoniana, deve haver a sua respectiva possibilidade virtual. A passagem do virtual ao atual depende, por sua vez, de um certo impulso que, a partir das possibilidades inovadoras geradas pela diferença, leva ao surgimento efetivo dos organismos vivos. Em outras palavras, a diferença precisa contar com uma espécie de impulso vital mediante o qual as possibilidades virtuais criadas venham a se produzir em ato, isto é, venham a se atualizar, passando a habitar o mundo vivo enquanto seres animados.

A atualização da vida, portanto, atravessa as delicadas relações existentes entre aquilo que pode ser identificado, no bergsonismo, como os modos do ser. Deleuze tratou com maestria as minúcias desta discussão, já percebidas por Bergson, e expressas pela tensão presente nas ideias de virtual, atual, real e possível. No que tange a este estudo, particularmente, é o modo virtual que inaugura os estágios ontológicos pelos quais a vida transita, se entendida em termos de criação e transformação de espécies, isto é, em termos evolutivos. Portanto, para efeitos da relação entre diferença e evolucionismo, é preciso esclarecer, primeiramente, que o virtual²¹ é o que é ou está em potência, e o que, justo por isso, é suscetível de se realizar ou de se exercer, enfim, é suscetível de se atualizar. O virtual é uma espécie de empenho em um movimento de atualização; e, tendo em vista a atualidade, passa por um processo o qual introduz, no mundo, o novo, a invenção ou, em termos propriamente bergsonianos, a criação. Assim, a virtualidade guarda consigo um grau intrínseco de novidade.

Mas é preciso mostrar que isto não significa que ao virtual falte realidade. Ele é real sem ser atual. Numa palavra, o virtual não se opõe ao real, na medida em que toda virtualidade já é, já existe, de fato, ainda que em potência e não em ação. Igualmente, a filosofia de Bergson mostra que o virtual não pode confundir-se com o que é possível, por duas razões. Primeiro porque o possível não carrega, necessariamente, um aspecto de novidade: aquilo que é possível já transparece o que pode vir a ser. Segundo porque o conjunto do possível é mais extenso que o conjunto do real: nem todo o possível é real, mas todo real requer, antes da realidade, sua possibilidade.

²¹ Em francês, **virtuel** [virtʁɛl] *adj* virtual; Dicionário Larousse francês/português, português/francês. Coordenação Editorial José A. Gálvez. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008; do latim *virtus*: virtude, força, energia, potência.

Em outras palavras, o virtual em Bergson é a própria problematização, cuja resolução deve ser atualizada. Numa extensão de sentido ao problema da vida e sua evolução aqui em pauta, percebe-se que o virtual equivale à diversidade advinda da diferença que atravessa a evolução dos seres vivos e, assim, prepara novos e exclusivos planos de possibilidade para a eterna criação do inédito viável, partindo-se da consistência da vida em sua afinidade vital.

Em seu desdobramento, o virtual conduz ao atual. O modo atual, então, responde ao campo da resolução²² do virtual, sendo o modo que introduz significação, sentido e efetivação às virtualidades. Em contraste com o que é em potência, o atual é o que está em atividade ou exercício, participando, portanto, do tempo presente. Mais que o mero estado de existência presente, o atual é, mais profundamente, a capacidade de concretizar os aspectos virtuais de todas e quaisquer coisas, trazendo-os para a objetividade patente da atualidade.

A relevância desta discussão está em que, como aponta Deleuze em *A Concepção da Diferença em Bergson* (2006a, p. 16), todo processo de atualização opera uma mudança de natureza, advinda da interface exigida para a atualização do virtual, algo que o faça dissociar-se da virtualidade em que se encontra e alcançar a dimensão atual.

E tudo isso já aponta na direção de um outro conceito adjunto à diferença, e que se mostra absolutamente relevante na conjuntura da tentativa de se pensar o evolucionismo sob a perspectiva filosófica de Bergson.

O vitalismo que se faz bastante presente no bergsonismo informa que para compor as espécies vivas, ao lado da matéria, que dá concretude de existência atual aos organismos, está o impulso vital. Esse é um outro momento da diferença, como um ímpeto que parte das virtualidades (e, portanto, potenciais) por ela criadas e conduz à efetivação material da vida, lançando-se, enfim, à atualização do virtual em atual, ao plano das coisas que, na interseção entre o âmbito da natureza e o âmbito da biologia evolutiva, são os organismos e as espécies. É Deleuze (Id. Ibid., p. 14) quem reconhece com clareza a relevância desse aspecto, ao mostrar que *a forma orgânica é decomposta em matéria e impulso vital* [...].

Portanto, a criação de novidades no plano da evolução das espécies também exige, para além dos átomos que compõem as moléculas que eventualmente venham a constituir carne e osso, um ímpeto para a vida, um escoamento que sucede a possibilidade da novidade

²² E este aspecto do atual flerta, em certo sentido, com a tese da individuação de Simondon. Acerca disto, Deleuze (2006b, p. 122) mostra que *a individuação, portanto, é a organização de uma solução, de uma “resolução” para um sistema objetivamente problemático.*

gerada pela diferença. Bergson conceitua essa noção adjunta à diferença como *élan*²³ vital, um verdadeiro impulso vital, uma força explosiva, violenta e inerente à vida.

Se estiver clara a ideia de que a diferença, pura e simplesmente nesse ímpeto de diferenciar-se de si mesma, de criar possibilidades inovadoras a partir de si, se impulsiona também para a consumação real, material, de novidades no plano biológico, sob a imensa diversidade de espécies e organismos, fica com isso vinculada a ideia de que esse *élan* só pode ser igualmente vital, e se mostra como um desdobramento dessa concepção de diferença, não sendo nem anterior nem posterior à ela, mas síncrono. Através do *élan* vital, a diferença busca de forma incessante e incansável, essencialmente mesmo, a atualização da vida, sob as mais diversas formas e sob as mais distintas inserções das linhagens evolutivas ao longo do tempo, na natureza.

Ao clamar e insistir na sua expressão atual, a diferença com isso exige uma instauração efetiva de sua potência virtual, reafirmando sua necessidade de vir à tona em existência material, sob a forma de organismos vivos. Esse incessante requerimento de existência material caracteriza uma eterna pendência, mediante a qual a diferença se encontra sempre numa disputa²⁴ entre uma certa contenção de sua força expressiva (no sentido de que a manifestação das mais distintas espécies biológicas deve enfrentar a rigidez e austeridade da matéria para que possam expressar-se como resultado da fluidez e da criatividade da diferença estendida ao *élan* vital) e uma certa concessão da matéria que venha permitir, por assim dizer, sua realização efetiva, sua atualidade material, através da assunção das formas vivas, enquanto organismos vivos na natureza.

Em suma, através do suporte de todos estes elementos, a diferença em relação direta com o evolucionismo torna este último um movimento de atualização da vida e de sua potência, testemunhado pelas distintas formas vivas que prestigiam a existência. Tal atualização incessante é a responsável pelo surgimento de novidades radicais no plano material, isto é, no âmbito dos organismos vivos que habitaram, habitam e virão a presenciar o mundo. Pelo *élan* vital, a multiplicidade advinda da diferença se singulariza, aquém de qualquer individualidade²⁵, de qualquer organismo.

²³ **élan** [elã] *nm* impulso m. Dicionário Larousse francês/português, português/francês. Coordenação Editorial José A. Gálvez. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

²⁴ Tal enfretamento, aqui apenas mencionado, está mais bem detalhado na última subseção deste capítulo, quando da discussão acerca da ideia de Diferenciação.

²⁵ Deleuze, (2006b, p. 121) caracteriza de forma sucinta e precisa esta questão: *Singular sem ser individual, eis o estado do ser pré-individual.*

Por isso, nesse sentido bergsoniano, tal atualização de potências geradas pela diferença, cujo *élan vital* se encarrega de permitir a instauração da pluralidade da vida na natureza, não é, nunca, recidente, nunca monótona ou recidiva, mas necessariamente inovadora, sempre criadora. Em *L'Évolution Créatrice*, Bergson (2001, p. 88) esclarece que o *élan vital* é *a causa profunda das variações* presentes nas espécies vivas, realçando, assim este caráter singular do impulso para a vida.

Em síntese, são esses 3 momentos que, juntos, esquematizam muito bem uma sugestão para a existência de tamanha diversidade de espécies, de organismos, órgãos, estruturas, enfim, diversidade de composições que se manifesta na natureza através da evolução da vida: a diferença criando possibilidades inovadoras, o *élan vital* dando impulso às virtualidades potenciais e, a partir deste, a vida se atualizando em realidades orgânicas.

Paralelamente a esse diagrama até então esquematizado, Bergson marca o *élan vital* como o autor do processo de diferenciação, a possibilidade da expressão da diferença interna. De qualquer forma, para que sua concepção de diferença seja mais bem elaborada e, em decorrência disso, para que haja condições conceituais de se instalar a diferença como parâmetro de fundo ao evolucionismo, é preciso, antes, se dedicar a mais estes dois componentes anunciados, que são igualmente fundamentais à sua perspectiva vitalista: a diferenciação e a própria diferença interna vital.

2.2 Diferença Interna

Muitas foram as noções mobilizadas e os momentos encadeados para esse início de tomada da ideia filosófica central deste estudo, com a esperança de que a questão evolutiva possa se abrir a uma releitura renovada a partir de seus fundamentos. Apesar destas tantas etapas e circunstâncias, não é inapropriado afirmar que os dois elementos conceituais mais expressivos de todo este escopo, oriundos desta concepção de diferença e muitíssimo relevantes, quase necessários mesmo, para se repensar o evolucionismo em relação com tal noção, são a diferença interna e a diferenciação.

A partir deste momento, então, fica proposta uma apreciação mais específica da diferença, depois de devidamente caracterizada, em linhas gerais, pelas seções anteriores. A intenção desta nova visita à diferença, que agora já se assume como uma diferença interna e vital, está em abrir trilhas para o que vem a ser o movimento ápice desta linha de pensamento apresentada, o arremate da potência da diferença enquanto conceito vital, sob a pretensão de

ser introduzida no âmbito da vida e sua evolução: tal movimento reside na noção de diferenciação.

Assim, esta e a subseção seguinte se compõem como uma única investida, a qual se reparte, artificialmente, em 2 momentos, numa estratégia de, primeiramente, trazer novas nuances da diferença em Bergson para que, em consequência disso, se crie a oportunidade ideal de, logo em seguida, selar seu estudo com a já pronunciada noção de diferenciação.

Considerando-se, inicialmente, a diferença interna, é interessante lembrar que quando, em sua filosofia, Bergson realiza uma aproximação àquilo que deixa legado como uma concepção ímpar de diferença, sua discussão, na verdade, sonda o ambiente da questão de se determinar a unidade das coisas, a questão do ser das coisas, a partir da natureza de suas diferenças²⁶ entre si; questão essa encaminhada de maneira tal que se faz sempre vinculada a um modo de investigação filosófica que possa prometer a apreensão imediata daquilo que se busca, isto é, uma compreensão pela intuição²⁷, justo porque extrai as diferenças de natureza²⁸ entre tais coisas.

Deleuze (2006a, p. 1) esclarece que, de um lado, *se o ser das coisas está de um certo modo em suas diferenças de natureza, podemos esperar que a própria diferença seja alguma coisa, que ela tenha uma natureza, que ela nos confiará, enfim, o Ser*. Por outro lado, *trata-se de determinar as diferenças de natureza entre as coisas: é somente assim que se poderá “retornar” às próprias coisas, dar conta delas sem reduzi-las a outra coisa, apreendê-las em seu ser*. Em outras palavras, o bergsonismo se lança, nesse sentido, respectivamente ao problema ontológico e ao problema metodológico²⁹.

É que a própria diferença não pode ser uma simples marca distintiva que se faz no espaço ou no tempo, qualificando distinções entre indivíduos alocados sob um mesmo gênero. Isto equivaleria a objetar que haja diferenças de natureza entre tais indivíduos, negando, ao mesmo tempo, suas diferenças internas. A tomada da diferença interna exige, portanto, a existência de diferenças de natureza. Esta última não é, por isso mesmo, genérica, nem tampouco específica, ou, analogamente, não é exterior nem superior às coisas. Ela é propriamente aquilo que marca a natureza da diferença entre coisas.

²⁶ A questão da natureza da diferença.

²⁷ *A intuição é o gozo da diferença. [...] ela própria é o método.* (DELEUZE, 2006a, p. 4)

²⁸ A questão das diferenças de natureza.

²⁹ Respectivamente, aquilo resumido pelas notas 26 e 28.

A diferença de natureza conduz, com isto, à natureza da diferença, que se mostra em termos de diferença interna. Ela, a natureza da diferença, por sua vez, responde ao tempo puro; ela responde à duração.

Ainda para Deleuze (Id. Ibid., p. 1), *esses dois problemas, metodológico e ontológico, remetem-se perpetuamente um ao outro: o problema das diferenças de natureza e o da natureza da diferença*. Mas, apesar dessa mútua remissão, o que interessa essencialmente para o caso desta relação entre diferença e evolucionismo é a questão da natureza da ideia de diferença, a qualificação e a distinção desta concepção bergsoniana singular, a evidenciação da índole da diferença.

Ao insistir na apreensão imediata, intuitiva, das coisas do mundo, Bergson sugere que é preciso, primeiro, se lançar à identificação das diferenças de natureza entre tais coisas para, somente então, a partir dessa diferença ou, mais precisamente, a partir do exame da natureza dessa diferença, apreendê-las em seu ser. Tecnicamente, o que se deixa transparecer através deste movimento é a ideia de que o ser de algo está, de certo modo, como ensina Bergson em *La pensée et le mouvant* (1993), não na diferença de uma coisa em relação às outras, mas em sua diferença em relação a si mesma, enfim, em sua diferença interna. Em síntese, o bergsonismo mostra que aquilo que confere a unidade de uma certa coisa é esta diferença interna, a qual é atingida justamente via diferença de natureza.

Essa curta retrospectiva da análise da origem, por assim dizer, da ideia de diferença em Bergson serve para evidenciar que se chega à diferença interna pelo movimento de invaginação que tem em vista a apreensão do ser mesmo de um algo. Em outras palavras, é com a intenção de conquista da coisa pura que, abstraindo-se de tudo aquilo que não pode ser tal coisa, tem-se sua diferença interna. (DELEUZE, 2006a, p. 2-3) Portanto, a diferença de natureza conduz à diferença interna, a qual coincide, por sua vez, justamente com aquilo que uma determinada coisa é.

Esta conclusão parcial que acaba de ser montada não pode ser subestimada: há um progresso conceitual significativo nestas últimas observações, que representa uma grande conquista filosófica, um passo delicado e importante. É que atingido este nível minucioso da investigação bergsoniana, tem-se a diferença interna, a unidade de certo algo ou de um conceito, que é alcançado via diferença de natureza. A conquista da diferença interna é, portanto, fruto do esforço direto e imediato da filosofia de Bergson no que diz respeito à sua

relação com as coisas, no que diz respeito à maneira como busca uma apreensão intuitiva³⁰ dos conceitos e dos seres do mundo. E nisto também se incluem os seres dotados de vida, não apenas os entes metafísicos. É exatamente nesse sentido que se pode também admitir que o vitalismo marcado em relevo na perspectiva bergsoniana caminha no sentido de mostrar que o destino do pensamento acerca da vida é encontrar sua diferença pura.

Quando desnuda, a diferença transparece seu caráter radical, justamente sua condição de diferença interna, restando a ela constituir-se mais como um movimento diferenciante, uma pura tendência de diferenciar-se. A diferença bergsoniana, por ser uma diferença de si para consigo, uma diferença interna, não pressupõe superfícies externas nas quais encerraria seus limites, no interior do qual ela realiza sua atividade e fora do qual sua ação estaria esgotada. Muito pelo contrário, essa tal diferença pura não mostra apreço pela lógica que baliza o intelecto, pelos sistemas reguladores sob os quais a razão tem sua operação submetida.

Mais uma vez, é Deleuze (2006a, p. 14) quem autentica que

a originalidade da concepção bergsoniana está em mostrar que a diferença interna não vai e não deve ir até a contradição [como a dialética de Hegel], até a alteridade [como a dialética de Platão], até o negativo, porque essas três noções são de fato menos profundas que ela ou são visões que incidem sobre ela apenas de fora. Pensar a diferença interna como tal, como pura diferença interna, chegar até o puro conceito de diferença, elevar a diferença ao absoluto, tal é o sentido do esforço de Bergson.

E esta, talvez, seja a transgressão mais impactante de nosso conceito: a diferença singular de Bergson é dotada de equívocidade. Isto significa dizer que ela não só aceita, mas também opera com contrários dentro dela mesma. Na medida em que é diferença interna, aquilo do que se diferencia³¹ só pode ser, ainda, sua própria diferença; mas, ao mesmo tempo, aquilo que se torna é igualmente uma diferença do que vem a ser. Numa palavra, como afirma Deleuze (Id. Ibid., p. 12), *se o que difere não é mais o que difere de outra coisa, mas o que difere de si*, então, igualmente, a diferença não se faz diferença de outra coisa, mas apenas diferença de si mesma. Ela não se torna um outro, relativamente diferente do que era, e externo ao que foi; ela realiza uma auto mudança, uma diferenciação que parte de dentro, mas não se estende para nenhum lugar fora. Ela, essa diferença, não é aquilo em que a mudança

³⁰ Leia-se imediata, imediatizada; uma compreensão por total coincidência com o objeto em apreensão, sem a participação das instâncias lógicas características do entendimento.

³¹ E a diferença se diferencia dela mesma.

acontece: antes, a diferença interna é o próprio episódio de acontecimento de uma eterna e pura transformação.

É por isso que se pode reconhecer uma tal equivocidade enquanto constitutiva da diferença. Por fazer-se diferença internamente a si mesma, ela comporta um certo aspecto e diferencia-se justamente em seu aspecto contrário; ela, simultaneamente, é um e outro, admitindo tendências opostas numa mesma unidade. Ela, enfim, contém um misto de contrários e, além disso, os situa em combinação uns com os outros.

A equivocidade é a qualidade oposta à univocidade. Esta última se traduz sob a segurança conferida pela estabilidade da manutenção das coisas tal como são ou devem ser, em decorrência da invariabilidade, da persistência e da imutabilidade. A univocidade³² flerta com a monotonia, justo porque admite uma e apenas única interpretação, um só caso, um só olhar, apenas a objetividade pálida da repetição³³.

A equivocidade, por outro lado, é afim à ambiguidade, à divergência de tendências e impulsos. A diferença que se diferencia de si mesma, sem exterioridades, só o faz porque é equívoca, porque cria uma multiplicidade de instâncias, produzindo uma abundância de complexidade dentro de si mesma, e num só movimento.

Para conferir um encaminhamento a este estudo da diferença, mais especificamente enquanto uma diferença interna, vale a tentativa de analisá-la quanto à constituição de seu conceito, no intuito de procurar evidenciar de que essa tal diferença deve ser composta, identificando qual a consistência de sua organização conceitual.

Antes de tudo, já deve estar relativamente justificado (ou, ao menos, transparecido) que uma tal ideia, esse conceito de diferença extraído de Bergson, habita o campo da Metafísica³⁴.

A segurança na colocação desta alegação está em que, tomando-a enquanto diferença interna, a concepção bergsoniana só se sustenta justo porque o faz pelas vias da intuição filosófica, através da qual não simplesmente se descreve ou se passa a conhecer a diferença, mas se penetra nela. É o próprio Bergson (1993, p. 183-184), em *Introdução à Metafísica*,

³² O máximo que se pode consentir, para a univocidade, é que ela pode vir a designar mais de um ou vários objetos distintos, mas desde que todos pertençam a um mesmo gênero, e o faça sob um mesmo sentido. Por exemplo, “animal” é termo unívoco de cão e homem.

³³ Aqui pode ser literalmente tomada a frase de Deleuze (2006a, p. 27): *nosso fio condutor é este: a diferença (interna) difere (por natureza) da repetição.*

³⁴ *A metafísica – é o encontro da razão com as idéias – sem a mediação da sensibilidade.* Claudio Ulpiano. Aula de 21/03/1989 - O Novo Objeto da Metafísica. Curso regular realizado na Escola Senador Correia. Disponível em <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=25> Último acesso em 06 de Setembro de 2015.

ensaio originalmente publicado na *Revue de métaphysique et de morale*, em 1903, que explica que [...] *os filósofos, a despeito de suas aparentes divergências, concordam em distinguir duas maneiras profundamente diferentes de conhecer uma coisa. A primeira implica que se dêem voltas ao redor dessa coisa; a segunda, que se entre nela.*

A questão do evolucionismo, atravessado a partir de seus fundamentos por essa noção de diferença filosófica singular, ela própria reivindica que haja um deslocamento de uma perspectiva externa, de uma perspectiva do conhecimento, para uma perspectiva interna, absoluta, em certo sentido.

A primeira depende do ponto de vista no qual nos colocamos e dos símbolos pelos quais nos exprimimos. A segunda não remete a nenhum ponto de vista e não se apóia em nenhum símbolo. Do primeiro conhecimento diremos que se detém no relativo; do segundo, ali onde ele é possível, que atinge o absoluto. (Id. Ibid, p. 183-184)

A concepção bergsoniana que vem sendo traçada permite que a diferença seja tomada não para que possa ser alcançado seu entendimento e sua compreensão, o quão mais enriquecidos ou complexos possíveis, mas para uma total coincidência com ela, para sua total conquista e incorporação. No caso específico deste estudo, que floresce a partir de uma temática biológica, Bergson (1993, p. 188) é metuculoso em tratar a questão:

Mesmo as mais concretas das ciências da natureza, as ciências da vida, atêm-se à forma visível dos seres vivos, de seus órgãos, de seus elementos anatômicos. Comparam as formas umas às outras, reconduzem as mais complexas às mais simples, enfim, estudam o funcionamento da vida naquilo que, por assim dizer, é seu símbolo visual. Se existe um meio de possuir uma realidade absolutamente, ao invés de adotar pontos de vista sobre ela, de ter uma intuição dela ao invés de fazer sua análise, enfim, de apreendê-la fora de toda expressão, tradução ou representação simbólica, a metafísica é exatamente isso.

Nossa ideia de diferença é, então, metafísica. E, a partir disso, entendendo a diferença enquanto componente metafísico, é oportuno mostrar em que sentido esta não recebe nem propriedades lógicas, nem propriedades físicas.

Sendo assim, resta a ela, portanto, apenas uma essência metafísica, não podendo compor-se com nenhuma exterioridade real (física) ou lógica (intelectual) que lhe seja subsistente. A diferença enquanto essência, enquanto conceito metafísico, não guarda nenhum princípio. Ela não se organiza em termos estruturais e lógicos, que se pretenderiam plenamente decodificáveis pelo intelecto, nem exige algum grau de realidade pela qual venha a constituir-se como coisa do mundo, como instância física efetivamente existente na

natureza. A diferença é o próprio fundo, o movimento gerador da mudança, quando inserida no tempo. Resta a ela, em última instância, ser precisa e suficientemente aquilo que difere dela mesma, uma pura diferença que se faz, apenas, acontecimento diferenciante. Este movimento, esta diferenciação que a diferença imprime, precisa ser também desenvolvida.

E agora, depois de se incrementar um pouco mais filosoficamente alguns aspectos dessa noção de diferença que pode ser reconhecida em Bergson, a atenção se volta para o segundo momento da investida acima anunciada, na intenção de se arrematar seu estudo exatamente com a ideia de diferenciação.

2.3 Diferenciação

A presente subseção concentra o olhar no processo de diferenciação, aquilo que, como mencionado, se constitui como o ápice da performance realizada pela diferença, e conceito a partir do qual serão feitas as incisões dessa filosofia bergsoniana no que diz respeito ao plano do pensamento evolucionista.

A diferenciação pode muito bem ser posicionada no ápice dessa filosofia da diferença e considerada o auge desse movimento voltado a redescobrir nuances do evolucionismo porque ela sintetiza, por assim dizer, o ímpeto vital oriundo da potência da diferença, culminando com a explicitação, com a manifestação de sua expressividade. A diferenciação é, assim, o cume do percurso realizado pela diferença, fazendo com que seja possível consumir, em ato, sua potencialidade virtual.

A propósito, entre a consolidação efetiva da expressão da vida e as possibilidades virtuais que condicionam tal atualização existe uma correspondência intensa. Quanto a isso, é preciso distinguir entre *um processo complexo de "diferençação" e de "diferenciação" que são inseparáveis. À diferençação correspondem as relações diferenciais em si mesmas, enquanto virtualidade; e à diferenciação corresponde o processo de atualização que gera a distribuição da diferença na qualidade e no extenso*³⁵. De qualquer maneira, o problema que se tem em foco, neste âmbito, é aquilo que se passa sob a noção de diferenciação³⁶ mesma.

³⁵ Cf. CHEDIAK, K. A. **Introdução à filosofia de Deleuze: um estudo crítico sobre o conceito de diferença na filosofia da representação finita e infinita**. Londrina: Ed. UEL, 1999, p. 118.

³⁶ O glossário de *Diferença e Repetição* repercute essa distinção sobre a noção de diferença, evidenciando estas duas possíveis significações: *differentiation* = diferençação; *différenciation* = diferenciação. Cf. DELEUZE. **A Ilha Deserta.**, 2006, p. 132, NT., nota na qual Orlandi realiza uma espécie de dicionário acerca desta expressão e de outras relacionadas.

O pensamento vitalista de Bergson explica que o *élan* vital é o autor do processo de diferenciação, a expressão da diferença. É precisamente nesse ponto que a noção de diferença, engendrando um movimento que difere de si mesmo, exhibe sua importância filosófica, pois é neste movimento que a evolução procede, atualizando as potências para a instauração da vida, arrastando-as para o presente, o que conduz à inauguração de novidades biológicas nunca antes previstas, viabilizadas pelas mais distintas espécies vivas. Nas palavras de Deleuze, (2006a, p. 16), *diferenciar-se é o movimento de uma virtualidade que se atualiza*.

Por isso a segurança em afirmar que a diferenciação é a realização mesma da diferença, como um poder de se conduzir até o conceito puro da diferença interna. Ela é, muito mais que isso, a própria expressão dessa diferença interna, como um vir a ser diferencial, aquilo que se desdobra, diferenciando-se. De acordo com a leitura de Deleuze (Id. Ibid., p. 14) da filosofia bergsoniana, *diferenciar-se é a própria essência do simples ou o movimento da diferença*.

Partindo-se de um outro ponto para se chegar à mesma ideia, pode-se dizer que essa diferenciação não é uma outra coisa para além da diferença. Ela é um momento da diferença, exatamente a sua expressão, a realização da força vital, do *élan* vital, contido em sua expressividade. A diferenciação, então, é o que dá sentido efetivo à diferença, é o que a torna apreensível pela natureza, instaurando-a no mundo, na medida em que confere existência àquilo que pôde ser pensado enquanto viável para a tomada de vida.

Ora, mas tomada estritamente, o que vem a ser essa diferenciação? A diferenciação é, fundamentalmente, a manifestação da força explosiva interna que é própria da diferença. É pela diferenciação que qualquer virtualidade potencialmente dotada da força intrínseca da vida pode vir a instanciar-se real e materialmente, primeiramente reservando e, em seguida, anunciando de forma efetiva sua concretude em existência, ainda que seja sempre uma existência provisória, ainda que limitada a uma duração³⁷. Em suma, diferenciar-se é atualizar um *status*, é assumir uma via, uma tendência, tal como testemunha a vitalidade afirmada nos distintos organismos viventes.

Bergson entende que a diferenciação, no plano da biologia, no plano da vida, isto é, considerando a existência física, efetiva, dos organismos, enfrenta uma espécie de resistência.

³⁷ Conceito de destaque na filosofia de Bergson, de uma maneira geral. Seu uso, nesse caso, vem para conferir uma maior precisão conceitual ao texto. De qualquer forma, não se faz oportuno, para o âmbito deste estudo, uma maior dedicação a essa ideia, o que demandaria longo investimento para que possa ser satisfatoriamente tratada. Para este caso, pode-se entender “limitada a uma duração” como um *élan* vital mergulhado num determinado intervalo de tempo, tempo que passa, contraindo-se e distendendo-se.

Essa resistência³⁸, o ímpeto para fazer-se vivo (esse movimento impulsivo para a instauração da vida) encontra no plano da matéria, na dimensão material³⁹, plano exigido para que a vida possa se fazer atual, para que possa se manifestar, desabrochar, vir a ser vida. No enfrentamento à resistência imposta pela estrutura material, pela condição material do mundo, enfim, pela matéria⁴⁰ de uma forma geral, a diferenciação acaba por se distorcer, como resultado imediato do embate entre potência vital e rigidez material. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que, através do *élan* vital, a diferenciação vislumbra a possibilidade de inovação no plano da evolução da vida, também a condição material do mundo afeta a diferença criada.

Decorre daí que essa mesma resistência é a responsável por fazer com que, afinal, a diferenciação não seja uma determinação, um cumprimento obediente de supostos planos que seriam já previamente estabelecidos e programados para a manifestação da vida. A diferenciação não se faz como resposta de nada; ela também não se faz com vista a fins; ela não é uma satisfação de propostas predefinidas para o mundo vivo; a diferenciação não tem projeto, não tem referências, nem preferências. Portanto, essa noção de diferenciação não pode ser uma determinação, mas, justamente ao contrário: é a pura indeterminação⁴¹, a abertura do tempo para a eterna criação de possibilidades viáveis para a vida, sempre surpreendentes em relação a si mesmas.

Longe de uma canalização padrão para a vida, é proveitoso *entender a questão da diferença como heterogênesse, antes que um saber sobre uma instância já constituída, trata-se da emergência de um mundo viável*⁴². Com este cenário, a vida é posta frente a uma gama de possibilidades em princípio infinitas de expressão material de sua potência.

Numa síntese, reforçando essa característica particular, mas profundamente relevante para a questão, parece ser cabido dizer que através da diferenciação, a diferença interna vital não apenas se afasta de uma determinação da vida, como ela é precisamente o contrário disso:

³⁸ Noção mencionada em subseção anterior (*Élan Vital e Atualização da Vida*), sendo aqui mais bem trabalhada, agora se utilizando de componentes conceituais mais específicos, o que não parecia possível algumas páginas atrás. Cf. nota 24.

³⁹ Embora esta exposição seja feita sob a filosofia de Bergson, não é intenção, aqui, atribuir à ideia de matéria todo o escopo preciso do aparato conceitual que lhe é dada em outras de suas obras (a exemplo de *Matéria e Memória* (1896)), que se direcionam e se esforçam em discussões que lhe são próprias.

⁴⁰ *Sem dúvida, a diferenciação vem da resistência encontrada pela vida do lado da matéria [...]*. (DELEUZE, 2006a, p. 16)

⁴¹ Bergson insiste sempre no caráter imprevisível das formas vivas. Em *L'Évolution Créatrice* (2001, p. 127), quanto a isso, escreve: *indeterminadas, quero dizer, imprevisíveis*.

⁴² Cf. CHEDIAK, K. A. Op. Cit., 1999, p. 109.

ela se anuncia como a própria indeterminação; é o estabelecimento da condição casual (isto é, que assume e depende do acaso) a partir da qual, necessariamente, a diferença atinge e instaura a mudança no plano da vida, ou seja, sua evolução.

Para o bergsonismo, de forma simples, a diferenciação é o desdobramento processual da diferença. Ela revela, então, um incessante movimento de declaração e consolidação da potência da vida, de sua afirmação no mundo natural, sob as mais diversas formas orgânicas e linhagens biológicas, ao longo do tempo. Através desse desdobramento, a concepção da diferença bergsoniana permite a criação do inédito viável, ou seja, a produção infinita de sistemas vivos exclusivos e originais, conforme a ocasião das afinidades evolutivas o permita, e também de acordo com a contingência da accidentalidade⁴³.

Assim, este momento particular da concepção de diferença, compreendido como diferenciação, é precisamente o que se entende por evolução. Evoluir é transformar-se, atualizar-se; é, num panorama estrito, instaurar novas composições, assumir novidades vitais, criando possibilidades para a expressão vida. Portanto, a evolução é o plano da diferenciação. E, como resultado, é a biologia⁴⁴ que melhor nos mostra o processo da diferenciação operando-se.

A esta altura, espera-se que o mergulho no pensamento de Bergson, visando à compreensão de uma concepção de diferença que se instale como referência de fundo para o pensamento evolucionista, tenha delineado e esclarecido o arranjo conceitual filosófico que se considera conveniente a uma espécie de releitura da evolução da vida⁴⁵, bem como de alguns de seus processos evolutivos. Até este momento, o que se mostra razoável de afirmar é que esta tentativa de oxigenar o âmbito do evolucionismo pretende que a vida e sua evolução sejam pensadas enquanto processos intrínsecos à diferença interna, que é vital, e que, através de um *élan* vital, esse ímpeto pela realização de virtualidades potenciais, se diferencia sem cessar, atualizando-se sob a forma dos mais diversos organismos vivos que existiram, existem e virão a existir.

⁴³ Relembrar a menção já feita acerca da ideia de acidente no que diz respeito à mudança da vida nas linhas do tempo. Cf. Capítulo I – A Vida e sua Expressão do Tempo. Uma retomada desta questão está feita no item 4.1 A Vida como Acidente à Diferença, do Capítulo IV – Uma Reinauguração da Evolução.

⁴⁴ Relação mais bem explicitada na Apresentação, primeira seção deste estudo.

⁴⁵ Esta espécie de síntese é o foco do Capítulo IV – Uma Reinauguração da Evolução, último capítulo deste estudo, em que se procura, finalmente, aplicar a concepção da diferença bergsoniana ao evolucionismo, no intuito de extrair novas possibilidades interpretativas deste campo, inaugurando novidades conceituais no âmbito evolucionista.

A próxima seção está colocada no sentido de apresentar e debater algumas incursões que podem ser realizadas no evolucionismo, tomado como um todo, inicialmente sob um ponto de vista mais biológico e, em seguida, ensaiando também algumas aberturas filosóficas que se mostram possíveis justamente pela óptica dessa singular ideia de diferença bergsoniana.

Numa palavra, o próximo capítulo varre minimamente o pensamento evolucionista atual numa procura por brechas nas quais a diferença de Bergson possa se infiltrar e, a partir de então, possa propor algumas reinterpretações. O que a diferença prenuncia frente ao evolucionismo é que este pensamento se permita ser mais sensível ao gosto e à audácia com que a própria vida se lança à sua evolução. A intenção nisto vinculada está em que o conjunto de teorias evolucionistas possa arriscar uma concepção da evolução da vida que seja mais abrangente, mais rigorosa e, ainda assim, mais leve e aprazível.

3 O EVOLUCIONISMO

O capítulo imediatamente anterior iniciou-se delineando o esquema básico deste estudo, ao mostrar que os dois polos substanciais, que conferem consistência conceitual à investida proposta são, de um lado, a diferença de Bergson e, de outro, o evolucionismo. Na oportunidade, o foco ficou voltado à apresentação, precisão e discussão do que vem a ser tal noção de diferença, que pode ser distinguida no interior da filosofia de Bergson. Tratou-se, então, de seu envolvimento com o conceito de *élan vital*, de sua relação com a ideia de atualização da vida, sua concepção enquanto diferença interna e, finalmente, debruçou-se sobre seu engendramento com o movimento de diferenciação, nível em que já se enxerga alguma abertura filosófica para a composição com mecanismos de evolução da vida.

Este capítulo, por sua vez, se destina à investigação do segundo destes polos essenciais, isto é, se dedica a uma discussão sobre o evolucionismo. Num primeiro momento, estas próximas páginas procuram marcar a vigência específica da ideia de evolucionismo para este trabalho, salientando suas bases teóricas, suas tensões internas, etc., na tentativa de se extrair seu conceito mesmo, para que possa ficar mais clara, em decorrência dessa iniciativa, uma concepção biológica de evolução. Em seguida, cria-se o momento propício para se evidenciar alguns meandros dos possíveis encontros filosóficos advindos da problematização sobre a evolução da vida, e que sejam enamorados à concepção da diferença bergsoniana.

Diante de uma intenção como esta não há melhor caminho para atacar a questão senão que perguntando, antes de tudo, sobre o que trata, afinal, o evolucionismo, isto é, sobre qual seu objeto de estudo, precisamente. Mas, ainda antes de uma resposta para a colocação, em virtude da qual se espera que seja montada uma perspectiva propriamente biológica do problema, uma primeira ressalva deve ser feita.

Esta interposição se mostra vantajosa para o momento porque, antes de procurar diretamente pelos conteúdos do evolucionismo, ou seja, pelos assuntos investigados no âmbito desta vertente, a ressalva procura entender, fundamentalmente, o que é a própria esfera evolucionista, o teor de sua constituição teórica, enfim, sua proposta científica.

As Ciências Biológicas são um conjunto de áreas de conhecimento que, juntas, estudam, afinal, os seres vivos. A Biologia, como um todo, se debruça sobre a constituição e o funcionamento dos organismos, desde uma escala molecular ou subcelular, passando por aspectos genéticos, indo a graus fisiológicos, até níveis populacionais, que abarcam a interação dos indivíduos entre si e destes com o ambiente físico-químico que os circunda.

O estudo conjugado de todas estas camadas, isto é, sob uma dinâmica, que se faz enfocando-se nas transformações sofridas pelas espécies de organismos, quando atravessadas pelo tempo, está a cargo, de forma geral, da Biologia Evolutiva, cujas teorias compõem a perspectiva que se conhece como evolucionismo.

Assim, o evolucionismo não deve ser identificado com as mais variadas teorias evolutivas que lhe dizem respeito, das quais ele é característica qualitativa. O evolucionismo é uma vertente, uma linha de pensamento e, como tal, deve ser compreendido enquanto uma postura filosófica e científica que, em seu interior, conjuga uma diversidade de teorias, cada qual procurando fornecer explicações próprias acerca do que pensam ser os mecanismos evolutivos que levam à origem e transformação das espécies de seres vivos, ao longo do tempo.

Portanto, é preciso discernir com bastante clareza os três níveis que marcam, respectivamente, os limites existentes entre os processos e mecanismos que promovem as transformações orgânicas e vitais, isto é, que promovem a evolução; as teorias evolutivas que propõem, organizam e sistematizam a interação entre tais processos; e a perspectiva evolucionista ela mesma, sendo esta a qualidade adjetiva de tais teorias. Numa síntese, as teorias é que são de cunho evolucionista, e não o evolucionismo a própria teoria.

Após esta pequena, mas importante ressalva, cabe o retorno à questão posta acima: sobre o que trata o evolucionismo? Seu foco de investigação está em reconhecer padrões de mudanças nas linhagens de organismos, cuja abstração permita a sugestão de processos e eventos naturais que possam fornecer explicações parcimoniosas à evolução da vida, quer dizer, às sucessivas transformações que levam a esta dinâmica geradora de diversidade, em sua expressão através de seres viventes.

Estas propostas de explicação variam entre si quanto ao alvo a que se prontificam explicar. Algumas delas concentram-se nas mudanças morfológicas entre seres de uma mesma espécie; outras, ainda quanto à diversidade morfológica, também cobrem as variações de formas, cores e estruturas, mas entre espécies distintas, comparativamente; algumas enfatizam as transformações genéticas, biomoleculares e celulares; mais uma série de teorias se aprofunda sobre aspectos comportamentais e sexuais, que podem constituir-se como critérios para a demarcação de convergências ou discrepâncias evolutivas; e mais uma série de diferenças deste tipo distingue a natureza de perspectiva das várias teorias evolutivas existentes.

A partir das vizinhanças de afinidade entre as bases teóricas a que se filia cada uma das distintas teorias evolucionistas, vão-se estabelecendo correntes e tendências para o pensamento evolutivo, dentro das quais tais propostas teóricas se enquadram com maior ou menor precisão. Ocorre de, eventualmente, firmarem-se grupos de teorias que compartilham os mesmos fundamentos e perspectivas filosóficas e científicas, ainda que apresentem algumas divergências quanto a aspectos mais específicos de suas explicações propostas, o que acaba por formar grandes correntes no interior do pensamento biológico evolucionista. Algumas delas, como o gradualismo e o pontualismo, duas das mais expoentes, e já mencionadas⁴⁶, fornecem explicações bastante consistentes e relativamente completas para o fenômeno das modificações das espécies ao longo do tempo.

De qualquer forma e apesar disso, quando se nota a história do evolucionismo, percebe-se que a apropriação do pensamento evolucionista revela um panorama repleto de preconceitos, de tendências arbitrárias, de más compreensões de conceitos e, principalmente, de rasteiras, imprecisas e até mesmo falsas concepções de processos evolutivos. A isto se deve, dentre outros fatores não menos relevantes, a igualmente imprecisa adoção de princípios para a investigação da questão central, isto é, a evolução mesma, partindo-se de problemas impuros, por assim dizer, de falsos conceitos vitais, numa terminologia mais fiel ao que se debate neste estudo, e o que, enfim, torna o evolucionismo um falso problema⁴⁷.

Em suma, estando circunscrito a princípios e referências estritamente biológicas, o evolucionismo se coloca numa posição em que, para ele, resta partir de concepções que não permitem apreender a coisa em seu puro acontecimento, apreender a pura diferença constituinte do *élan vital*, ironicamente contribuindo, assim, para um apequenamento da amplitude conceitual residente na noção de evolução da vida.

A evolução, a propósito, se interessa menos pela origem, e mais pela transformação da vida, que se desdobra estendendo-se sobre o panorama do tempo. Mais especificamente, o evolucionismo se preocupa em investigar os rumos que tomam as linhagens evolutivas, aproximando-se ou afastando-se umas das outras, no que diz respeito às suas respectivas relações filogenéticas, suas relações de parentesco, numa simplificação. E é sobre este último aspecto que a filosofia da diferença de Bergson lança uma luz, anunciando conceitos que parecem promover a ideia de evolução a um patamar mais além, mais largo, mais

⁴⁶ Menção realizada no tópico 1.1 Vida e Mudança, do Capítulo I – A Vida e sua Expressão do Tempo.

⁴⁷ *Finalmente, só há um tipo de falsos problemas, os problemas que não respeitam em seu enunciado as diferenças de natureza. É um dos papéis da intuição o de denunciar seu caráter arbitrário.* (DELEUZE, 2006a, p. 8)

fundamental, e vitaliza, com isso, a potência do ímpeto da vida para sua auto expressão e para sua eterna modificação.

3.1 A Concepção Biológica de Evolução

Charles Robert Darwin certa vez escreveu:

Há uma grandeza simples na visão da vida com seus poderes de crescimento, assimilação e reprodução, sendo originalmente insuflados na matéria sob uma ou poucas formas, e que, enquanto este nosso planeta tem seguido circulando de acordo com leis fixas, e a terra e a água, num ciclo de mudança, têm substituído uma a outra, que, de uma origem tão simples, através do processo de gradual seleção de mudanças infinitesimais, uma infinidade das mais belas e maravilhosas formas de vida evoluíram e estão a evoluir. (DARWIN, 1859, tradução nossa)

Este trecho é o encerramento da obra provavelmente mais significativa e emblemática da história da evolução biológica, intitulada *A Origem das Espécies*, e publicada pela primeira vez em 1859. Embora sucinto, o parágrafo reúne, em síntese, boa parte das teses pensadas no bojo da teoria evolucionista de Darwin e Wallace, no século XIX, e transparece uma série de elementos fundamentais de uma certa concepção de evolução. Isto permite, por sua vez, a identificação de uma leitura propriamente biológica da evolução da vida, pretendida a seguir.

Atualmente, a biologia evolutiva aceita, sem grandes controvérsias, duas concepções básicas acerca da evolução biológica. Para a primeira delas, a evolução se expressa em termos de uma transformação ao longo do tempo. Esta é uma ideia enunciada de maneira bastante simples frente às nuances e sutilezas envolvidas com a noção de evolução, mas que contém, apesar disso, os dois aspectos funcionais que articulam este fenômeno: transformação e tempo. É esta, inclusive, a ideia já expressa no início deste texto, a qual está em total acordo com a perspectiva vitalista⁴⁸ contida no pensamento de Bergson, e em especial em harmonia com a concepção da diferença bergsoniana há pouco apresentada⁴⁹.

Do ponto de vista da biologia evolucionista, o fenômeno da evolução, em sua conotação mais basal, não requer nada mais que esta mera articulação entre mudança e tempo. De acordo com esta concepção biológica, evoluir é transformar-se, num intervalo de tempo considerado. Tal formulação, no entanto, abriga um triplo questionamento, que deve ser

⁴⁸ Mais precisamente, a discussão realizada em 1.1 Vida e Mudança, no Capítulo I – A Vida e sua Expressão do Tempo.

⁴⁹ Cf. Capítulo II – A Concepção da Diferença Bergsoniana.

prontamente enfrentado, e que se refere, simultaneamente, àquilo que se transforma, que sofre mudanças, à natureza da própria transformação e à escala de tempo requerida para tanto.

Se a evolução biológica é a transformação ao longo do tempo, é também verdade que isto que sofre transformações, a coisa que se modifica, são as próprias espécies, representadas pelos conjuntos populacionais de indivíduos, que as caracterizam e as definem. Portanto, o que se transforma ao longo do tempo são as linhagens de organismos e, de acordo com as configurações biológicas que exibem num determinado ponto do cenário temporal (configurações estas sempre provisórias), se deixam chamar como esta ou aquela espécie, isto é, se encerram enquanto um bloco vital transitório e contingente, mas provisoriamente determinado.

O segundo quesito a ser esclarecido, sob esta concepção, reside em avaliar num grau considerável de minuciosidade a natureza das transformações a que se lançam as espécies vivas. A primeira lição que a biologia evolutiva proporciona, neste sentido, está contida na ideia de que as transformações pelas quais passam as espécies não derivam de uma mera mudança fenotípica⁵⁰ accidental, que venha a ocorrer em algum ou em vários momentos da vida de um determinado indivíduo ou organismo, isto é, mudanças decorridas de situações e acontecimentos contingentes à própria passagem da vida de um ser vivo. Se assim fosse, a evolução biológica estaria admitindo a inocência contida na noção da transmissão de caracteres adquiridos, fenômeno atualmente descartado do rol de mecanismos geradores de diversidade e propulsores de evolução.

⁵⁰ Dois conceitos de relevância incontestável para o desenvolvimento da genética, no início do século XX, foram os de fenótipo e genótipo, concebidos em 1911 pelo botânico, fisiologista vegetal e geneticista dinamarquês Wilhelm L. Johannsen (*3 de Fevereiro de 1857 – †11 de Novembro 1912), com o intuito de diferenciar, mais claramente, a hereditariedade de um organismo e o resultado que esta produz. O fenótipo pode ser entendido como o conjunto dos caracteres observáveis em um organismo ou numa dada população, sejam estas características morfológicas, de desenvolvimento, sejam propriedades bioquímicas ou fisiológicas, sejam etológicas (de comportamento), etc. O genótipo refere-se à constituição genética de um indivíduo, representado pelas informações hereditárias do organismo, contidas em seu genoma. Os limites e as interseções entre fenótipo e genótipo mostram que nem todos os organismos com um mesmo genótipo apresentam as mesmas características observáveis ou o mesmo comportamento, justo porque os componentes do fenótipo são influenciados por condições ambientais e de desenvolvimento. Do mesmo modo, nem todos os indivíduos cujos traços fenotípicos se assemelham possuem, necessariamente, genótipos idênticos ou similares. Mais recentemente, o etólogo britânico Richard Dawkins estendeu o conceito de fenótipo, propondo, em síntese, a seguinte equação geral, que esclarece que o fenótipo é resultante do cotejo entre a expressão dos genes do organismo, a influência de fatores ambientais e as transformações casuais do curso da vida dos seres vivos: genótipo + ambiente + variação ao acaso → fenótipo.

Cf. JOHANNSEN, W. L. **The genotype conception of heredity**. *American Naturalist* 45, 1911, p. 129-159.

Cf. CRICK, F. **Central Dogma of Molecular Biology**. *Nature* 227, 1970, p. 561-563.

Cf. DAWKINS, R. **The Extended Phenotype**. 1999, p. 127-203.

Ao mesmo tempo, as transformações evolutivas que as espécies exibem não são uma mera e imediata mudança comportamental ou ecológica que tenha sido eventualmente ocasionada por fatores objetivos naturais e, assim, levado um certo indivíduo, ou mesmo uma dada população, a tal condição. Neste caso, a permanência do novo comportamento estaria restrita e temporariamente condicionada à duração da condição que tenha conduzido a tal situação, fazendo com que a modificação comportamental não venha a ser uma mudança de fato incorporada à espécie.

Diferentemente e muito além disso, as transformações que caracterizam a evolução biológica são mudanças que, por algum intervalo de tempo (não importa se durante poucas ou ao longo de uma série de gerações), se fixam no *pool* gênico⁵¹ da espécie, e que, assim, passam a integrar o conjunto genético de uma dada linhagem, podendo, então, ser transferidas às sucessivas gerações de indivíduos de uma ou várias das populações daquela espécie. Em outras palavras, antes de se manifestarem no nível do fenótipo, as transformações transitam pelo genótipo da espécie, e é por esta via que, aleatoriamente, tais mudanças vêm à tona, ainda que usualmente permaneçam silenciosas nos indivíduos da geração em que foram originadas, manifestando-se apenas nas gerações subsequentes, isto é, nas gerações da prole.

Há, atualmente, uma enorme variedade de estudos moleculares e genéticos, combinados com estudos evolutivos, de domínio e conhecimento públicos, e que evidenciam a ocorrência do acúmulo de séries de modificações nos genes. A característica basal das mudanças biológicas que recaem no mundo vivo e que, assim, impulsionam a evolução das espécies é que estas são, essencialmente, resultados genéticos de um processo complexo envolvido com um maquinário celular e molecular altamente específico (quer dizer, próprio e exclusivo a cada uma das espécies). Estes resultados genéticos que codificam modificações são, então, expressos morfológica, fisiológica, etologicamente, etc., nas gerações que se seguem, de uma dada espécie, numa ou em várias de suas populações, introduzindo, agora efetivamente, a diferença, a mudança de tendências no curso de uma determinada linhagem evolutiva.

⁵¹ Fundo genético, fundo gênico, *pool* de genes ou *pool* genético é o conjunto de todos os alelos únicos que podem ser encontrados no material genético de cada um dos indivíduos vivos de uma determinada espécie ou população que, num dado momento, ocupa uma determinada área geográfica e troca, livremente, seus genes, indo de gerações parentais a gerações de prole, não havendo circulação de genes de uma espécie para a outra. O *pool* gênico é aquilo que forma, portanto, a base para o fundo genético da geração seguinte.

O apanhado da biologia evolutiva conta que até aproximadamente as décadas iniciais do século passado, a interpretação dada à genética mendeliana⁵² reconhecia no fenômeno das mutações, apenas, o fator responsável pela evolução, ignorando, de certa maneira, a influência do mecanismo da seleção natural nesse processo. Posteriormente, há um início de conciliação entre as ideias sobre a seleção natural e as convicções da genética.

Essa composição culmina com o que se denomina Teoria Sintética da Evolução, também conhecida como Neodarwinismo. Ela é uma espécie de implementação sobre as teorias de Darwin e Wallace, e propõe um alargamento em relação às fontes para a variabilidade que se percebe nas populações, principalmente a partir dos avanços nos conhecimentos acerca do material hereditário (ácidos nucléicos).

O último dos questionamentos a ser elucidado a partir desta formulação diz respeito à classe, à dimensão de tempo requerida para o acontecimento da evolução. A paleontologia foi a ciência que não só protagonizou o esclarecimento acerca da escala de tempo na qual o evolucionismo deve ser pensado, mas que também possibilitou o discernimento razoavelmente preciso em termos de datação dos eventos evolutivos mais emblemáticos da história da vida na Terra. Os paleontólogos mostraram que não é o tempo de vida humano, costumeira e inadvertidamente tomado como parâmetro para a evolução das espécies, a escala sobre a qual as transformações nas linhagens de seres vivos procedem.

Paralelamente, o panorama temporal sobre o qual se dá a evolução também não é da ordem da expectativa de vida de cada uma das respectivas espécies que venham a ser consideradas. Isto equivaleria a estabelecer níveis evolutivos particulares e exclusivos a cada uma das espécies existentes, presumindo-se que as transformações ao longo do tempo para cada uma destas ocorressem de forma mais ou menos sincronizada com seus ciclos de vida.

Com o aproveitamento da contribuição paleontológica, a biologia evolutiva se dá conta de que é na escala de tempo geológico que a evolução se processa, independentemente da linha de pensamento evolutivo tomado como referência conceitual, isto é, independentemente de se tais transformações são lentas e graduais ou, ao contrário, se acontecem por súbitos saltos⁵³. A despeito destas orientações, é no âmbito de milhares ou até de milhões de anos que as transformações das espécies se originam, se proliferam, são então

⁵² Gregor Johann Mendel (*20 de Julho de 1822 – †6 de Janeiro 1884), monge agostiniano, botânico e meteorologista, nascido no antigo Império Austríaco, território que atualmente integra a República Tcheca.

⁵³ Mais uma vez, faz-se oportuno relembrar a apresentação destas linhas de pensamento, contida na seção 1.1 Vida e Mudança, do Capítulo I – A Vida e sua Expressão do Tempo.

selecionadas (negativamente, de forma neutra ou positivamente), se fixam e se acumulam. As mudanças evolutivas, enfim, se adicionam cumulativamente umas sobre as outras de maneira tal que, passado um intervalo temporal desta ordem, acabam por fazer com que seja impossível afirmar que os organismos resultantes desta série de mudanças ainda representem suas espécies originais, as espécies às quais uma vez pertenceram, há milhares ou milhões de anos atrás.

Isto encerra os três pontos de questionamento recentemente abertos pela primeira proposição acerca da evolução biológica, que a compreendia como transformação ao longo do tempo. Mudando de perspectiva em relação aos termos mobilizados para uma tal enunciação, que seja igualmente biológica, a segunda concepção de evolução com que trabalha a biologia evolutiva se traduz em termos de descendência com mudança.

Mais uma vez, assim como a primeira, esta segunda formulação se articula em torno de duas instâncias, as quais, neste caso, são a ideia de descendência e a ideia de mudança. Por descendência pode-se entender, de uma forma bastante elementar, a série de indivíduos ou organismos provenientes de um mesmo progenitor. Em verdade, a utilidade estratégica em se mobilizar a noção de descendência para esta concepção de evolução biológica reside em que, associada ao conceito de descendência está a ideia de hereditariedade, sugerindo e evidenciando, para esta formulação, como que automaticamente, o fenômeno da transmissão de informações sobre caracteres, dos ascendentes aos descendentes.

A consideração da propriedade da hereditariedade no âmbito desta definição de evolução exige, por sua vez, duas ideias já mencionadas: transformação, na medida em que os caracteres herdados pela geração da prole se combinam, em cruzamentos futuros, com outros caracteres de outros indivíduos desta mesma geração para, a partir disto, produzirem uma terceira característica, que não é encontrada identicamente em nenhum dos progenitores, isto é, que seja exclusiva à prole; e tempo, na medida em que a sucessão de gerações no sentido progenitores-proles somente pode se dar no curso da sucessão de eventos.

Assim, a evolução entendida enquanto descendência com variação já pressupõe o conceito de transformação ao longo do tempo, isto é, já envolve a formulação há pouco discutida e, para além disso, embute uma precisão no problema, ao propor o mecanismo (hereditariedade) pelo qual tais transformações se fazem possíveis e vêm à tona nas linhagens evolutivas.

Quando bem avaliadas, estas duas enunciações não são exatamente duas proposições distintas acerca da evolução das espécies, mas duas formulações apenas superficialmente

elaboradas de maneiras diferentes. Elas estão, mais que isso, implicadas uma noutra, sendo que a segunda delas apresenta uma espécie de maior nitidez em relação à primeira, no que diz respeito ao uso de uma roupagem conceitual tipicamente biológica mobilizada para tratar da questão.

De qualquer forma, as duas concepções evolutivas básicas guardam como traço comum o fato de serem, antes de tudo, formulações simples. A simplicidade está aí colocada no intuito de transparecer uma concepção que não induza compreensões tendenciosas, ou que possam estar contaminadas, por assim dizer, com alguma ideia que, originalmente, não constitua o conceito de evolução. Em outras palavras, o conceito evolutivo, no plano da biologia, descarta quaisquer acréscimos que façam a evolução pender, sugerindo ou insinuando perspectivas outras à ideia evolutiva fundamental, sejam perspectivas deterministas, teológicas, pseudocientíficas, etc. Por isso, o evolucionismo aposta na simplicidade dessas definições e, ironicamente, visando tal simplicidade, se esbarra na abertura às más apropriações de seu significado legítimo.

O que está em jogo, neste momento, é a existência de interpretações das teorias evolucionistas que procuram encorpar e alargar o conceito de evolução, para torná-lo capaz de cobrir uma maior gama de mecanismos e processos evolutivos naturais, alcançando um maior número de explicações supostamente muito certas e convictas para a diversidade esplêndida de formas, cores, comportamentos e estruturas encontradas em seres vivos. Ao fazê-lo, entretanto, tais apropriações acabam por incutir no conceito evolutivo, de forma não autorizada, perspectivas que não lhe são próprias, tendências e aspectos que, por direito, não lhe pertencem.

Numa palavra, é patente que a modernidade entregou à contemporaneidade um pacote de preconceitos, ingenuidades e deturpações para o campo da evolução. Talvez a mais simbólica delas seja a correspondência, bastante equivocada, que identifica a evolução biológica com a noção de melhoramento progressivo, no sentido de mera e ingenuamente canalizar espécies de um estado mais simples a outro, mais complexo, isto é, como se a evolução levasse, intencionalmente, do pior para o melhor, do ser mais primitivo ao (assim chamado) mais evoluído. Tal imprecisão é emblemática, grosseira e arrogante, e demonstra certo desconhecimento dos elementos filosóficos que se situam como fundo para o evolucionismo, como as ideias de parcimônia, de seleção natural, de acaso, e muitas outras.

Uma dificuldade menos teórica ou, melhor, de natureza mais aplicada, e que de certa maneira lida com a interface entre a concepção de evolução e o acontecimento mesmo das

transformações das espécies de seres vivos ao longo do tempo é aquela que diz respeito ao nível de atuação da evolução biológica. O que se questiona, quanto a isto, é que, assumindo-se então a existência da mudança da vida via diferença interna aos seres vivos, tal processo de transformações incide em nível populacional, isto é, no âmbito dos conjuntos de indivíduos de uma mesma espécie que habitam uma determinada área, num intervalo de tempo definido? Incide no nível do indivíduo, ou seja, a evolução se processa transformando cada um dos organismos vivos, individualmente? Dá-se no plano morfológico e fisiológico, modificando e selecionando diretamente os órgãos e estruturas, e apenas secundariamente os indivíduos que os portam? Ou até mesmo, pergunta-se, a evolução atua em nível genético, através da maquinaria molecular, com mecanismos de regulação de expressão gênica?

Esta não é uma mera dúvida que se apresenta com expectativa de pronta resposta. Antes, é um problema que atravessa a biologia evolutiva como um todo e que, proveitosamente, convida aspectos filosóficos a integrarem esta ambiência.

Uma possibilidade que se anuncie a partir de um único e promissor conceito filosófico e que possa ser evocada para dar conta da concatenação simultânea de todos estes níveis de atuação está na mobilização da concepção bergsoniana de diferença, sendo adjuntas a esta proposta outras das noções⁵⁴ bergsonianas que derivam e se compõem com tal ideia.

É precisamente nesta conjectura que o estudo da filosofia de Bergson possibilita a inserção da ideia de diferença como referência para compor o fundo do evolucionismo, ao lado da adaptabilidade dos organismos vivos às circunstâncias ambientais objetivas. Assim, se alcança uma maior extensão conceitual para a ideia de evolução da vida, ao seduzi-la e situá-la, para além do âmbito físico ou, mais exatamente, biológico, também no âmbito metafísico ou, mais exatamente, filosófico.

3.2 Pendências Filosóficas

Toda a motivação deste estudo aposta na ideia de que parece haver condições de se abrir, no estudo do evolucionismo, pontos para intervenções filosóficas na questão, desde sua fundamentação teórico-metodológica, passando pelos processos e eventos que caracterizam a efetividade da evolução biológica, até a discussão da repercussão destes fenômenos para a ciência, de uma maneira geral. Em resumo, a intencionalidade aqui vinculada está em propor

⁵⁴ Tais noções são o *élan* vital, a diferença interna e a diferenciação, já discutidas no Capítulo II – A Concepção da Diferença Bergsoniana.

a diferença de Bergson como elemento de fundo à evolução da vida, sob a alegação de que esta combinação possa prometer uma releitura mais profunda do evolucionismo contemporâneo.

E a discussão da diferença, em capítulo anterior, seguida da apresentação da concepção biológica de evolução, recém-realizada, estão colocadas para evidenciar algumas pendências filosóficas que podem ser notadas aí, nesta interseção, visando precisamente a preparação para uma outra abordagem do evolucionismo.

Se a biologia evolutiva atual já concilia o mecanismo da seleção natural e sexual com os mecanismos genéticos para obter, a partir disto, uma interpretação um pouco mais holística dos processos geradores de variabilidade nas populações de organismos, é também interessante notar o modo pelo qual tal seleção se processa. A seleção natural destrói, e não cria. Ela se impõe como o crivo da natureza, retendo em sua trama aqueles caracteres fenotípicos que, ocasionalmente, se mostram de alguma maneira desvantajosos para o indivíduo ou para a população na qual está inserido.

A seleção natural, portanto, não procede em prol de coisa alguma; ela não tem nunca algo em vista, nenhuma meta ou propósito predefinido. Esta seleção é natural justo porque surpreende a vida ao léu, em seu ócio, atuando como uma malha fina invisível, intensa e incessante. As espécies biológicas sobreviventes são como um filme em negativo da seleção natural; elas são o resultado daquilo que é inerte à seleção, e não o que fora selecionado, leia-se, capturado, eliminado.

Esta clareza sobre o mecanismo darwiniano por excelência já é suficiente para afastar a ideia ordinária e pretensiosa de uma seleção natural tendenciosa, interessada e orientada, na medida em que, sendo compreendida sob uma concepção destas, a evolução supostamente operaria com um objetivo seletivo, dotada de uma teleologia que visaria o alcance de determinados modos de vida. O problema da existência de um objetivo não surge da eliminação dos inaptos, e sim da origem dos aptos. Ora, se a seleção natural não opera um julgamento sobre os aptos, mas uma desqualificação dos inaptos, destrói-se, junto disso, a falsa problemática do determinismo no âmbito do evolucionismo.

Uma característica marcante do pensamento darwiniano está emblematicamente representada pelo subtítulo⁵⁵ de sua obra central, sob a ideia de que se percebe, na luta das

⁵⁵ O título completo da referida obra é: *On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. Esta segunda porção do título, que já se prontifica a uma sucinta explicação do mecanismo de seleção natural, contém como cerne a noção de disputa, de competição.

espécies pela manutenção da vida, isto é, no curso da seleção natural, uma preservação de certos traços os quais se revelam, afinal, favorecidos. Por outra forma: a evolução das espécies, as animais, as vegetais, microscópicas, etc., se incumbe de permitir estender, na história da vida na Terra, aqueles caracteres biológicos que se mostram vantajosos ou neutros ao crivo do tempo agindo na natureza. Desta maneira, o conceito de *fitness*⁵⁶ se apresenta como o marco essencial desta seleção imposta naturalmente, como que autorizando e consentindo com a perpetuação das espécies mais astuciosamente adaptáveis e competitivas.

Mas o próprio pensamento evolucionista, por sua vez, parece valorizar (muito embora o faça espontaneamente e não propositadamente, mas com um grau maior de preponderância comparativamente à ideia de *fitness* na luta pela vida) a perspectiva complementar a esta, pondo em evidência as práticas associativas, mutualísticas e semióticas (numa extensão de sentido) entre espécies e indivíduos. O estudo da evolução biológica, neste sentido, transparece que no curso da existência das espécies, isto é, na sua perpetuação ao longo do tempo, na natureza, há menos presentemente as noções de adaptabilidade e de competição, e mais expressivamente as ideias de simbiose, de troca de informações.

Os indivíduos e suas populações impulsionam e potencializam as relações ecológicas harmônicas, beneficiando-se, assim, dos resultados advindos de uma gama de variedades dessas interações biológicas. Com isso, encontra-se certo sentido em afirmar que, para o âmbito do evolucionismo, não há exclusividade do aspecto negativo ou desarmonioso (para tomar a terminologia biológica) da competição na luta pela vida, no que diz respeito à promoção dos traços e caracteres biológicos entendidos como vantajosos pela seleção natural. Isto porque a evolução se vê diante do igualmente benéfico efeito das relações ecológicas harmônicas, tanto as resultantes de processos intraespecíficos, como as sociedades e as colônias, quanto as advindas de esquemas interespecíficos, como as simbioses, os mutualismos, ações protooperativas, o inquilinismo (ou epifitismo, em sua nomenclatura botânica), práticas comensalísticas, etc.

Contemporaneamente, a biologia evolutiva, que reúne os diversos matizes do evolucionismo, entendido como uma vertente filosófica e científica, assume uma extensão de significados e se lança a cobrir um grau de variedade de processos evolutivos que se mostram, enfim, consideravelmente mais restritos do que o conceito de evolução pode se pretender. Além disso, o pensamento evolucionista tem reduzido sua amplitude em nível do

⁵⁶ Em tradução livre, não optamos tão precisamente pelas noções de capacidade, adaptação, ou aptidão. A predileção de tradução é pela vertente ecológica, que entende *fitness* enquanto adaptabilidade (capacidade ou potência de adaptação).

reconhecimento da sutileza de nuances envolvidas nos processos evolutivos que estão, a todo o momento, em curso, no mundo natural.

O desafio em se estabelecer uma concepção de evolucionismo que coadune, por um lado, o aspecto propriamente biológico representado pelo mecanismo de seleção natural e, por outro lado, o aspecto moderno contido nos avanços da genética e da biologia molecular, com o âmbito fundamental, filosófico, orientado a partir da ideia de diferença em Bergson, reside justamente na dificuldade de não se enfraquecer a amplitude do conceito de evolução, enquanto fenômeno da natureza. A utilidade desta proposta está em apreender a originalidade irredutível da diferença, e não em meramente descobrir as suas componentes mecânicas ou, em outras palavras, a utilidade de uma tal leitura está em não conceber a diferença de fundo à evolução enquanto um mero componente articulador entre a possibilidade de transformação das espécies e as mudanças efetivas ao longo do tempo, mas em tomá-la como a própria diferenciação que conduz o impulso vital à criação de encontros exclusivos e originais, no mundo vivo.

Esse problema da diferença e da vida foi identificado, por Darwin, exatamente no bojo da ideia de evolução, ainda que Darwin tenha chegado a uma imprecisa concepção do que viria a ser, fundamentalmente, a diferença vital. Ora, uma diferença interna que opera sua diferenciação a partir do *élan*, das forças infinitas da vida, é uma diferença vital, muito embora seu conceito possa não ser propriamente biológico. Da mesma forma, compreender o impulso vital como o propulsor de uma manifestação infinita da multiplicidade da vida, vide a diversidade dos seres vivos, cabe exatamente à ideia de evolução. Deleuze (2006a, p. 23), em seu estudo dedicado à diferença bergsoniana, também entende que *quando a virtualidade se realiza, isto é, quando ela se diferencia, é pela vida e é sob uma forma vital; nesse sentido, é verdadeiro que a diferença é vital*. É desta forma que a filosofia da diferença de Bergson reconhece uma espécie de pendência filosófica no evolucionismo, com possibilidades a uma leitura mais sensível da evolução da vida, a partir desse ímpeto pela diferenciação.

Em verdade, a questão é que Bergson, em detrimento do aspecto marcadamente positivista de evolucionistas como Spencer⁵⁷, Mill⁵⁸ e até o próprio Darwin, inaugurou um pensamento que, em grande parte, pode ser compreendido como uma espécie de contraponto às perspectivas destes. Primeiro, porque Bergson foi um pensador comprometido com a vida:

⁵⁷ Herbert Spencer (*27 de Abril de 1820 – †8 de Dezembro de 1903). Filósofo inglês, admirador e conhecedor da obra de Charles Darwin.

⁵⁸ John Stuart Mill (*20 de Maio de 1806 – †8 de Maio de 1873). Filósofo e economista inglês, simpatizante à teoria do Design Inteligente.

não pensava meramente ideias; pensava a própria existência. Segundo porque, sob este viés, uma nova interpretação da vida foi alcançada. Nesta noção de evolução, a existência passa a exibir uma relação direta com o tempo, ao preconizar o vital comparativamente ao orgânico, e ao compor-se apenas com uma relação de conveniência com a viabilidade para o vivo, preconizando planos de consistência vitais no lugar da noção de estruturas biológicas.

Não há estruturas consolidadas no plano do mundo vivo, não há traços de rigidez orgânica no âmbito do evolucionismo, isto é, nas considerações sobre o surgimento e evolução das espécies. Não há regimes de fixidez e determinações essenciais que guiem ou que funcionem como balizadores para uma tal evolução, que é marcadamente biológica.

Uma concepção das espécies biológicas enquanto criaturas resultantes de um processo de *design* predefinido, enquanto seres planejados em total compatibilidade e adaptação às instâncias terrestres, só se satisfaz em meio à ideia ilusória que deriva de um recorte instantâneo e artificial do tempo, entendido como uma sucessão linear de instantes. Se tomadas desta forma, as espécies biológicas são um mero retrato das condições circunstanciais do espaço e do tempo, refletindo uma harmoniosa (mas fantasiosa) compatibilização através da supostamente plena e perfeita adaptação de seus corpos, órgãos, estruturas e comportamentos ao ambiente terreno no qual surgiram, instantaneamente.

Ao contrário, se tomadas nas linhas do tempo concebido enquanto duração, as espécies biológicas testemunham toda uma história evolutiva de bifurcações divergentes, que transparecem o parentesco entre linhagens de organismos, ou seja, suas relações filogenéticas, as quais se ramificam acidentalmente consoante ao *élan* vital internamente expresso em suas tendências diferenciantes.

O que salta com clareza e exclusivamente a partir de um olhar filosoficamente interessado da biologia evolucionista é que, em detrimento da invariabilidade de formas vivas e da imutabilidade de suas constituições genéticas, o evolucionismo deve lidar, antes, com um expressivo sistema de metaestabilidade. É Deleuze (2006b, p. 121) o filósofo a afirmar categoricamente que *o que define essencialmente um sistema metaestável, é a existência de uma “disparação” [...], entre as quais não existe ainda comunicação interativa. Ele implica, portanto, uma diferença fundamental [...], cabendo cirurgicamente à diferença bergsoniana tal conduta.*

A evolução da vida infiltrada pela diferença se situa no plano das estabilidades instáveis. (PRIGOGINE, 1990, p. 58) Isso traz à tona não um suposto repouso pleno, advindo da repetição monótona de padrões; padrões estes que seriam ilustrados pelos organismos

vivos, quando concebidos enquanto formas vivas tomadas de maneira estanque da história da vida na Terra, ocultando toda a ideia de processo que permeia o fenômeno de sua evolução biológica. Ao contrário, lido a partir da diferença, o evolucionismo torna-se afeito às flutuações do equilíbrio dinâmico que impulsionam a vida em sua trajetória acidental de modificações de si mesma, ao longo do tempo. (Id. Ibid., p. 58) Em Bergson, o evolucionismo associado ao processo da diferenciação não clama por um mérito e por um reconhecimento, por assim dizer, frente à espantosa beleza da diversidade que surpreende a vida; toda esta suposta engenhosidade encontra-se substituída pelo impulso vital interno e consistente para a propulsão do vivo.

É neste sentido, mobilizado por este discernimento então realizado, que agora se faz possível e oportuno recuperar uma questão anunciada na apresentação deste estudo, a saber, aquela que versa sobre a tipificação da evolução como criadora [*créatrice*], o que é apresentado de forma bastante emblemática no título da obra bergsoniana central a este trabalho, *L'Évolution Créatrice*. A precisão nesta caracterização está em mostrar que, mais que criativa [*créative*], isto é, por mais que haja neste conceito uma índole para a mudança, sendo ela prenhe de criação, a evolução da vida é, ela própria, criadora, como um artista que cria (e, portanto, pela primeira vez) algo nunca antes pensado ou imaginado, algo original e exclusivo. A propósito, o original não é aquilo que apenas contém o diferente. Embora necessária, a diferença ainda não é suficiente para se patentear a originalidade da evolução biológica. É preciso que haja, além disso, um aspecto de inventividade ímpar em suas propostas diferenciantes. É por isso que entender a evolução enquanto criadora é compreendê-la, também, em sua singularidade.

Concomitantemente e em suma, pode-se dizer que a diferença é criativa; a evolução é criadora. Esta breve síntese destaca a articulação entre o metafísico e o natural (ou biológico, mais especificamente), que permeia todo este trabalho. E, ao mesmo tempo, tal esquematização recupera, também, numa dada proporção, o movimento de diferenciação, já abordado anteriormente, que, afinal, vai do filosófico ao biológico, do virtual ao atual. Esta noção pode ser percebida a partir do pensamento de Deleuze (2006a, p. 24), ao mostrar que *o virtual é em si o modo daquilo que não age, uma vez que ele só agirá diferenciando-se, deixando de ser em si [...]*.

Quando se estuda a diversidade de novidades evolutivas que eventualmente surgem nas linhagens de espécies, ao longo do tempo, nota-se que não há fixidez plenamente estabelecida no desenrolar deste fenômeno. Não há modelos, padrões ou metas previamente

moldadas para a aquisição de formas vivas específicas. A diferença de natureza da vida mostra que não há parâmetros universais nem critérios objetivos que, de antemão, possam estipular mudanças evolutivas absolutamente convenientes e favoráveis⁵⁹, mudanças estas que tenham valor evolutivo determinado independentemente de circunstâncias casuais, contingentes; não há, enfim, teleologia alguma que trace horizontes predefinidos, baseados em melhoramentos de estruturas corporais, de comportamentos, de estratégias ecológicas, ou qualquer tipo de transformações que levem a estas condições, e cuja suposta conquista das quais garanta, imediatamente, alguma vantagem adaptativa, isto é, que prometa o sucesso⁶⁰ evolutivo de certos grupos em relação a outros.

Se há alguma instância de acontecimentos no interior do evolucionismo que seja afeita à repetição, afeita à univocidade, à monotonia e à estrutura, esta só pode ser apenas a repetição da diferença. A diferença é o que se repete⁶¹. E, repetindo-se em sua diferenciação, diferencia-se de si mesma⁶². O que há, enfim, no âmbito da evolução das espécies, no plano das transformações das mais variadas formas que a vida assume, é uma constante produção de diversidades, de divergências e bifurcações, e uma correlata seleção permanente, operacionalizada na própria natureza, de tais inovações propostas pela própria vida ao diferenciar-se.

⁵⁹ Ou, ao contrário, mudanças evolutivas que se mostrem, imediatamente, importunas e prejudiciais.

⁶⁰ Ou, igualmente, o contrário: que leve ao fracasso evolutivo de certos grupos comparativamente a outros.

⁶¹ [...] *Bergson se dedica a nos mostrar que a diferença é ainda uma repetição e que a repetição é já uma diferença.* (DELEUZE, 2006a, p. 27)

⁶² [...] *a diferenciação é uma ação, uma realização. O que se diferencia é, primeiramente, o que difere de si mesmo, isto é, o virtual.* (DELEUZE, 2006a, p. 21)

4 UMA REINAUGURAÇÃO DA EVOLUÇÃO

Espera-se que a trajetória percorrida até este momento cumpra a meta traçada na apresentação deste trabalho, tendo sido suficientemente realizada, inicialmente, uma problematização acerca da questão da vida e sua expressão do tempo; seguida de um mergulho na concepção filosófica da diferença bergsoniana; e, enfim, recém-discutidos os contornos da evolução da vida, no âmbito específico da biologia contemporânea. É assim que, neste momento, faz-se devido, então, a colocação do clímax deste estudo, o que reside justamente na composição do problema entre a diferença e o evolucionismo, engendrando resoluções para dar algum prosseguimento às questões bergsonianas abertas.

Apesar dos inúmeros nuances e precisões prestadas pelo pensamento de Bergson à biologia, de uma maneira geral, a maior contribuição da filosofia bergsoniana da diferença ao problema da evolução biológica, mais especificamente, está em conferir à vida ou, melhor, conferir à história do acontecimento da vida na Terra, um caráter de impulso singular, propriamente vital, não superestimando o aspecto orgânico que atravessa os seres vivos, por vezes tido como aspecto exclusivo destes.

Neste ponto de inflexão sobre a temática da vida, a diferença em Bergson a compreende como sendo, antes mesmo da atualização das virtualidades vitais em organismos vivos, uma forte tendência por diferenciar-se, um ímpeto diferenciante, que mobiliza sua transformação por si mesmo, isto é, que promove a mudança do vivo, perpetuamente. Em seu capítulo dedicado exatamente a esta ideia de diferença na filosofia bergsoniana, Deleuze (2006a, p. 16) também defende esta consideração, de que *a vida difere de si mesma, de tal modo que nos acharemos diante de linhas de evolução divergentes e, em cada linha, diante de procedimentos originais; [...]*.

A partir do suporte fornecido pela filosofia da diferença de Henri Bergson, pode-se propor uma espécie de reinauguração da compreensão acerca da evolução da vida, sob rearranjos fundamentais de seu conceito, em alguns sentidos. Talvez o sentido mais expressivo desta mudança de interpretação, e que conjugue uma série de outras perspectivas igualmente renovadas, esteja bem nítido quando o evolucionismo passa a estabelecer-se de maneira absolutamente distinta de uma abordagem orgânica, ou organicista, mais precisamente, a qual concebe a vida como representada de forma fracionada e homeopaticamente materializada na totalidade de indivíduos que expressam uma combinação supostamente harmoniosa de forças mecânicas e fisiológicas.

O que esta crítica revela de mais fundamental, ao mesmo tempo, é que o estudo da biologia e, dentro deste, o estudo do evolucionismo atual, despropositadamente ou não, ainda partem das ideias de estrutura e de indivíduo como conceitos-chave e centrais para então se lançarem aos seus respectivos focos de investigação. A filosofia da diferença de Bergson se coloca, portanto, como o amparo necessário à intenção de se potencializar a visão que se estabelece sobre o episódio do acontecimento chamado vida. Tal reversão se dá, tecnicamente, em duas frentes.

De um lado, os estudos bergsonianos, sendo zelosos àquilo que Bergson entende como intuição, colocam-se exatamente como o contraponto a esta maneira de se tomar o evolucionismo biológico. Em Bergson, a expectativa gerada pelo conceito de evolucionismo enquanto fenômeno criador torna explícito que a diferença como fundo da evolução da vida destitui a estrutura e realoca a noção de consistência para este âmbito. Neste sentido, Deleuze (2006a, p. 21) lembra a condição essencial de que *se é verdadeiro que o que difere de si deve ser um tal conceito, é necessário que o virtual tenha uma consistência, consistência objetiva que o torne capaz de se diferenciar.*

De outro lado, reconhecendo-se e desfrutando de certa influência do pensamento filosófico de Gilbert Simondon, nota-se que, no que diz respeito à toda a dinâmica metaestável contida no interior do evolucionismo, cabe perfeitamente, para este caso, o entendimento de que o indivíduo dá lugar à ideia de individuação, sendo esta última mais própria à ocasião. Imediatamente, isto nos autoriza a substituir o protagonismo quase exclusivo do aspecto orgânico da vida pela vibração impetuosa do vitalismo bergsoniano.

A propósito disto, Deleuze (2006b, p. 123-124) muito bem avisa que *Simondon não quer ater-se a uma determinação biológica da individuação, mas precisar níveis cada vez mais complexos.* Esta complexidade reside numa proporção traduzível nos termos de que a diferença está para a evolução assim como o pré-individual está para o indivíduo biológico. Proporcionalmente, e ainda com base em Deleuze (Id. Ibid., p. 121), pode-se retratar que, neste sentido, a diferenciação é paralela à individuação: a diferenciação como movimento que leva da diferença à evolução; e a *individuação como movimento que nos levará a passar do pré-individual ao indivíduo.*

Não se trata, portanto, de se considerar o evolucionismo como uma perspectiva estrutural que manobra o processo de elevação da organicidade de um nível de menor complexidade a outro, mais complexo e completo. Ao notar a estrutura dando lugar à consistência, a filosofia da diferença também desloca, num mesmo movimento, o

protagonismo hegemônico do orgânico, cedendo espaço, com isso, ao ímpeto vital, que pura e simplesmente opera diferenciações. Tomando as palavras de Deleuze (2006a, p. 3), *é nesse sentido que as diferenças de natureza são já a chave de tudo: é preciso partir delas, é preciso inicialmente reencontrá-las.*

E é nesta ambiência que o pensamento bergsoniano investido neste estudo reinventa a evolução desde as entranhas filosóficas contidas em sua base conceitual, incutindo a esta uma concepção singular da diferença filosófica. Para uma afinação mais leve, fina e precisa entre a biologia evolutiva e a filosofia contemporânea, Bergson já alerta que a temática do evolucionismo deve partir, enfim, da diferença.

4.1 A Vida como Acidente à Diferença

Em detrimento de pensar sob dicotomias e analogias, que soam artificiais demais para a temática da evolução biológica, Bergson forma uma ideia de vida que se compõe e enaltece a potência do ímpeto para a vida, a eficácia de um tal *élan* vital que leva da atualização da diferença interna às espécies biológicas concretas. A vida, sob sua concepção, é simplesmente (e arrebatadoramente) uma expressão⁶³ do tempo, e se faz como acidente à diferença, ao passo que o evolucionismo é sua perspectiva panorâmica, ao exhibir a atualidade das manifestações e composições materiais do vivo, isto é, os seres vivos eles mesmos, sob a dinâmica natural de sucessivas especiações e extinções.

Não é que a diferença, atuando conjuntamente com o impulso vital para a eterna criação das formas vivas, sempre inovadoras e imprevisíveis, e também indefinidas (mas provisoriamente determináveis), estimule os acidentes tendo em vista, de antemão, a efetivação da vida. Antes, a accidentalidade já parece inerente à diferenciação. A questão é que a essencialidade deste vir a ser inovador, a essencialidade da criação do vivo, sob as formas orgânicas vivas, enfim, a essencialidade disto tudo é a própria imprevisibilidade absoluta característica da diferença bergsoniana no tocante ao plano evolutivo.

Em verdade, uma maneira de se realizar uma aproximação honesta deste aspecto tão singular da filosofia de Bergson está em compreender que a diferença, de fato, não necessita do acidente porque ela é a própria indefinição, que se atualiza via diferenciação, exprimindo-se por determinações provisoriamente manifestas em individualizações pertencentes a alguma das espécies biológicas que prestigiam a Terra. A diversidade da vida, claramente perceptível vide

⁶³ Ainda que não esteja restrita a esta dimensão.

as espécies já extintas, as atuais e a infinidade de outras que se supõe vir, é acidental em relação à diferença que as cria, mas a diferença interna vital, ela mesma, apenas ratifica a condição de contingência com que se lança à manifestação expressiva de seu *élan* para o vivo.

E, neste sentido, referindo-se ao que pensa Deleuze (2006a, p. 35),

[...] não pensamos tampouco que a indeterminação seja um conceito vago. Indeterminação, imprevisibilidade, contingência, liberdade significam sempre uma independência em relação às causas: é neste sentido que Bergson enaltece o impulso vital com muitas contingências. (BERGSON, 2001, p. 255)

É em dois graus, portanto, que o pensamento bergsoniano da diferença atinge as perspectivas evolucionistas contemporâneas: primeiro, ao mostrar que a diferença interna vital é precisamente a indefinição, a imprevisibilidade associada à contingência com que o impulso vital se eleva à vida; em segundo lugar, ao situar a diferenciação, enquanto movimento de atualização eterna da diferença em seres vivos, como essencialmente acidental, tornando, com isso, a própria vida um acidente à diferença.

Esta nova possibilidade de concepção, aberta pela filosofia bergsoniana como resultado de uma legítima inserção da noção de diferença como elemento de fundo ao evolucionismo, é crucial para a recapitulação da ideia de que, pensada a partir de Bergson, a evolução da vida se situa precisamente entre a diferenciação e o impulso vital. Assim, não restam dúvidas de que o plano da diferenciação é exatamente o que se entende por evolução. Mais uma vez, há segurança em dizer que evoluir é transformar-se ou, após a visita do bergsonismo, é atualizar-se, em termos vitais. Com a evolução biológica, possibilita-se ao mundo vivo o convite à presença de novas composições de forças vitais, as quais arranjam planos renovados para o prestígio de novidades representadas pela diversidade infinita da dinâmica metaestável de espécies de seres vivos.

Numa palavra, este estudo da filosofia da diferença reflete muito nitidamente a tese que Bergson parecia ter em mente ao nomear sua obra de 1907 como *A Evolução Criadora*. Isto porque talvez a ressonância de seu pensamento filosófico, no tocante ao evolucionismo, torna evidente que o traço característico da evolução da vida é justamente essa potência de criação. Deste ponto é que se torna apropriado resgatar⁶⁴ a distinção fina presente na caracterização da evolução enquanto fenômeno criador, ao mesmo tempo em que se marca a diferença enquanto movimento criativo.

⁶⁴ Precisão realizada na seção 3.2 Pendências Filosóficas, do Capítulo III – O Evolucionismo.

Não é suficiente dizer que o evolucionismo lida direta e inexoravelmente com o aspecto criador da evolução das espécies apenas porque esta traz à tona, porque esta atualiza, em vida, a vitalidade virtual proporcionada pela diferença, ao conjugar-se com o impulso vital. Mais ainda, a evolução é criadora não apenas porque introduz o novo, possibilitando o aparecimento de certas novidades orgânicas, enquanto espécies surpreendentes e inovadoras no plano da natureza. Muito além de tudo isso, a evolução é precisamente criadora na medida em que inclui o original e o singular como elementos necessários à efetivação de composições biológicas nunca antes previstas, justo porque tais elaborações vitais devem ser consideradas como sendo, até então, impossíveis. Sendo assim, a evolução da vida cria, enfim, incessantes e inestimáveis planos de possibilidades para o prestígio da vida na Terra.

Numa abertura momentânea para exemplificação deste cenário filosófico que se desenha, algo que se coloca como bastante explicativo para tal é a observação da própria dinâmica fisiológica do corpo orgânico, isto é, das mudanças inerentes à matéria viva nos mais variados níveis de sua complexidade, seja o corpo humano, seja o de outros seres vivos. Em outras palavras, a ideia de que a evolução é criadora está contida no reconhecimento de que o corpo é fabril. A noção de fabricação é, portanto, elemento que atua como evidência à vitalidade e à criação no âmbito biológico.

Neste sentido e para se tomar a questão numa perspectiva mais próxima à científica, por assim dizer, é preciso convocar o que a biologia entende em termos de morfogênese. Também chamada de morfogenia, a morfogênese se deita sobre o estudo do processo de desenvolvimento das formas e estruturas biológicas características de uma determinada espécie, a partir dos embriões de seus indivíduos. Em suma, a morfogênese investiga, de certa maneira, a modelagem dos organismos, ou seja, a dinâmica de sucessivos acontecimentos que promovem todo o seu desenvolvimento, iniciando-se no zigoto, progredindo até a formação de tecidos, compondo órgãos e sistemas, etc.

Um caso particularmente elucidativo desta questão são os eventos envolvidos com a diferenciação de células epiteliais, por exemplo. O complexo estrutural que vêm a formar o tecido epitelial é composto, inicialmente, de células menos diferenciadas, não especializadas, indefinidas. Quando tais células se diferenciam em tipos celulares específicos, elas não se definem, propriamente, mas se determinam em tendências específicas. O paralelo aqui estabelecido requer a lembrança de que esta é, a propósito, exatamente uma marca distintiva da diferença em Bergson. E o que quer dizer não se definir, mas determinar-se em tendências específicas? Quer dizer que, mesmo compondo-se provisoriamente conforme algumas

características específicas que devem assumir, estas células ainda guardam sua capacidade de mudarem de configuração, de retornarem a um estado anterior, mais original, mais genérico, permanecendo assim com a pronta disponibilidade à vacilação e à restauração.

Salvaguardadas as proporções de cada um destes níveis, a evolução biológica, no que tange à sua índole de criar e introduzir, original e singularmente, a diferença nas espécies de seres vivos, não é outra coisa senão que isto em escala maior. Assim como as diversas células que se especializam, conforme os estímulos que recebem, e formam, com isso, os mais variados tecidos, partindo de um estado menos diferenciado a outro mais diferenciado, mais especializado, isto é, atualizado provisoriamente; de modo equivalente a história da vida também mostra que, no panorama do tempo, as espécies biológicas são frutos de movimentos criadores de diferenciação que se produzem, incessantemente, a partir do *élan* vital presente na diferença a qual, por sua vez, desde sempre os habita.

Uma das condições mais importantes para uma interpretação renovada do evolucionismo, a partir do conceito bergsoniano de diferença como elemento central de seus fundamentos, está em compreender que a diferença exhibe uma impaciência diante da repetição. Ao pensar sobre as distinções entre a distensão e a contração, no que diz respeito às suas relações com a diferença, Deleuze (2006a, p. 26) mostra que *a contração, ao contrário, designa a diferença, porque, em sua essência, ela torna impossível uma repetição, porque ela destrói a própria condição de toda repetição possível. Nesse sentido, a diferença é o novo, a própria novidade.*

É por isso que esta filosofia da diferença combinada com o evolucionismo biológico não cede lugar para a univocidade, para a uniformidade, o que é evidenciado pela diversidade de formas, cores, comportamentos, etc., encontrados na imensa variedade de espécies de seres vivos pelo mundo. Muito pelo contrário, a diferenciação, que eleva o vitalismo já contido na virtualidade à atualidade do orgânico, não pode se fazer de outra maneira senão que sob certa versatilidade. E este caso também pode ser ilustrado com o exemplo das diferenciações celulares, há pouco mostrado: quando necessário, o diferenciado pela diferenciação retorna ao indefinido, ao fundamental e genérico, abrindo a possibilidade a uma nova determinação, e não meramente a uma outra diferenciação. Para o caso levantado, ao produzir uma nova determinação através de sua diferenciação, a estrutura celular se reconfigura e se rearranja, evidenciando que, essencialmente, o ambiente celular interno opera, enfim, por esta e outras razões, sob um regime de caos probabilístico. Ora, é preciso notar que este movimento não é a repetição, justo porque ao realizar uma nova determinação, o fenômeno denuncia seu caráter

fundamentalmente transformador e mutacional, sendo afim à tal dinâmica errante de diferenciação e desdiferenciação.

E, desta forma, o apreço que a diferença exhibe reside no movimento para a mudança, num ímpeto para a criação do novo que está sempre por vir, surpreendendo-se as possibilidades convencionais previsíveis. Reinaugurar a evolução biológica a partir da consideração da diferença como componente de fundo do evolucionismo é entender que, enfim, ela não é um estado, mas a qualidade de um movimento, uma tendência por diferenciar-se em formas orgânicas originais e surpreendentes.

É urgente que as teorias afeitas ao evolucionismo compreendam as espécies biológicas, sua criação e extinção como episódios pertencentes à contingência do tempo agindo sobre a natureza, como efeito da multiplicidade de tendências do *élan vital*, que atravessa a diferença e permite a expressão da vida. A partir do pensamento bergsoniano, os seres biológicos e suas respectivas espécies passam a ser coisas do mundo e no mundo, já que, como ensina Deleuze, (2006a, p. 6) *em si mesma e em sua verdadeira natureza, uma coisa é a expressão de uma tendência antes de ser o efeito de uma causa*. É por esta mesma razão que a evolução se engana ao atribuir a distinção sujeito-objeto aos organismos vivos e seus *habitats*, respectivamente. Ela não deve situar os seres vivos, independentemente de espécie e de nível de complexidade orgânica, enquanto sujeitos da evolução, propriamente, mas enquanto modalidades de expressões vitais. Deleuze (Id. Ibid, p. 8) mesmo afirma que *um ser não é o sujeito, mas a expressão da tendência [...]*.

Em verdade, a filosofia de Bergson repercute tão radicalmente, ao menos tratando-se do vitalismo, que qualquer tentativa de definição possível para a vida, enquanto acontecimento espontâneo da natureza, isto é, no plano do natural, ao remeter à essencialidade de seu ímpeto vital encontra unicamente a ideia de diferença pura.

A vida, a princípio indefinida, mas determinável em formas orgânicas provisórias através da expressão da diferença, está perpetuamente presa à urgência de se atualizar no mundo, na natureza terrena, consumando-se enquanto fenômeno de especiação, na justa medida em que o impulso vital a atravessa, arrebatando-a.

A evolução biológica, com seu equilíbrio dinâmico entre criação e cessação de espécies ou, tecnicamente, com especiações e extinções, é, portanto, a maneira como a expressão da diferença atinge a atualidade de sua resolução real, factual, na natureza. Paralelamente, o *élan vital* bergsoniano é mobilizador e autor do processo de diferenciação, que vem a conferir alguma determinação orgânica provisória à vida via seres vivos. Com isso,

o próprio impulso para a vida é aquilo que compete a todas as espécies e a todos os organismos; o *élan* vital é, por si mesmo, o traço comum entre toda a matéria viva virtual e atualmente existente.

Esta reinterpretação filosófica renovada do evolucionismo biológico está bem afinada com a noção com que hoje trabalham a sistemática filogenética, a biogeografia e a evolução, de uma maneira geral, quando, juntas, enfrentam o desafio das pesquisas tematizando a ancestralidade comum dos seres vivos, mais especificamente a questão de se identificar um único ou vários pontos de surgimento dos primeiros seres que possam ser considerados como fundamentalmente vivos.

A ontogenia⁶⁵ é aliada desta proposta, porque esclarece que o embrião de uma ave, por exemplo, dentro de seu ovo de casca seca, mostra exatamente a ancestralidade que esta ave possui com um embrião de um dinossauro fóssil. Da mesma maneira, o embrião humano mostraria a ancestralidade em comum com um embrião de elefante, ou de um golfinho⁶⁶. A ontogenia, então, transparece simultaneamente tanto o caráter da semelhança contido no ímpeto para a vida, que aponta para uma ancestralidade comum a todo o mundo vivo, quanto a diferença inerente a este *élan* vital, já que, apesar de tamanha equiparação prematura, a posterior maturação destes embriões vem a revelar, em seguida, composições orgânicas morfológicamente tão diversas entre si.

Numa palavra, parece ser cabido afirmar que, para Bergson, a evolução testemunha a diferença, mas isto não permite dizer que, imediatamente, a seleção natural, proporcionando o crivo das transformações que se processam neste domínio, se empenha para fixar a diferença nos indivíduos e suas populações. A primeira das asserções é verdadeira, mas a passagem desta à segunda é, na verdade, absurda.

O estudo do evolucionismo demonstra que as diversas diferenças que ocasionalmente surgem no seio das populações das mais variadas espécies podem ou não se constituírem como modificações selecionadas por aquela determinada linhagem biológica, mas tais

⁶⁵ Também chamada de ontogênese, este ramo da biologia estuda o desenvolvimento de um organismo, desde a concepção, seu amadurecimento embrionário, até sua plena maturidade.

⁶⁶ Cabe a atenção para o esclarecimento de que, apesar da ontogenia permitir reconhecer semelhanças ancestrais, a partir da morfologia embrionária comparada, ela não corrobora a idéia da recapitulação filogenética, de que os estágios embrionários de um indivíduo recapitulam sua trajetória evolutiva, especulação inicialmente pensada por Johannes Müller e ampliada por Ernst Haeckel (*16 de Fevereiro de 1834 – †9 de Agosto de 1919), biólogo, naturalista, filósofo, médico, professor e artista alemão. Em outras palavras, embora pela ontogenia percebamos equivalências de aspectos embrionários entre as variadas linhagens de espécies de organismos, isto não nos autoriza a evidência de que espécies ditas “mais evoluídas” percorrem os estágios embrionários de espécies supostamente “menos evoluídas”, desenvolvendo-se para além destes últimos estágios.

transformações não lutam, elas mesmas, por assim dizer, para que tal incorporação se faça. Uma das grandes dificuldades das teorias evolutivas está em tornar clara esta ideia, a noção de que as diferenças simplesmente surgem, como surge, por exemplo, uma mudança na coloração da pena de uma ave qualquer que, tornando-a mais apta ao meio, converte-se, em algum tempo, num carácter dominante na população.

Toda a ideia da accidentalidade subsistindo na diferenciação é suficiente para uma tomada honesta desta questão abordada. Em contribuição ao evolucionismo contemporâneo, a filosofia da diferença bergsoniana entende que na natureza não há teleologia; o que há é necessidade de sobrevivência. Não há planejamento ou *design* que possa ser previamente detectável ou sequer previsível, quando se especula sobre a ideia da evolução estabelecendo possibilidades de composições de formas vivas, que continuam a se transformar, incessantemente. Só o que há é aptidão de indivíduos, formas, cores, comportamentos, estruturas, etc., (ou, contrariamente, a falta desta aptidão) a uma abundância de condições ambientais e outros fatores abióticos circundantes que, inclusive eles mesmos, também se modificam no tempo.

Ainda é preciso destacar que as distintas aptidões, conferindo de forma aleatória vantagens e desvantagens evolutivas aos grupos biológicos nos quais surgem as transformações, acabam por gerar, com isso, certos caminhos evolutivos igualmente distintos às diferentes linhagens e espécies de organismos. Tais caminhos, por sua vez, podem tomar dois possíveis destinos: ou bem se tornam paralelos entre si, caso as espécies que trilham estes caminhos ocupem posições ecológicas análogas, utilizando-se das mesmas estratégias comportamentais, dos mesmos recursos naturais, enfim, caso pertençam a um nicho ecológico equivalente; ou, ao contrário, os caminhos evolutivos tornam-se cada vez mais discrepantes, caso as espécies em questão passem a explorar a natureza de maneira progressivamente distinta uma da outra.

A questão aqui reside na determinação do grau das semelhanças que são introduzidas entre os diferentes caminhos evolutivos seguidos acidentalmente pelas também diferentes espécies de seres. Bergson (1993, p. 58), esmiuçando a noção de semelhança, mostra que

ela é a identidade do que difere de si mesmo, ela prova que uma mesma virtualidade se realiza na divergência das séries, ela mostra a essência subsistindo na mudança, assim como a divergência mostrava a própria mudança agindo na essência.

Esta considerável harmonia entre divergência de séries e semelhança daquilo que difere de si, no que diz respeito à diferença agindo sobre a virtualidade, é exatamente o

cenário traçado pelas bifurcações dicotômicas e tricotômicas dos cladogramas que representam a história evolutiva dos grupos biológicos. E a tensão existente no fluxo de acidentes vitais que se sobrepõem, no tempo, bifurcando-se e confluindo-se entre si, revela a trama das linhagens evolutivas e sua formação de espécies ou, em termos bergsonianos, esta dinâmica de diferenciações constitui exatamente o misto de tendências.

4.2 A Trama de Linhagens Evolutivas ou o Misto de Tendências

Mobilizada pelo *élan* vital, a diferenciação se produz sobre a diferença, arrastando a potência das virtualidades à atualidade, expressando-se enquanto seres vivos. A seleção natural e sexual, em combinação com uma gama de fatores promotores de variabilidade no *pool* gênico das populações, acabam por tornar provisoriamente fixas algumas variações surgidas nos caminhos evolutivos trilhados pelos grupos de organismos, variações estas que são frutos de acidentes à diferença. A sucessão cumulativa de seleção destas variações garante, cedo ou tarde, a identificação da diferença específica entre os seres vivos e, assim, se produzem as mais distintas espécies biológicas, as quais mantêm a dinâmica metaestável de seu curso evolutivo, através de infindáveis transformações promovidas a partir do ímpeto vital que lhes é inerente.

Em tais caminhos evolutivos se faz possível identificar, com isso, um início e um fim da existência das mais variadas espécies, consideradas enquanto tais. Alternativamente, a biologia nomeia o início da existência da uma espécie como especiação e seu fim como extinção.

No entanto, assim como o evolucionismo contemporâneo alerta, os cursos evolutivos trilhados pelos organismos vivos, e nos quais de tempos em tempos surgem e se desfazem as espécies biológicas que compõem a história da vida na Terra, não são projeções de contornos e limites bem definidos, nem linhas retilíneas de progressão gradual na qual se processaria uma administração da matéria viva. As trajetórias evolutivas são, ao contrário, múltiplas e tortuosas, se entrelaçam aqui e se repelem acolá. Isto caracteriza a evolução da vida como sendo, portanto, não um conjunto organizado de progressão da complexidade orgânica, mas um misto emaranhado de expressões vitais.

Quanto a isto, a contribuição de Deleuze (2006a, p. 7) é crucial:

É preciso compreender que o misto é sem dúvida uma mistura de tendências que diferem por natureza, mas, como mistura, é um estado de coisas em que é impossível apontar qualquer diferença de natureza. O misto é o que se vê do ponto de vista em que, por natureza, nada difere de nada.

Sendo as séries evolutivas uma real mistura de tendências advinda de sucessivos acidentes que se fazem a partir da diferença, isto é, uma verdadeira hibridação da miscelânea de expressões do *élan vital*, a consideração destas séries enquanto conjunto biológico de repertórios possíveis para o surgimento de espécies vivas faz com que, tomada sob o ponto de vista holístico, a vida não seja outra coisa senão que as múltiplas e coexistentes possibilidades para a ação da diferenciação.

Assim, as séries de organismos diferem, por natureza, umas das outras, mas ao mesmo tempo conservam, enquanto misto de tendências, a impossibilidade de se identificar, entre elas, diferenças de natureza. Desta maneira, as linhagens evolutivas passam a ser, verdadeiramente, uma trama imbricada de impulsos para a promoção e diferenciação da vida, perdendo, com isso, seu caráter linear ilusório, sua concepção enquanto progressão em melhoramentos. Elas são, portanto, coexistentes entre si e, de fato, desobedientes a uma suposta hierarquia evolutiva previsível ou a uma sequência teleológica preestabelecida, condições estas que configurariam um caminho evolutivo de condução unidirecional, no sentido de mera e ingenuamente canalizar tais linhagens de espécies de um estado de organicidade mais simples a outro, mais complexo, isto é, do pior para o melhor, do ser mais primitivo ao mais evoluído.

No campo da biologia evolutiva, o misto de tendências bergsoniano é o lugar no qual o impulso vital expressa sua violência para a manifestação da vida, fazendo com que, consoante a contingência do curso evolutivo trilhado pelas espécies de organismos, tais séries se aproximem ou se afastem, se cruzem uma vez ou se entrelacem, etc. Afastando-se, as séries de organismos se aprofundam cada vez mais em suas particularidades distintivas em relação às outras, chegando a especificidades exclusivas, como a autapomorfia⁶⁷ representada pelo único dedo funcional nos equídeos; aproximando-se, as linhagens evolutivas tendem a desenvolver características comuns, por se encontrarem em condições de equivalência ecológica, como são as nadadeiras de uma baleia e as de um peixe.

Este cenário temporal marcado por sucessivas diferenciações do impulso vital, que podem se afunilar ou se repelir, reflete com precisão o que na biologia evolutiva se entende

⁶⁷ Em cladística, ramo da biologia também conhecido como sistemática filogenética – responsável pela classificação biológica das espécies em grupos ou táxons, baseando-se puramente no princípio filogenético, isto é, a partir de suas relações evolutivas –, autapomorfia é um carácter derivado (em relação a outro, considerado primitivo) que está presente, exclusivamente, em um único táxon terminal de um determinado cladograma. Tal carácter, altamente diferenciado, serve como distinção entre grupos biológicos (espécie, família, gênero), justo por não ser encontrado em mais de um destes.

como séries divergentes e séries convergentes de linhagens de organismos. Estas, por sua vez, estão em direta relação com os fenômenos de homologia e de analogia, respectivamente.

As séries divergentes, não sendo nada mais do que a própria nomenclatura sugere, são assim consideradas na medida em que a seleção natural, agindo sobre as duas ou várias linhagens de seres em questão, acaba por ocasionar a progressiva diferenciação de traços e características que lhes são particulares, resultando numa acentuação cada vez mais intensa de tais caracteres. Ao longo do tempo, é esperado que estas linhagens se aprofundem cada vez mais intensamente em suas características selecionadas, alcançando um momento em que, por conta de tal intensificação de reincidentes diferenciações cumulativas, elas passem a ser, de fato, reconhecidas como geradoras de espécies distintas entre si.

As séries convergentes, por outro lado, expressam a condição inversa à retratada pelas séries divergentes. Para o caso da convergência, os organismos vivos pertencentes às duas ou mais séries em questão habitam zonas consideradas equivalentes ecológicas entre si e, devido à esta similaridade ambiental, passam a explorar a natureza de forma igualmente semelhante, lançado mão de estratégias alimentares parelhas, exibindo comportamentos similares, um ritmo circadiano⁶⁸ aproximado, etc. Como resultado, é esperado que, a partir da ação da seleção natural, tais linhagens de organismos tendam a sofrer, simultaneamente, o mesmo efeito, tendam a apresentar as mesmas respostas derivadas do crivo para as mesmas variações (morfo e etológicas) que possam vir a exibir, fazendo com que estas últimas sejam selecionadas, paralelamente, como vantajosas ou desvantajosas, em suas respectivas ocasiões.

Desta maneira, as séries convergentes caminham em direção a produzirem, paralelamente, mas independentemente, espécies de organismos aparentadas entre si, no que diz respeito à forma, ao comportamento, às estratégias, etc., mas consideravelmente afastadas em nível genético.

Estas incursões conceituais permitem o reconhecimento de que, no âmbito das divergências de séries, há o componente da homologia, ao passo que no plano das convergências, encontra-se a analogia. A homologia se traduz em termos de diferenças que se preservam conjugadas apesar das distâncias temporais e genéticas entre linhagens consideradas. De outra forma, são homólogos, por exemplo, o único dedo funcional dos

⁶⁸ Ritmo circadiano ou ciclo circadiano, termo derivado do latim, em que *circa* denota a ideia de “cerca de” e *diem* remete ao período do dia. Este conceito se refere ao período de aproximadamente 24 horas, sobre o qual se baseia o ciclo biológico de quase todos os seres vivos. O ritmo circadiano regula a atividade fisiológica e psicológica do corpo, com influência sobre a digestão, o estado de vigília e sono, a renovação das células, o controle da temperatura corporal, etc. É influenciado, principalmente, pela variação de luz, temperatura, marés e ventos entre o dia e a noite.

equídeos e os dedos dos demais mamíferos. Já a convergência de formas é fruto da seleção natural agindo sobre a diferença no que diz respeito à eficiência para a sobrevivência, contida nas ações de um ser vivo. E é por isso que são análogas, por sua vez, as nadadeiras de peixes e baleias.

Para que seja atuante e pronunciado o modo como esta filosofia da diferença bergsoniana potencializa fundamentalmente a noção de evolução biológica, é preciso estar desperto à lição que Bergson ensina com relação ao movimento de diferenciação que se processa nas coisas em geral e, especificamente, a partir do ímpeto para a mudança da vida, isto é, para a evolução mesma. Em suas obras está claro que, na verdade, a ideia de diferença específica é um conceito frágil para se determinar, com suficiência e autonomia, os limites e especificidades que levam à caracterização das mais distintas espécies biológicas. Sobre este ponto, Deleuze (2006a, p. 6) é ciente de que

o que difere por natureza não são as coisas, nem os estados de coisas, não são as características, mas as tendências. Eis porque a concepção da diferença específica não é satisfatória: é preciso estar atento não à presença de características, mas a sua tendência a desenvolver-se.

Se não são os traços, nem as características e nem os estados aquilo que difere entre si, nas distintas linhagens evolutivas de seres vivos, também não é cabível entender que haja, por isso mesmo, determinação ou escolha guiada de caracteres supostamente vantajosos no curso da seleção natural agindo sobre estas linhagens evolutivas. Esta é, talvez, a compreensão mais fundamental sobre o absurdo da teleologia, da determinação e do *design* inteligente no âmbito do evolucionismo, mas também possivelmente a mais difícil de se estabelecer, em termos conceituais, porque requer uma compreensão mais holística da filosofia bergsoniana.

Bergson (2001, p. 107) é firme ao notar que, no curso evolutivo em que são produzidas todas as espécies vivas, *o grupo não se definirá mais pela posse de certas características, mas por sua tendência a acentuá-las*. Portanto, não há espaço para a falsa percepção de que as espécies biológicas são definidas a partir da presença ou ausência de certas características que lhes conferem tal especificidade. A biologia contemporânea desdenha dessa ideia. Antes, a relevância de uma investida destas está em procurar pelas tendências e possibilidades que visam à expressão de tais singularidades, pelas tendências que acentuam, de acordo com a terminologia bergsoniana, os traços específicos das mais diversas linhagens de organismos.

A acentuação de um traço ou característica biológica reflete o clímax da atualização do *élan* vital, em seu movimento de diferenciação, carregando a potência virtual ao estado efetivo, atualizando-se enquanto ser vivo. Havendo acentuação máxima de um determinado carácter ou comportamento, isto marca um rompimento, um desvio no curso evolutivo de dada linhagem que, assim, se reparte em duas. Este é o momento em que se faz presente a bifurcação, a dicotomia, nas séries de organismos.

Quando se analisa, em alta escala, o conjunto de bifurcações resultantes das diferenciações do *élan* vital no curso evolutivo trilhado pelas séries de organismos, o resultado obtido é um traçado esquemático de linhagens evolutivas. Este traçado encontra-se todo marcado por inúmeras dicotomias e inúmeras confluências que assim se produziram, de forma contingente e ao longo do tempo, sobre as possibilidades virtuais já criadas pela diferença interna vital. Este diagrama esquemático é, em outras palavras, aquilo que os biólogos tratam como cladograma evolutivo.

Os cladogramas não marcam simplesmente o parentesco ou a distinção entre linhagens evolutivas, ou seja, entre séries que são sucessoras de impulsos vitais que seguiram, aleatoriamente, a mesma trilha de acidentes ou, inversamente, que tomaram rumos distintos. Isto porque as simples distinções comuns têm limites, âmbitos de uso ou emprego definidos, restritos; as dicotomias, que caracterizam os cladogramas evolutivos, já envolvem generalização, alargamento do escopo de utilização do par conceitual em jogo. Desta forma, além de representarem a multiplicidade, a complexidade e a profundidade da trama de relações filogenéticas entre as espécies vivas e já extintas, os cladogramas, mais que isso, se debruçam também sobre as perspectivas que se projetam a partir das tendências expressas nos rumos evolutivos trilhados pelas variadas formas de vida, tendências estas identificáveis a partir das séries de diferenciações até então operadas numa dada linhagem.

Nos cladogramas, os momentos lineares das linhagens são o efeito inerte, o resquício que ainda reverbera de uma tendência que se diferenciou; por outro lado, as bifurcações, as dicotomias e tricotomias, as ramificações de quaisquer naturezas, enfim, representam os momentos de atualização do *élan* vital em seu ímpeto de diferenciação. Assim, os cladogramas evolutivos representam muito bem a tensão entre a tendência de expressão da diferença, no plano das virtualidades, e a concessão da incorporação dessa diferença no plano da atualidade, isto é, na manifestação da vida via espécies biológicas.

Em suma, a trama de linhagens evolutivas ou o misto de tendências expressos nestas séries de organismos dão uma visão geral, mas não rasteira, da vida enquanto fenômeno

natural deslumbrante e autêntico. É com a compreensão da diferença em Bergson mobilizada enquanto fundamento conceitual do evolucionismo que se torna possível conceber que a vida, enfim, é um *mundo imbricado de singularidades discretas, tanto mais imbricado quanto mais estas não estejam ainda se comunicando ou não estejam tomadas numa individualidade: é este o primeiro momento do ser.* (DELEUZE, 2006b, p. 122)

4.3 Inauguração de Novidades

A trajetória até aqui percorrida se coloca na expectativa de que, afinal, o conceito filosófico bergsoniano de diferença se conjugue intimamente com a perspectiva biológica do evolucionismo, fazendo com que, como resultado desta fecundação, o bergsonismo surpreenda a ideia de evolução da vida, alargando e potencializando tal concepção.

Pensado a partir da diferença bergsoniana, o evolucionismo toma proporções outras, que extrapolam esta ou aquela maneira particular de concebê-lo, seja pela perspectiva estritamente biológica, seja por um âmbito maior, quando concebido enquanto uma linha de pensamento científico que reúne uma diversidade de teorias que investigam e propõem explicações para o fenômeno da mudança da vida, manifesto através da multiplicidade de espécies biológicas. Pensado com base em Bergson e, em especial, inserindo esta noção singular de diferença como fundo de sua concepção, o evolucionismo adquire um caráter inovador e mais potente, mais abrangente, ainda que retenha seu rigor e sua precisão na construção de processos explicativos para a evolução da vida. A vida e sua evolução, então, deixam de estar meramente restritas ou subordinadas a certo organicismo mecânico tipicamente presente na ciência a partir da modernidade: sob uma interpretação íntegra da natureza da diferença em Bergson, a revolução que se processa nesta temática torna a ideia de vida mais versátil, bela e aprazível.

Na verdade, apesar de todos estes níveis de investigação e de toda a minúcia envolvida nesta proposta, a ambiência deste pensamento é bem simples: são estes os contornos assumidos pelo problema da diferença em relação com o evolucionismo, apoiado em questões bergsonianas. Especificamente, estes são os elementos exigidos pela tentativa de se pensar a evolução a partir da concepção da diferença bergsoniana. Com o auxílio do pensamento de Henri Bergson, finalmente, pode-se dizer que, em suma, a vida é o processo da diferença.

Isto porque a diferença como fundamento para o evolucionismo configura um plano para a vida tal que vai das probabilidades locais a uma cosmologia global, isto é, que parte das

possibilidades vitais já presentes de forma muito intensa na virtualidade da diferença, e segue firmemente em direção à beleza surpreendente das formas vivas que prestigiam, enfim, a atualidade da vida na Terra, com este espetáculo natural que é a multiplicidade sempre extraordinária das espécies de seres vivos que vem e vão.

O pensamento filosófico suficientemente potente e comprometido com a abertura de horizontes para uma nova leitura da evolução da vida atravessou a filosofia de Bergson com maestria. Através de tal desdobramento, a concepção da diferença bergsoniana situada como marca do evolucionismo permite e protagoniza o processo biológico inesgotável de criação do inédito viável, ou seja, a natureza da diferença pura se encaminha, em última instância, à produção infinita de sistemas vivos exclusivos e originais.

É desta maneira que então se alcança o surgimento do inédito viável no plano da natureza. Sendo criativa, a diferença projeta a potência do *élan* vital rumo à atualização das formas vivas, de fato criando possibilidades para o vir a ser vivo. De outra maneira, a diferença alarga o horizonte do inédito e do viável; ela, portanto, estende o limite do possível. Por sua vez, sendo criadora, a evolução se responsabiliza por efetivar em atualidade, organicamente, as formas vivas, numa diversidade de espécies biológicas originais e imprevisíveis.

Sob este viés, uma nova interpretação do evolucionismo foi alcançada, ao estabelecer apenas uma relação de conveniência com a viabilidade para o vivo. Por isso, a noção de diferença não oferece resistência à expressividade do vital; ao contrário, ela é a própria promoção da vida. A diferenciação bergsoniana é o conceito articulador entre esta diferença e o impulso vital, que descreve o esforço de criatividade no plano da natureza, atestando a vitória do misto de tendências em sua propensão impetuosa para o vivo.

A distinção que se nota entre seres produzidos pelas linhagens biológicas, isto é, as distinções que marcam os limites entre as variadas espécies, não se dá pelos organismos apresentarem diferenças entre si, ainda que diferenças de grau, e não diferenças de natureza. A variedade de espécies de organismos produzidas pelo impulso vital expressando-se pela diferenciação é fruto, simultaneamente, da existência de equivocidade⁶⁹ virtual nas tendências evolutivas, e também da multiplicidade inerente destas tendências; as variadas espécies são, antes, os próprios graus da diferença interna às linhagens biológicas, que se criam a partir das

⁶⁹ Relembrar a discussão acerca da ideia de equivocidade na diferença, realizada no item 2.2 Diferença Interna, do capítulo 2 – A Concepção da Diferença Bergsoniana.

múltiplas tendências evolutivas vitais. É Deleuze (2006a, p. 33) quem faz o alerta para esta questão, mostrando que *não há diferenças de grau no ser, mas graus da própria diferença*.

É neste sentido que a espécie biológica não pode ser compreendida como o elemento responsável pela introdução de diferenças de grau no mundo vivo. Ela é, ao contrário disto, o conceito que reúne e torna explícita, manifesta ao máximo, as diferenciações ocorridas na diferença. Influenciada por esta perspectiva, a biologia evolutiva contemporânea perde ao não compreender que as espécies se explicam pela diferença, e não o contrário⁷⁰.

Não é demais refazer a síntese que se alcança nesta etapa: adicionando-se a ideia de diferença como referência de fundamento à evolução da vida, torna-se possível entender que o fundo da evolução biológica é duplo: ao lado da adaptabilidade dos organismos vivos às circunstâncias ambientais objetivas, está a potência inerente da diferença interna à própria vida, seu *élan* vital, estruturando novos planos de possibilidades para a eterna criação de composições do vivo.

Bergson nos faz capaz de compreender que a evolução é o pensamento manifestando-se em criação. E *pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo - o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e são mais exigentes que ela*. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 143)

Este olhar sobre a diferença é a novidade na filosofia de Bergson. Este é o triunfo da concepção da diferença bergsoniana.

⁷⁰ [...] *os graus se explicam pela diferença e não o contrário*. (DELEUZE, 2006a, p. 34)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente chega-se, assim, às últimas considerações deste estudo, numa tentativa de sistematizar alguns dos aspectos trabalhados ao longo deste e, também, de expor algumas projeções e perspectivas que possam se constituir como aberturas à outras investigações acerca desta temática. Estas considerações finais realizam, portanto, uma certa reconstituição geral da trajetória percorrida na pesquisa, e encerram o estudo aqui apresentado, procurando sintetizar, de forma emblemática, o que se pôde construir a partir da reflexão desferida em todos os momentos precedentes.

O que fica claramente notável através da leitura atenta deste âmbito da filosofia bergsoniana é que Bergson faz valer uma verdadeira exaltação do vivo, uma admiração vibrante deste, transparecendo uma espécie de euforia sadia diante da compreensão da perspicácia da diferença de natureza na noção de vida, sob os seus mais variados modos de expressão, não atribuindo especialidades artificiais à vida humana, em detrimento de outras formas de vida. Neste sentido, pode-se considerar que o pensamento de Bergson vai em direção ao apelo, marcado com uma certa urgência, por uma compreensão do mundo vivo enquanto uma plena e pura manifestação criadora do impulso por viver, isto é, enquanto uma expressão da natureza, que se faz a partir da diferenciação das possibilidades abertas pela diferença interna vital em atualidades orgânicas.

É assim que Bergson parece deixar subentendida e legada a ideia de que o homem moderno comprometeu-se com uma determinada concepção de vida e, em decorrência disso, extasiou-se num modo de habitualidades cotidianas em que o curso de sua vivência, o seu dia-a-dia, é inadvertidamente tomado como sendo algo equivalente à própria vida, considerada em sua totalidade. Esta equivalência desatenta e bastante ordinária acaba por desperdiçar inteiramente a beleza contida na contingência do presente e do futuro, e reduz a duração bergsoniana a um mero conjunto sequencial de instantes previsíveis e determináveis.

Tal compreensão rasa, que confunde a vida dotada da integralidade das infinitas possibilidades da natureza viva, com a vida particular dos indivíduos é precária, por assim dizer, justo porque não a concebe a partir do ímpeto vital que lhe é característico; justo porque não penetra além da superfície das coisas; justo porque não compreende a natureza da diferença que conduz esse *élan* vital ao longo dos tempos, inaugurando novas espécies biológicas em sua dinâmica evolutiva.

Com a obra filosófica de Bergson, principalmente no que diz respeito às suas considerações acerca da noção ampla de vida, isto é, acerca da possibilidade e da disponibilidade da natureza para a incessante criação e promoção da vida, fica marcada a estreita relação fortemente existente entre o mundo vivo e o âmbito natural, a natureza circundante ela mesma, ressaltando, desta forma, a correspondência entre um tal ímpeto vital, que se desenrola harmoniosamente no seio da natureza, e o próprio ambiente terrestre que estimula e permite este desenvolvimento.

Numa palavra, este estudo procura mostrar, a todo o momento, de que maneira a diferença bergsoniana se compõe com a biologia contemporânea e como estas, juntas, alcançam êxito no desdobramento caprichoso do problema da evolução da vida.

Não há mais lacunas significativas a serem resolvidas no cladograma total que apresenta a história do acontecimento chamado vida, na Terra, isto é, sua evolução. Detalhes como certos passos do surgimento dos mamíferos placentários e marsupiais, do próprio surgimento de todos os cordados terrestres, da evolução das aves, da diversificação dos peixes, da evolução da imensa diversificação dos artrópodes, assim como diversos pontos na evolução dos vegetais e fungos, ou mesmo das bactérias e certos organismos unicelulares e a própria evolução da pluricelularidade, enfim, tudo isto pode ser muito satisfatoriamente coadunado no panorama da ideia filosófica bergsoniana de diferença aplicado ao evolucionismo.

O bergsonismo, por sua vez, não deixa de se compor com um componente propriamente biológico em suas propostas filosóficas. A ideia das dicotomias filogenéticas que representam o misto de tendências das linhagens evolutivas, por exemplo, está presente com certa expressividade no pensamento de Bergson. Este traço sutil marca com intensidade uma concepção de vida na qual todas as linhagens biológicas nascem de uma única natureza, mas cuja diferença interna a cada uma destas se compromete em lançar impulsos vitais sucessivos e incessantes em direção à sua diferenciação, em termos da criação de organismos vivos sempre exclusivos e originais.

Os graus de liberdade que a vida possui, proporcionados pela diferença interna vital, não só permitem, mas estimulam e intensificam a produção da incrível diversidade biológica. E este é o triunfo da natureza em sua iniciativa quase mágica de proporcionar a expressão da vida em sua multiplicidade.

Entender a evolução das espécies como um fenômeno natural e criador é compreender a vida como uma instância ou um território de acontecimentos que ultrapassa o campo

propriamente biológico. Nesse sentido, vitalista, torna-se requerido o papel das relações entre o biológico e o não biológico, entre o biótico e o abiótico, entre o virtual e o atual, entre o impulso e a criatividade e, enfim, entre o vivente e sua possibilidade, para o acontecimento e eterna (re)criação da vida na Terra, ao longo do tempo. Terra (natureza) e tempo, a propósito, são as condições que se exige para que, enfim, possa instalar-se e dar-se o prestígio da potência do vivo.

O evolucionismo biológico, compondo-se com os elementos que Bergson muito bem fornece a este problema, incrementa a conquista de Darwin, que propusera a seleção natural como o mecanismo responsável pela apuração dos caracteres que surgem nas linhagens de organismos e, assim, passam ou não às gerações subsequentes. Ainda que haja, então, uma certa seleção que se processa sobre as características dos seres vivos, é preciso esclarecer que tal crivo é da ordem da natureza, e se coloca sem pretensões de moldar as formas vivas conforme um ou outro parâmetro, sem *designs* preestabelecidos. A propósito, havendo um designer no âmbito da evolução da vida, este é não outra coisa que a morte e, toda a aptidão, os comportamentos e os caracteres vantajosos que se mostram possíveis, são o efeito daquilo que sobreviveu à sua ação.

A diferença em Bergson, em suma, é o elemento medular deste estudo, tornando possíveis as condições para se introduzir, no interior da questão do evolucionismo biológico, um pensamento filosófico tão intenso. A biologia evolutiva, com isso, extrapola o limite do estritamente biológico, e mostra que a evolução da vida é fenômeno prenhe de pensamento filosófico. Inspirado por Bergson, Deleuze (2006a, p. 35) ajuda a reforçar esta ideia: se este olhar sobre o evolucionismo é filosófico, a diferença lhe é urgente *porque fazer filosofia é justamente começar pela diferença [...]. A diferença é o verdadeiro começo.*

REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. **L'évolution créatrice**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.
- _____. **La pensée et le mouvant**. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- _____. **Cartas, conferências e outros escritos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- DARWIN, C. **On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life**. London: John Murray, 1859.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001a.
- _____. **O relojoeiro cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino**. Tradução de Laura Teixeira Motta. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.
- DELEUZE, G. A concepção da diferença em Bergson. In: Lapoujade, D. (Org.). **A ilha deserta e outros textos**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006a.
- _____. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. (1966) Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese físico-biológica. In: Lapoujade, D. (Org.). **A ilha deserta e outros textos**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006b.
- _____. **Le Bergsonisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DENNETT, D. **A perigosa idéia de Darwin: a evolução e os significados da vida**. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DEWEY, J. The influence of darwinism on philosophy. In: **The influence of darwin on philosophy, and other essays in contemporary thought**. New York: Holt, 1910; London: Bell, 1910.
- DOBZHANSKY, T. **Nothing in biology makes sense except in the light of evolution**. The American Biology Teacher 35. March, 1973, pp. 125-129.
- FUTUYMA, D. **Biologia evolutiva**. Sociedade Brasileira de Genética. 2. ed. 1992 c. 1986.
- GOMES, A. B. A. **Bergson e a criação artística**. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.
- GOULD, S. J. **Darwin et les grandes énigmes de la vie**. Paris: Pygmalion, 1979.

_____. **O polegar do panda.** Reflexões sobre história natural. Tradução de Carlos Brito e Jorge Branco. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HAECKEL, E. **História da criação natural ou doutrina científica da evolução.** Tradução de Eduardo Pimenta. Porto: Lelo & Irmão Editores, 1961.

HULL, D. L. **Filosofia da ciência biológica.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

HUXLEY, T. H. **Evolution and ethics and other essays.** Collected Essays. Vol. 9. London: Elibron Classics, 2001.

JACOB, F. **A lógica da vida:** uma história da hereditariedade. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

LAMARCK, J. B. M. **Philosophie zoologique.** 2. vol. Paris: Libraire F. Savy, 1873.

LAPOUJADE, D. **Potências do tempo.** Tradução de Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

MATURANA, H. R. e VARELA, F. **De máquinas e seres vivos:** autopoiese - a organização do vivo. Tradução de Juan A. Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MAYR, E. **Toward a new philosophy of biology:** observations of an evolutionist. ISBN 0-674-89666-1. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

POLITZER, G. **Le Bergsonisme.** Une mystification philosophique. Hollande: Pauvert Éditeur, 1968.

PRIGOGINE, I. **O nascimento do tempo.** Lisboa: Edições 70, 1990.

RUFFIÉ, J. **Tratado do ser vivo.** Vol. II. A verdadeira natureza do gene. Lisboa: Ed. Fragmentos, 1988.

SIMONDON, G. **L'individuation psychique et collective.** Paris: Aubier, 1989.

WHITEHEAD, A. N. **O conceito de natureza.** Martins Fontes: São Paulo, 1994.

WORMS, F. **Le vocabulaire de Bergson.** Paris: Ellipses, 2000.